Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 62.º N.º 20 928
Agosto 1982
Sábado
14
20$00

Morte em Beirute

Crianças evacuadas de um lar na capital libanesa: três morreram de fome e de sede, parte das restantes foram (como estas) transportadas, sem roupa, para um campo de basquetebol da cidade.

Pág. 13

Carlos Antunes e Isabel do Carmo em liberdade

Começar de novo

Pág. 10

Angola

Sul-africanos sobem para a Huíla

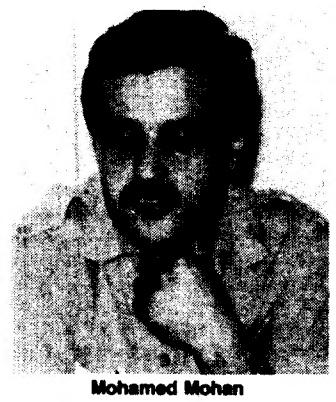
Com argumentos «fixados a papel químico» do general Sharon, que invadiu o Líbano «só» para matar os palestinianos, o general Lloyd, comandante das Forças sul-africanas que continuam a ocupar ilegalmente a Namíbia, confirmou, sem rebuço, que as tropas às suas ordens subiram já do Cunene para a Huíla, em território soberano da República Popular de Angola. A SWAPO resiste, todavia. Três helicópteros das Forças de Pretória foram derrubados. Mas cerca de 400 guerrilheiros e civis terão morrido nesta, mais uma, cruel ofensiva racista. O líder da SWAPO, Sam Nujoma, perante os trágicos acontecimentos, classificou as negociações a cargo do «Grupo de Contacto» (cinco países do «Ocidente») de farsa diplomática.

Págs. 12/13

Polónia

Incidentes e confrontos no aniversário das greves de 1980

Pág. 14



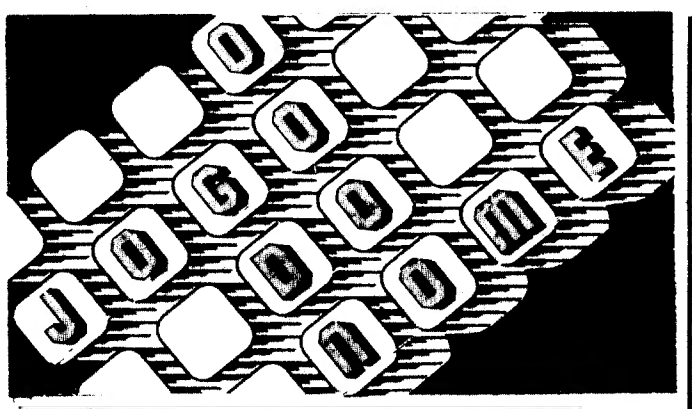
Mohamed Mohan

As eleições são em Setembro

Israel pretende condicionar presidenciais no Líbano ocupado

A instalação de bancos israelitas no Sul do Líbano e as transferências de capitais para ali efectuadas são mais uma demonstração de que Israel pretende «perpetuar» a ocupação – disse ontem em Lisboa Mohamed Mohan, dirigente da juventude libanesa. O jovem libanês afirma que os israelitas pretenderão, agora, influenciar decisivamente as próximas eleições presidenciais no país ocupado, que terão lugar em Setembro próximo, apoiando o candidato falangista. Assim conseguiriam forçar, no Líbano, uma solução política «forte» e pró-israelita. **Pág. 24**

HOJE: CINCO LETRAS



AVISO IMPORTANTE

É essencial indicar no envelope o número do jogo

Como os leitores sabem (e consta no n.º 4 do resumo do regulamento publicado nas páginas interiores) **o sorteio** dos envelopes contendo as grelhas vencedoras **de cada jogo** é feito por extracção manual de uma tômbola onde são metidos todos os que chegarem até às 17 horas do dia do sorteio, e só nessa altura se verifica se estão em ordem. Portanto, **é essencial que, no exterior do envelope, o leitor indique, com um número bem visível, a que jogo está a concorrer:** se ao Jogo 1, se ao Jogo 2, se ao Jogo 3, etc. E não se esqueça: para o Jogo 2, agora em curso, só serve o cupão que tem o número 2 e só servem as letras que começaram a ser publicadas neste Jogo 2, isto é a partir de sábado, dia 7 de Agosto passado.

Terceiro prémio uma arca congeladora Candy EL2

GANHE
fabulosos prémios
Marcas que valem ouro!
GRUNDIG FAGOR
PROGRESS Candy
NR NACIONAL RÁDIO
Representante Oficial

Concurso «DL»/82

Envie as colecções até 24 de Agosto

Terminada a publicação das duas Séries de Cupões e do Boletim de Indentificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

● **O leitor deve usar apenas um boletim** por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● **O BOLETIM DE INDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de indentidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.

● **O TALÃO RECIBO** deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 10$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).

● **O PRAZO DE ENVIO** termina em 24 de Agosto de 1982 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviada para

DIÁRIO DE LISBOA – CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

● **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

● **O APURAMENTO DAS COLECÇÕES** será feito entre 3 e 10 de Setembro sendo esta última a data prevista para o sorteio.

DL
ASSINATURAS E NÚMEROS ATRASADOS
Rua Luz Soriano; 17

— • —

Horário: 09.00 às 13.00 e 14.00 às 17.30

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

CONTINUA
A LIQUIDAÇÃO TOTAL
DA EXISTÊNCIA

NA STOP

RUA DO OURO, 260 — LISBOA
BIKINIS.....desde 35$00
BIKINIS 100% ALGODÃO C/RENDA 65$00
CAMISA DE NOITE.....DESDE 250$00
ROBES TURCOS ..... 850$00
ROBES VELUDO ..... 997$50
SAIOTES..... 147$50
PIJAMAS MALHA ..... 497$50
PRONTO A VESTIR * MALHAS

A cidade em (des)construção: esta foto de Michel Ott (Dortmund), ganhou o prémio «Europhot» do concurso «Cidades para Viver», na categoria de estudantes de escolas de fotografia

As grandes cidades do ano 2000 fora da Europa

Não se pode falar do futuro das cidades, sem primeiro evocar o extraordinário crescimento urbano do século XX, sublinhanod simultaneamente, de passagem, que as mais poderosas concentrações urbanas, principalmente situadas na Europa e nos Estados Unidos estarão no ano 2000, em grande parte, no Terceiro Mundo.

COM efeito, basta recordarmo-nos de que foram necessários mais de 30 séculos para que a maior cidade do mundo passasse de 100 000 habitantes para um milhão e que em 1875, entre as seis concentrações «milionárias», quatro eram capitais europeias (Londres é a primeira com quatro milhões de habitantes, seguida por Paris, Berlim e Viena), sendo as outras duas Nova Iorque e Pequim.

A lista das trinta e cinco cidades mais habitadas incluía em 1875 dezoito cidades europeias; cem anos mais tarde, apenas integra oito. Durante este século, a mais pequena destas trinta e cinco concentrações urganas passou de 300 000 para 1 000 000 de habitantes.

Este movimento simultâneo de concentração urbana e de deslocamento geográfico é ilustrado pelo facto da população londrina se manter mais ou menos estável no decorrer dos últimos trinta anos, enquanto que a de São Paulo e de México praticamente quadriplicaram.

Este movimento ainda não terminou, pois segundo estimativas das Nações Unidas, entre as quinze cidades mais povoadas do ano 2 000, nenhuma se situará na Europa, mas doze pertencerão a países do Terceiro Mundo. À frente, México, com... trinta e um milhões de habitantes, seguida de São Paulo com 25,8, Tóquio com 24,2, Nova Iorque com 22,8 e Xangai com 22,7...

Deixarei ao leitor o trabalho de imaginar as consideráveis ameaças que poderão pairar sobre tais concentrações, em virtude dos problemas de abastecimento, transporte, acção administrativa e social, etc. ...

Regressemos à Europa, para referir, em primeiro lugar, a origem das concentrações urbanas, associadas ao desenvolvimento do comércio (os grandes portos de Liverpool, Nápoles, Hamburgo, Marselha), ao desenvolvimento dos centros industriais (Glasgow, Manchester, Birmingham), aos imensos complexos como o do Ruhr, e aos grandes centros administrativos e culturais (Viena, Paris).

Prestígio em declínio

A concentração urbana na Europa está, pois, estreitamente associada ao desenvolvimento industrial, às tecnologias pesadas e à instalação dos centros administrativos e financeiros.

O desenvolvimento industrial implicou uma concentração demográfica, de modo que era necessário «subir» à cidade para aí encontrar emprego, e ter alguma hipótese de ascender a um escalão social superior.

Mas o prestígio das grandes cidades declinou progressivamente, à medida que os inconvenientes de excessivas concentrações urbanas se tornavam mais intoleráveis, em virtude da deterioração da qualidade de vida dos citadinos. Em contrapartida, o acesso aos modos de vida urbana tornou-se lentamente mais difuso, e este movimento de re-organização rompeu parcialmente a dicotomia entre o urbano rico e civilizado e o pobre camponês de mãos sujas...

O congestionamento do tempo e do espaço nas grandes aglomerações desencadeou um crescente desejo de evasão, inicialmente episódico, para o campo. Necessidade de calma e horizontes verdes, procura de novas raízes e de amizades menos fugidias, é o que a maioria dos europeus manifesta: com tudo isto, o desejo de abandonar os complexos demasiado vastos e demasiado anónimos e de se instalar em cidades de dimensão média.

Unidades mais pequenas

Este desejo poderia encontrar nos próximos anos os meios de se realizar, nomeadamente graças ao desenvolvimento de uma sociedade pós-industrial, mais centrada nas actividades terciárias e beneficiando de tecnologias que permitam produzir eficazmente em pequena escala, simultaneamente ligados por redes de comunicação cada vez mais elaboradas.

O cidadão do ano 2 000 é muitas vezes antevisto como um homem caseiro, garantindo, sem abandonar o seu domicílio, todas as operações que o seu trabalho exige, de modo que conceber à distância as peças que um robot longínquo executa, transmite as suas ordens, gere as suas contas e, por fim, se encontra com os amigos em tele-conferências.

Numa palavra, as exigências da produção, da comunicação e da inserção social, não serão mais as mesmas.

E os factores que impuseram ontem as grandes concentrações urbanas, militam hoje a favor da descentralização e do desenvolvimento de unidades mais pequenas, cuja dimensão humana serve a economia, salvaguarda os equilíbrios ecológicos e territoriais, respondendo simultaneamente à legítima aspiração dos europeus em quererem regressar ao campo, e escapar às excessivas condicionantes de uma vida sem espaço de liberdade suficiente.

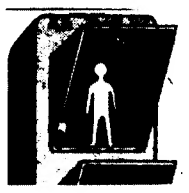
Isso não significa, todavia, que as cidades desaparecerão em proveito de «habitats» autónomos e dispersos. Por uma razão de espaço, mas também porque a cidade, ontem no apogeu, talvez se venha a tornar o lugar escolhido pelas suas luzes e não mais pelos seus fumos negros.

Hugues de Jouvenel
Director de «Futuribles»
(Paris)

COMPRA-SE

Empilhador eléctrico em 2.ª mão
Capacidade 1200 kg
Preferência com pinça para manusear papel

Resposta a este jornal, ao n.º 28 705



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização lumínosa

A AD e as Forças Armadas

Herculano Gomes

A Revolução do 25 de Abril está historicamente associada à instauração (ou restauração, se quiserem) da democracia, em Portugal.

Poder-se-á limitar o alcance desta afirmação, alegando que o processo de democratização iniciado com o 25 de Abril ainda não chegou ao seu termo. Mas isso é outro problema. Problema que, se, para uns, consiste em consolidar as conquistas democráticas alcançadas através da Constituição de 1976, para outros consiste, simplesmente, em destruí-las. Este último parece ser o problema dos vários sectores políticos da A.D., não obstante a posição inicial do P.S.D., que, pelos olhos de muitos dos seus deputados e do seu, então, chefe carismático (Sá Carneiro), via naquela Constituição a correcta expressão do projecto social-democrata.

Além do clausulado económico, o que a A.D. mais frontalmente põe em causa, nesta Constituição, é aquilo que insiste, embora impropriamente, em chamar a «tutela militar», representada especialmente pelo Conselho da Revolução. Curiosamente, desses dois fantasmas, o que mais parece incomodá-la é o Conselho da Revolução (particularmente quando este se afirma solidário com o Presidente da República na defesa da legalidade democrática). O facto é tanto mais de estranhar quanto é certo que nenhum partido político, nem o próprio C.R. têm advogado a manutenção indefinida deste órgão do poder. Este assunto deveria merecer dos nossos analistas políticos uma atenção mais demorada, na medida em que parece denunciar a persistência, no seio da A.D., de um fundo ressentimento contra o papel desempenhado pelas Forças Armadas no processo revolucionário iniciado com o 25 de Abril. Se não se justifica a existência deste «ressentimento», muito menos se compreende a sua persistência. A menos que...

Atendendo à ênfase que na A.D. se dá hoje à subordinação das Forças Armadas ao poder executivo, dir-se-ia que as Forças Armadas cometeram em 25 de Abril de 1974 um grave crime de insubordinação e que essa situação de insubordinação, prolongada até hoje através da existência do Conselho da Revolução, só cessará com o regresso de todos os militares aos quartéis e a sua inteira e directa submissão àquele órgão político. Queixa-se a A.D. de que o País tem vivido, desde o 25 de Abril, sob «tutela militar». E identifica o tipo de tutela exercido pelas nossas Forças Armadas com o modelo de ditadura militar frequentemente exercido pelas forças armadas de alguns países sul e centro-americanos. Trata-se, como é evidente, não só de um erro grosseiro como de uma provocação intencional. Tal comparação envolve um insulto não só às Forças Armadas Portuguesas, mas também ao Povo deste País que, como se sabe, inequivocamente, ratificou, no 1.º de Maio, a acção militar do 25 de Abril. Actos como, por exemplo, o de Pinochet, derrubando um governo livremente eleito pelo povo chileno, não se comparam à Revolução portuguesa de Abril, feita para derrubar uma ditadura e restaurar a democracia. Sob este aspecto, a atitude da A.D. constitui uma demonstração de falta de sentido das realidades, particularmente da falta de sentido da realidade histórica.

A situação criada com o 25 de Abril – que, acentuamos, não foi um «golpe militar», mas a restauração da legalidade democrática – enquadra-se perfeitamente dentro das condições de legitimidade previstas, até, nessa bíblia da democracia que é o «Contrato Social», de Rousseau.

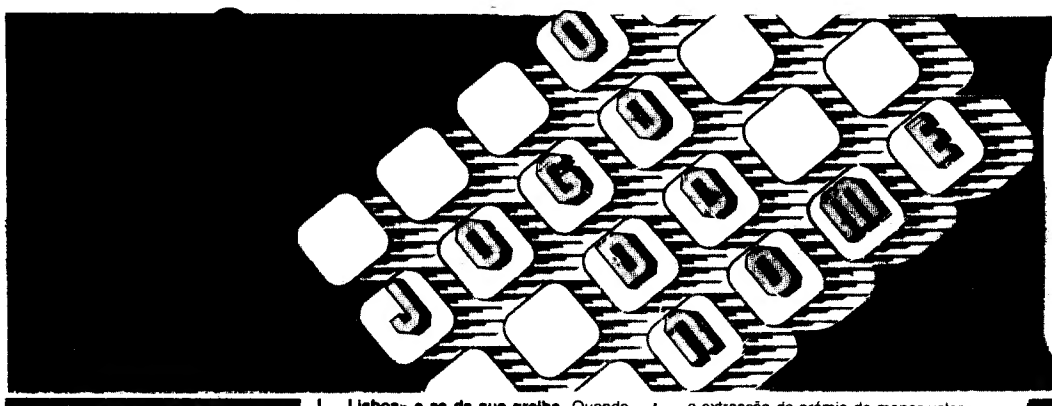
No âmbito do processo de restauração da legitimidade democrática, poderão incluir-se as medidas destinadas a evitar que o poder político continuasse a ser manipulado pelo poder económico, o que, a verificar-se, viciaria, desde logo, a autenticidade do processo de restauração democrática. E nesse mesmo âmbito poderá ainda incluir-se a criação de um órgão como o C.R., destinado a velar pelo cumprimento da Constituição e pela consolidação da democracia. O papel que a Constituição de 1976 atribuiu aos militares de Abril não resultou, com efeito, de uma exigência unilateral das Forças Armadas. Ao chamarem os militares a participar, de uma forma institucionalizada, na defesa da Constituição da República, os deputados da Constituinte não fizeram mais do que interpretar correctamente a vontade do Povo português, de quem eram, aliás, os legítimos representantes. Constituirá, porventura, esta forma de participação uma forma de tutelagem da sociedade civil? Assim seria, com efeito, se a intervenção dos militares se processasse à margem da ou contra a Constituição. Mas não se esgotaria ela, precisamente, na estrita observância da Lei Geral que geria, e gere, a sociedade portuguesa? Poder-se-á, porventura, culpar o Conselho da Revolução por respeitar a Constituição e por velar, como lhe competia, pelo seu cumprimento? Pois essa é outra das agravantes com a qual a A.D. pretende avolumar as culpas, e, portanto, as penas do C.R.; e, por extensão, as penas e as culpas das Forças Armadas. Mas há, para a A.D., antes dessa, uma agravante ainda maior: a pressão das Forças Armadas na elaboração e na aprovação do actual texto constitucional. Ora, sabendo-se como se sabe que os deputados do P.S.D. deram, em 1976, o seu voto a essa Constituição e a consideraram, nessa altura, mesmo como modelar, do ponto de vista social-democrático, teremos que concluir que o P.S.D. actual, rejeitando a parte que lhe cabia na paternidade da Constituição de 1976 e atribuindo-a à pressão das Forças Armadas, está, na verdade, a renegar-se a si próprio e a tentar atribuir a forças estranhas aquilo que ressalta da sua já notória falta de identidade política.

Em boa verdade se poderá dizer que, antes da Constituição de 1976 e exceptuando o com-

Continua na pág. 4

O leitor para participar no JOGO 2, deverá enviar **apenas cupões deste mesmo jogo** (e não do Jogo 1, já terminado, ou do Jogo 3, que começará no próximo sábado) e **indicar bem claramente no exterior do envelope o número** do Jogo do Nome a que está a concorrer.

Sugerimos que envie as suas participações pelo correio, **mas se quiser, pode entregá-las pessoalmente** nas dependências do «DL» sitas na Rua Luz Soriano, n.º 15, em Lisboa (horas de expediente) até às 17 horas do dia do sorteio de cada jogo.



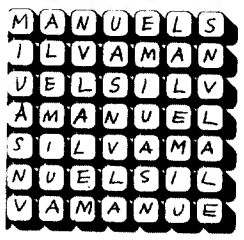
LETRAS DO JOGO 2

V I Q M P

SÁBADO, 14 DE AGOSTO

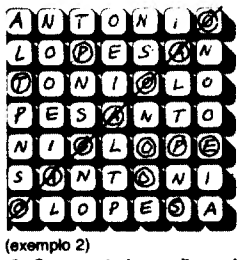
RESUMO DO REGULAMENTO

1. **Inscreva o seu primeiro nome e o seu último apelido, em continuo, na grelha publicada ao lado (7X7 quadrados em branco) dentro do cupão** – uma única letra maiúscula por quadrado – até preencher completamente a grelha. Suprima todas as pontuações, apóstrofos, cedilhas, traços de união. (exemplo 1). Use rigorosamente e apenas o seu primeiro nome e o último apelido, tal como figuram no bilhete de identidade actualizado ou cédula pessoal.



(exemplo 1)

– Manuel Cristóvão Marques da Silva
Primeiro nome: MANUEL
Último apelido: SILVA



(exemplo 2)

2. **Compare todos os dias as letras sorteadas e publicadas no «Diário de Lisboa» e as da sua grelha.** Quando uma letra publicada figurar na sua grelha, marque-a com um círculo. Se a letra aparecer várias vezes na sua grelha (o que com certeza acontecerá), só poderá marcar uma delas. Por exemplo, se o nome é «Manuel Silva» e uma das letras publicadas é um «L», só poderá marcar com um círculo um só dos «L» da grelha. Como as letras são tiradas à sorte, podem sair repetidas no mesmo dia. Neste caso, o leitor pode marcar com um círculo duas letras iguais (ou mais, se sairem três letras repetidas). ATENÇÃO: as letras publicadas só contam para o jogo a que correspondem.

3. **Quando conseguir completar uma linha de 7 letras,** na vertical, na horizontal ou em diagonal (exemplo 2), **preencha o cupão e envie-o para o «Diário de Lisboa»** dentro de um envelope dirigido a **O Jogo do Nome e apenas com um cupão em cada envelope. Atenção:** se houver mais de um cupão no envelope sorteado, esses cupões serão todos anulados.

O Jogo do Nome desenrola-se em 6 jogos de duas semanas cada, independentes uns dos outros e cada um com uma lista de magníficos prémios das marcas Grundig, Candy, Fagor e Progress, representados por Nacional Rádio, SARL. O leitor está convidado para participar em todos os Jogos e... traga a sua família.

Os cupões com as grelhas vencedoras deverão estar no «Diário de Lisboa» até às 17 horas do dia do sorteio, que será sempre na quinta-feira seguinte à sexta-feira em que termina o Jogo. Portanto **é conveniente que, se tiver conseguido uma linha vencedora, o leitor meta no correio a sua carta o mais tardar até à segunda-feira que antecede o sorteio.**

Veja junto ao cupão as indicações das datas para cada jogo.

4. **As cartas contendo as grelhas vencedoras de cada jogo serão introduzidas num tambor e submetidas a um sorteio por extracção manual,** de tantas cartas quantos os prémios de cada jogo, verificando-se então se estão nas condições previstas no Regulamento, sem o que serão anuladas. No caso de ao mesmo concorrente ser atribuído mais de um prémio, será anulada a extracção do prémio de menor valor. **Este sorteio será feito na primeira quinta-feira seguinte ao termo de cada jogo** e os resultados serão publicados no DL do dia seguinte, sendo ainda feita uma comunicação postal do facto a cada premiado.

5. **Haverá um prémio especial de três libras de ouro para o premiado que tiver conseguido obter a sua linha vencedora mais cedo.** Para isso há um local no cupão que deverá ser preenchido pelo leitor com a indicação do dia em que conseguiu obter a sua linha vencedora, dia que será verificado pelas entidades fiscalizadoras do passatempo O Jogo do Nome. No caso de vários premiados terem terminado a sua linha vencedora no mesmo dia, proceder-se-á a um mini-sorteio, também por extracção manual, entre esses premiados, para determinar a quem serão entregues as três libras!

6. O cupão contendo a grelha de participação será publicado todos os dias durante as doze semanas abrangidas pelos 6 jogos e **o leitor pode a qualquer momento entrar no jogo.** Basta ler o «Diário de Lisboa» e comprar um (apenas um) exemplar que lhe proporcionará o cupão necessário para concorrer a cada jogo.

7. Os trabalhadores da Renascença Gráfica, SARL («Diário de Lisboa») não podem participar no passatempo **O Jogo do Nome.** Nenhuma correspondência será trocada sobre o concurso para além das cartas que, após cada sorteio, serão enviadas aos premiados. **As letras sorteadas não serão em nenhum caso comunicadas por telefone ou por escrito, e serão publicadas apenas uma vez no «Diário de Lisboa», no seu dia respectivo.**

8. Em princípio, **as letras sorteadas serão: 5 letras aos sábados, 3 letras nos restantes dias da semana** (excepto o domingo, em que o «Diário de Lisboa» não se publica). Os jogos começam sempre a um sábado e terminam sempre na segunda sexta-feira seguinte.

© 1975, 1976-Ken Hecht
© Sob UCC-1975, 1976-Ken Hecht International Copyright Secured Reservados todos os direitos

Segunda-feira 3 novas letras

Jogo 2

CONSEGUI COMPLETAR A LINHA VENCEDORA DE 7 LETRAS NO DIA _____

NOME .....

MORADA .....

..... (TEL. .....)

Preencha cuidadosamente este cupão com o seu nome exactamente como figura no Bilhete de Identidade ou na Cédula Pessoal, bem como morada, telefone . Indique também o dia em que conseguiu completar a linha vencedora de 7 letras para se habilitar ao «Prémio Especial» e **ENVIE O MAIS CEDO POSSÍVEL, MAS SEMPRE DE FORMA A CHEGAR ÀS NOSSAS MÃOS ANTES DAS 17 HORAS DO DIA DO SORTEIO DO JOGO**

SÓ UM CUPÃO EM CADA ENVELOPE

ENVIE PARA
«Diário de Lisboa»
«O Jogo do Nome»
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

PRÉMIOS

em Marcas que valem ouro!

GRUNDIG Candy FAGOR PROGRESS

Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

Jogo 2 – datas a fixar:

INÍCIO ..... sábado, 7 de Agosto
TERMO ..... sexta-feira, 20 de Agosto
ENVIO PELO CORREIO até segunda-feira, 23 de Agosto
DIVULGAÇÃO DOS PREMIADOS sexta-feira, 27 de Agosto

A AD e as Forças Armadas

Continuação da pág. 3

portamento de uma pequena minoria de elementos mais fogosos (à esquerda e à direita), as Forças Armadas conduziram o processo revolucionário com um equilíbrio e um sentido histórico exemplares. Poder-se-á mesmo dizer que elas não quiseram forçar os acontecimentos ao evitar a imposição antecipada ao País de um regime expressamente socialista. É verdade que, depois de fixada a letra da Constituição, aceitaram defender um regime de economia mista subordinada ao objectivo de «assegurar a transição para o socialismo, mediante a criação de condições para o exercício democrático do poder pelas classes trabalhadoras». Mas, quanto a este último aspecto, a aceitação de uma evolução política no sentido do socialismo, longe de constituir uma violência doutrinária, constitui o reconhecimento duma realidade histórica.

Uma figura insuspeita, bastante conhecida entre nós, Maurice Duverger, diz, a este respeito, o seguinte: «... a evolução tende para o socialismo, por um processo que pode resumir-se assim: 1.°, o desenvolvimento técnico permite a organização global de economia; 2.°, esta organização global é mais eficaz do que os ajustamentos aproximativos que ressaltam da concorrência; 3.° não pode ser realizada num sistema capitalista; 4.°, este torna-se menos eficaz para satisfazer o conjunto das necessidades sociais e individuais; 5.°, tende, pois, para desaparecer, em benefício de um sistema de produção planificada, implicando o desaparecimento do poder dos proprietários de firmas, quanto às decisões fundamentais (volume dos investimentos, orientação da produção, etc.). Dito isto, são concebíveis duas formas de socialização: a pura e simples supressão da propriedade privada dos instrumentos de produção, isto é, o socialismo no sentido corrente, ou a diminuição das prerrogativas dos proprietários, aliás mantidos na sua função.

«O socialismo pode seguir dois caminhos na sua evolução para o socialismo, análogos aos que seguiu a autocracia para dar lugar à democracia: o caminho da república ou o caminho da monarquia britânica. Pode-se imaginar qe os proprietários de firmas tenham um dia, nas suas empresas, tantos poderes como actualmente a rainha da Inglaterra. Esta evolução já começou em muitos países ocidentais, em que a empresa deixou de ser uma monarquia absoluta para se transformar numa monarquia constitucional. François Bloch-Lainé criou a teoria deste capitalismo «orleanista». Se o movimento prosseguir até ao seu termo, resta saber por que motivo se justificaria a manutenção dos monarcas-patrões e a da sua «lista civil», isto é, dos seus lucros. Todavia, o sociólogo verifica que existem instituições que se conservam muito tempo após terem deixado de ser úteis, contanto que não sejam demasiadamente incómodas».

Não admira que as palavras de Maurice Duverger nos ponham perante uma realidade histórica muito diferente daquela que os doutrinários da A.D. nos querem impingir. Vítimas da dieta mental a que os submeteu o obscurantismo salazarista, estes doutrinários estão incapacitados de relizar qualquer análise válida das realidades do nosso tempo.

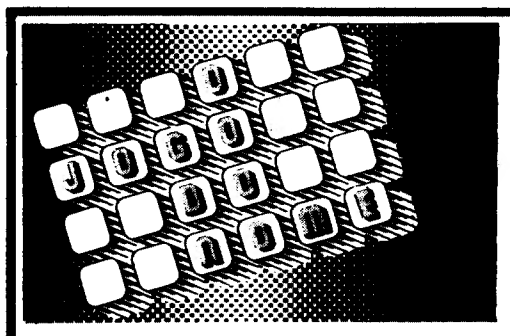
Ignoram, por exemplo, que muitos dos contributos do marxismo (entendido como esforço de cientificação da teoria e da prática socialistas e não como crença) fazem hoje parte das aquisições das ciências sociais e que, rejeitando-as sistematicamente, eles próprios estão a privar-se de alguns dos instrumentos conceptuais mais úteis para a análise da realidade social.

Na verdade, a grande razão de queixa da A.D. contra as Forças Armadas reside no facto de estas terem feito a Revolução de Abril. A A.D. não quer confessar nem reconhecer esta verdade porque, fazendo-o, deixaria cair a máscara atrás da qual esconde a sua cumplicidade com o salazarismo e com a rede de interesses que o prolonga. Em suma, o ressentimento da A.D. contra as Forças Armadas é inseparável do ressentimento da AD contra o 25 de Abril. Simplesmente, o 25 de Abril está feito e não é possível voltar atrás para fazê-lo doutra forma. Ele reabilitou o nosso povo duma política colonialista condenada pela opinião pública mundial e o congraçou com as próprias vítimas do colonialismo. Ele é um marco positivo na História de Portugal e do Mundo.

Contra esta ordem de factos, bem quis a A.D. lutar, forjando novos factos. Mas a forja era tão má que, frequentemente, o feitiço se virou contra o feiticeiro, como aconteceu, por exemplo, no caso da candidatura do general Soares Carneiro.

As instituições também evoluem e escusado será dizer que as Forças Armadas que fizeram o 25 de Abril não voltarão mais a ser o que foram antes dessa data. O 25 de Abril não aumentou apenas a folha de serviços que prestaram à Pátria, mas também as suas responsabilidades em relação ao futuro. Manda, porém, o bom-senso que, em vez de ficarem entregues apenas ao sentido do dever, subjectivamente concebido, essas responsabilidades fiquem institucionalmente consignadas. De que modo? Compete aos senhores deputados decidi-lo. Mas estamos convencidos de que uma forma inteligente de consegui-lo consistiria em dar às Forças Armadas uma representação condigna no Tribunal Constitucional.

Implicaria isto uma nova concepção da ética profissional militar? E porque não? Não há modelos eternos. O modelo que a A.D. pretende restaurar é o de umas Forças Armadas reduzidas ao papel de «cão de guarda» dos interesses privados. Será esta, também, a imagem que no P.S. se faz da instituição militar?



ESTES SÃO OS SENSACIONAIS PRÉMIOS JOGO 2

O jogo 2

O leitor já conhece as regras: são as mesmas do Jogo 1 e serão as mesmas nos próximos jogos. Três letras de segunda a sexta e cinco ao sábado, num total de 40 letras por jogo. Veja as datas junto do cupão, envie só um cupão por envelope quando conseguir a linha vencedora e, não esqueça, as letras repetidas só contam quando saem no sorteio mais de uma vez. Divirta-se neste jogo inocente que lhe dará prémios magníficos de marcas representadas pela NACIONAL RÁDIO. Jogue connosco!

E se tiver alguma dúvida, telefone-nos: não lhe diremos as letras sorteadas, mas poderemos esclarecê-lo, no que respeita ao regulamento do Jogo do Nome.

Candy PROGRESS

das Conceituadas Marcas ...que valem ouro!

GRUNDIG FAGOR

PRÉMIO ESPECIAL PARA O PREMIADO MAIS RÁPIDO

De entre os 25 premiados, o mais rápido a completar a linha vencedora receberá 3 libras de ouro, no valor aproximado de 25 contos. É um prémio especial que lhe oferece a NACIONAL RÁDIO! (Veja o n.º 15 do Regulamento na página anterior).

3.º PRÉMIO DO JOGO 2

Uma arca congeladora Candy EL2 no valor de 30.450$

Capacidade 210 litros, 13 kg de capacidade de congelação por cada 24 horas, acabamento interior em alumínio Roll Bond, compartimento de congelação rápida, termostato regulável, indicador de temperatura superior à escolhida, interruptor para congelação rápida, tempo de descida compensada e vedação magnética hermética, 1 cesto, condutor de saida de água. Dimensões: 84 cm de altura, 76 de largura e 64 de profundidade incluindo a grelha.

Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

3 LIBRAS DE OURO!

Jogo 2 – lista de prémios

1.º – Um CONJUNTO HI-FI GRUNDIG CC430+2/Box 350	48.100$00
2.º – Uma MÁQUINA DE LAVAR LOUÇA FAGOR VI 5300	39.800$00
3.º – Uma ARCA CONGELADORA CANDY EL2	30.450$00
4.º – Um TELEVISOR GRUNDIG Portátil P1722, Preto e Branco .	16.700$00
5.º – Um RÁDIO DE MESA GRUNDIG RF 740	9.350$00
6.º a 10.º – Um RÁDIO GRAVADOR Portátil GRUNDIG RR 250	cada 8.250$00
11.º a 15.º – Um EXTRACTOR DE SUMOS PROGRESS K28	cada 6.400$00
16.º a 25.º – Um RÁDIO GRUNDIG Portátil PARTY BOY 700	cada 4.100$00

Carta aberta ao dr. Francisco Pinto Balsemão

Vasco da Gama Fernandes

1 – Se me lembro? Claro que me lembro do dr. Francisco Pinto Balsemão, à frente do jornal «Expresso» que, a despeito de não ser minha a linha do semanário, a verdade é que ele era uma voz contestatária. Também me lembro do deputado Pinto Balsemão, um dos pilares da ala liberal da famigerada Assembleia Nacional, juntamente com Sá Carneiro, Pinto Leite (que falta nos faz este rapaz!), Magalhães Mota e Miller Guerra opondo-se, com poucos mais, ao marcelismo-salazarento, violador das promessas da liberalização e deixando-se ficar na órbita da repressão: a guerra colonial sem horizontes, a Pide reforçada nas violências, a censura igualmente feroz.

Seja como for vocês reagiam e aqueles que, como eu, não eram, nem são vossos correligionários, não deixávamos de admirar a vossa valentia cívica.

O País ficou-lhes a dever uma boa jornada de esclarecimento e ao 25 de Abril não foi indiferente as vossas tarefas.

Tempos antes, ou tempos depois, o dr. Balsemão insistiu comigo para eu ser um dos colaboradores do semanário. Não calhou porque a minha vida profissional e as minhas actividades políticas não me permitiam a dispersão.

Veio o 25 de Abril e já aí estranhei não os encontrar, com uma ou outra excepção, nas ruas de Lisboa.

Claro que não esperava encontrar o prof. Freitas do Amaral nem o dr. Beiroco. Admito que muitos estivessem em casa a ouvir a telefonia enquanto eu e outros, como eu, já nos encontrávamos em frente do quartel do Carmo sendo justo assinalar que também ali se encontravam o dr. Sousa Tavares, então em ablativos de socialismo democrático, a que viria a aderir, e hoje é um homem que não entendo, naturalmente por culpa minha.

O processo caminhou e bastante tempo depois sem a vossa presença na luta de rua contra os desmandos do então governo e ouviria da boca de Sá Carneiro, no Terreiro do Paço, um estridente «viva ao socialismo».

Não estou aqui para fazer a história de tudo quanto se passou mas registarei que a vossa aparição parlamentar foi de certo modo uma revelação nas Constituintes. Vocês aprovaram a Constituição socialista, não hostiizaram a reforma agrária e não recusaram o vosso voto ao artigo 1.º ou seja «a transformação para uma sociedade sem classes».

Como se não bastasse esta tomada de posição no vosso grémio inseriam-se figuras cimeiras da Democracia e resistentes antifascistas: um Emídio Guerreiro, um Artur Santos Silva, um Olívio França, um Artur Cunha Leal. «Et j'en passe». Estes eram dos nossos desde sempre.

Lá que foram enganados viu-se depois. E, depois, também, mais tarde, surgiram os do grupo Magalhães Mota e andava de mão em mão uma coisa que se chamava as «Opções inadiáveis» de que você era um dos fautores.

Afinal os outros optaram e você ficou e segundo parece para sempre. Que pena mas a verdade é que ficou mesmo.

Recordo-me também das nossas viagens ao estrangeiro em missões da Assembleia e igualmente tenho na retina o seu convite para um «coktail» precisamente no dia seguinte à minha eleição para Presidente daquele órgão de soberania.

Limito-me a constatar os factos e o juízo que o faça outrem.

Sem dúvida que o dr. Balsemão não era já o mesmo. Viria a ser ministro no gabinete de Sá Carneiro e acabaria, embora discretamente, por apoiar a candidatura detestável de Soares Carneiro, tendo antes apoiado a primeira de Eanes.

Quero acrescentar que mau grado as ferroadas, algumas obscenas, do dr. Marcelo Rebelo de Sousa no jornal em questão, isso não contribuiu para deixar de o estimar e admirar.

Claro que você encolhe os ombros e diz para os seus botões ou para os botões dos outros: «Não me ralo».

E tanto não se ralou que aí o tivemos no «governo das promessas» oferecendo a lua ao povo português, parte dele esperançado no «bacalhau a pataco» do dr. Cavaco Silva.

E você foi nisso: colaborou e parece que não se arrependeu porque, embora, fosse derrotado com os seus correligionários na eleição estrondosa do general Eanes, acabou por herdar um cadáver adiado que é o que por aí está, com uma maioria de homens sem passado ou de passado duvidoso – homens do 24 de Abril.

Certo de que não incluo nestes o eng. Ribeiro Telles que conhecera e admirara, pela sua compustura, nos últimos anos do fascismo.

Que querem vocês? O que o povo português não quer sei eu e dizem-no as sondagens e as apoteoses a Eanes.

E você, teimosamente, quer chegar a 84 com um cadáver às costas a putrefazer-se na ambiência de uma crise económica, na carestia da vida e empenhados em destruir pela via do «fascismo constitucional» as conquistas de Abril.

2 – Eu leio-o sempre. Raras vezes perco uma sua intervenção televisiva ou radiofónica e sinto que você não está em forma. «Noblesse oblige» e todos nós somos vítimas dela. O ponto estará em saber parar a tempo, procurar através da cabeça fria o rumo melhor, falar com amigos que podem não ser aqueles que o rodeiam e que se servem de si.

O dr. Balsemão é um homem honesto, não nasceu fadado para a pequena intriga, é um desportista nato. Gosta da vida, o que não é censurável, tem condições para viver mesmo muito bem, tem um lar adorável e certamente que tem bons amigos.

Se me permitisse eu colocá-lo-ia nas bancadas dos deputados porque além de saber falar e saber defender os seus pontos de vista, é bem educado. Tem o sentido da convivência cordial, delicadeza de maneiras, um excelente conversador. Como jornalista é de primeira plana: escreve bem e não é malcriado e tem a par dessas qualidades um pendor acentuado para a solidariedade humana. Mas o que não tem jeito é para Primeiro-Ministro ou mesmo para chefe de partido.

Particularmente não tem jeito para Primeiro-Ministro nessa «bagunça» em que o meteram e que você por «fair play» faz um grande esforço para disfarçar.

Está rodeado de invejosos que o adulam porque não têm outra solução. Aguçam-lhe a vaidade, que é um defeito que todo nós temos, e nos bastidores ou na contracosta anavalham-no, mas, uma vez postos em confronto com as realidades, encolhem-se para tomar balanço.

Não é preciso ir mais longe. Bastam dois exemplos, ou sejam o embate da sua personalidade com a de Freitas do Amaral ou com Ângelo Correia. Você é um liberal humilhado, o primeiro desses senhores é um reaccionário que nem sequer esteve na ala liberal e o segundo o tipo acabado do cabotino: não tem ideias, é palavroso mas é ousado. Quer sempre chegar depressa a qualquer sítio; como engenheiro não traçou uma linha direita a não ser a torta que o levou a uma conezia bancária. Não é tolo mas é tolinho.

O dr. Balsemão está em «sandwiche»: o seu fiambre entalado entre a carcaça de Amaral e o pão de segunda, nem sequer torrado, do inefável Ângelo.

Claro que há mais para a sua desdita. Um partido que começou sob bons auspícios e se transformou numa manta de retalhos, o gueto da conspiração norte-sul de dois de quem nunca se ouviu falar antes do 25 de Abril.

E para completar o ramalhete tem ainda que aturar as reacções desse miúdo atrevido que se chama Santana Lopes.

Já não falo nas ambições descaradas de um Amândio de Azevedo que não é tão inteligente como julga.

O resto são os segundos e terceiros que pouco valem e que embarcam no primeiro cacilheiro que lhe surgir pela frente.

Claro também que há um, pelo menos, de primeira plana moral que não sei o que anda por aí a fazer, de seu nome Nuno Rodrigues dos Santos a quem me liga uma profunda fraternidade. Não o entendo e lastimo-o.

Como se não bastasse tem o dr. Pinto Balsemão de se haver com os anticonstitucionais da sacristia CDS prontos a «passar-lhe a perna».

E, finalmente, para sua desgraça lá tem também os ecologistas monárquicos à procura da monarquia, cantando a Portuguesa e quem sabe se nos intervalos a Grândola Morena.

Isto seria «giro» se não fosse perigoso para si e para o País.

O dr. Balsemão sabe perfeitamente que foi uma simulação as promessas «cavaqueiras» de Outubro e a verdade é que aqui estamos com a maior crise de todos os tempos, o povo português alarmado ou desinteressado e você prossegue sem qualquer convicção porque não quer colocar-se na situação de cangalheiro ou de coveiro, mas a verdade é que prossegue.

3 – Não sei se você gostou ou não daquilo que penso de si. Não pertenço à roda dos seus íntimos mas, repito, tenho por si estima e consideração.

Não se deixe enganar pela obtusidade de João Salgueiro ou pela confusão mental de um homem inteligente que poderá servir para tudo menos para política e que se chama Marcelo Rebelo de Sousa. Poderá ter no seu gabinete homens de valor como Fraústo da Silva ou Futcher Pereira. Coitados, o seu fim está à vista, com a pasta debaixo do braço a caminho ou de uma universidade ou de uma embaixada, sob pena de se queimarem porque chamuscados já começam a estar. Safem-se, enquanto é tempo.

Tal como as coisas estão é que não podem continuar: Temos que refundir a nossa sociedade sob o signo da seriedade, da hombridade, da verdade.

O dr. Balsemão não está perdido. Basta-lhe tomar um bom duche.

Regresse às suas origens de combate pela liberdade, repense, pela leitura e pela observação, aquilo que há muito que fazer. Mas não espere pelo dilúvio até porque a barca de Noé pode estar vazia quando lá chegar. Os ratos têm a presciência dos naufrágios.

Repito, não sei se você gostou ou não gostou daquilo que ficou escrito. Até sou capaz de acreditar que gostou mas já estará completamente bloqueado que não possa lançar o seu grito de Ypiranga sob pena de ser devorado pelas piranhas que andam a nadar em sua volta?

Eu disse o que pensava e não quer colaborar com o silêncio quem de si se despede com sentida cordialidade.

ponto a ponto

● **Vasco Cabral**, secretário permanente do CC do PAIGC, chegou ontem a Lisboa para duas semanas de repouso e conversações oficiais com o PCP. O ex-ministro da Coordenação e Plano da Guiné-Bissau presidirá a uma delegação oficial do PAIGC, que em fins do corrente mês manterá conversações com uma delegação do PCP, dirigida por Álvaro Cunhal. O dirigente guineense deverá, ainda, participar num comício a realizar em Évora.

● Encontra-se também em Lisboa o ministro guineense da Economia e Finanças, Vítor Monteiro. Para além de encontros ontem com o ministro português das Finanças e Plnao, João Salgueiro, e com o Secretário de Estado da Cooperação, Luís Fontoura, o responsável de Bissau foi portador de um convite do **presidente** do seu país, **Bernardo Vieira**, para o secretário-geral do PS, Mário Soares. Indica a ANOP que o dirigente do PS aceitou o convite.

● Uma importante ordem de trabalhos, que incluia questões de assinalável interesse para a população de **Barcelos**, não foi sequer discutida na última reunião da respectiva Assembleia Municipal porque faltaram mais de metade dos eleitos do PSD e CDS. O facto é denunciado pela Aliança Povo Unido daquela cidade que refere o desinteresse daqueles eleitos municipais na «ofensiva pertinaz que há vários anos as forças de direita comandam e executam contra o Poder Local democrático».

● Durante uma visita ao concelho da Ribeira Brava, onde presidiu à cerimónia de inauguração de um posto dos CTT, o chefe do governo regional da Madeira, **João Jardim**, afirmou que a luta política naquela região autónoma vai ser acentuada porque Portugal continental «não resolve os problemas do país». Jardim, que inaugurou também uma estrada, no mesmo concelho, frisou que essa luta dos madeirenses («que não abdicarão da matriz portuguesa») «não se perderá com palavras vãs como aconteceu com a revisão constitucional».

● **A ASDI** vai realizar nos próximos dias 16 e 17 de Outubro, em Lisboa, um colóquio internacional subordinado ao tema «A Europa e o Futuro da Democracia», onde serão debatidas, em quatro secções, questões «relacionadas com os desafios políticos, económicos, sociais e culturais que lançados a todos os homens contemporâneos e, em especial, aos portugueses e europeus».

Segundo aquele partido, foram já convidadas cerca de cinquenta personalidades nacionais e estrangeiras das mais diversas áreas do conhecimento, da cultura e da política.

● Uma delegação da **Assembleia da República** desloca-se em Setembro próximo à Alemanha Federal, a convite da embaixada em Lisboa da RFA. A delegação será chefiada por Leonardo Ribeiro de Almeida (PSD) e integrará Manuel Pereira e Portugal da Fonseca, também do PSD, Carlos Cabral e Miranda Calha, do PS, e Carlos Robalo e Luís Beiroco, do CDS. Segundo fonte do PSD, os deputados portugueses contactarão parlamentares da RFA e deverão discutir a criação de uma associação de amizade entre os dois países.

● O ministro da Educação, Fraústo da Silva, enviou um telegrama de felicitações ao escritor brasileiro **Jorge Amado**, por ocasião do seu 70.º aniversário. O ministro português recorda na sua mensagem que Jorge Amado é «o orgulho das letras brasileiras e honra a língua portuguesa». O autor de «Os Subterrâneos da Liberdade» e da «Gabriela, Cravo e Canela» fez anos no passado dia 10.

A televisão mundial segundo a UNESCO

«Cultura importada» é consequência do desenvolvimento tecnológico

Nenhum outro meio de comunicação inventado pelo homem – como a televisão – teve um desenvolvimento tão impetuoso, nem produziu impactos sociais, económicos e políticos tão significativos.

Em 1936, apenas a Grã-Bretanha transmitia programas regulares. Em 1950, faziam-no cinco países. Esse número aumentou em 1960 para 69, e para 126 em 1970, sendo de 148 em 1979, último ano computado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Estes números constam de uma investigação levada a cabo pela UNESCO para a segunda Conferência Mundial sobre Políticas Culturais («MONDIACULT»), que terminou no passado dia 6 de Agosto.

Juntamente com a transmissão por satélite, que vai deixando as suas «marcas» (zonas receptoras de difusão) pela terra em trajectos que chegavam em 1974 a 359 países, a teledistribuição por cabo, o vídeo-disco e o vídeo-cassete ampliaram notavelmente.

Como todos os grandes progressos modernos da ciência e tecnologia, o mundo da televisão esconde também desigualdades e desiquílibrios, e não poucas surpresas.

Cobertura avassaladora

Um primeiro aspecto que ressalta das estatísticas da UNESCO é que nem todos os países têm televisão. Em África, em 1979, somente 36 de 53 países a tinham. Na América do Norte (aqui a UNESCO inclui a América Central e as Caraíbas) havia televisão em 29 de um grupo de 36 países. Na América do Sul, só as ilhas Maurícias e a Guiana é que a não tinham. Nesse mesmo ano, apenas dois ou três países asiáticos não tinham Televisão. Oito pa´e territórios da Oceania (de um total de 19) dispunham desse meio. Na industrializada Europa só a Santa Sé não possuia serviços televisisvos.

Um segundo aspecto referente à distribuição dos receptores de televisão no mundo assinala uma desigualdade entre

Continua na pág. 20

Expressamente confidencial

- **Anuncia-se,** *em meios oficiais, que na próxima semana será produzido um «facto político novo». Adianta-se que esse «facto político novo» ocorrerá na área da AD ou nela terá especial incidência. Garantem-nos, todavia, que se não trata de um novo documento redigido pelos «críticos», nem da renúncia do dr. Francisco Balsemão à presidência do PSD.*

- **O eng. Ângelo Correia** *está decepcionado. As brigadas terroristas que em sonhos o perseguiam decidiram suspender as operações, ao que consta, por motivo de férias.*

- **Naõ está esclarecido** *se as questões que preocupam a secretária de Estado da Família são públicas ou privadas. Também quanto à Secretaria de Estado do Ambiente fala-se de «poluição política» compensada por «despoluição familiar».*

- **O dr. Mário Soares,** *segundo informam de Estocolmo, quando do aniversário do seu dilecto colaborador Rui Mateus, ofereceu-lhe um* **telex.** *O presente foi muito apreciado.*

- **Não é verdade** *que esteja de partida para Comunidades em parte incerta de um qualquer continente, o secretário de Estado José Vitorino. Informam-nos que foi para o Algarve, sua província natal, passar férias. Bem as merecia, aliás, obrigado, como tem sido, a tão constantes viagens.*

- **Naõ tem confirmação** *que o próximo livro, necessariamente um sucesso, da jornalista Maria João Avilez, tenha como assunto a vida e a personalidade de Nuno Rocha.*

- **A escritora Natália Correia** *prepara um livro. Título provável: «Um processo disciplinar... indesejado».*

Balsemão foi ontem a Belém

Extinção da ANOP discutida com o Presidente Eanes

O Primeiro-Ministro Pinto Balsemão disse ontem, à saída de Belém, que «serão encontradas soluções» para as dificuldades da assistência social, cujo défice previsível no fim do ano – revelou – é de alguns milhões de contos.

Balsemão acrescentou que o assunto está a ser estudado pelo Executivo (foi abordado no Conselho de Ministros de quinta-feira) e que as dificuldades serão resolvidas, «pois não se admite que aqueles que mais necessitam e menos poder reivindicativo possuem fossem prejudicados».

Na audiência com o Presidente da República foram fornecidos dados sobre a situação económica portuguesa, pedidos na reunião anterior pelo presidente, e foram debatidos aspectos ligados com o problema da ANOP e ainda o caso de Timor.

Balsemão considerou que o PR «está suficientemente esclarecido sobre a ANOP» pelo Governo e endossou a pergunta para Ramalho Eanes. «O Presidente poderá dizer mais do que eu» – afirmou.

O problema da falta de água de alguns concelhos – disse o Primeiro-Ministro – «depende das medidas de contenção dos consumidores e das que os municípios tomarem para a gestão dos recursos hídricos, nesta fase», admitindo que «o problema tem solução».

O relatório sobre o Primeiro de Maio, enviado esta semana à Presidência da República, foi «rápida e ligeiramente abordado», devendo ser alvo de posterior conversa.

Balsemão não adiantou elementos sobre aquele relatório, por não considerar o momento oportuno, uma vez que «pode haver uma sequência ao relatório que envolva segredo de justiça, que há que respeitar».

A conclusão do processo de revisão constitucional, consumada quinta-feira pelo Parlamento, não foi abordada no encontro com Eanes – disse Balsemão.

A propósito da notícia de um vespertino lisboeta acerca da criação de um partido liberal, Balsemão teceu dois comentários.

O primeiro lembrando que o mesmo órgão de Comunicação Social repudiara na véspera a notícia como falsa, e o segundo afirmando que «um partido liberal não teria espaço em Portugal, neste momento, porque ser liberal nos anos 80 é ser social-democrata».

Quanto à alegada conspiração contra a República Popular de Angola, o Primeiro-Ministro disse não existir qualquer elemento novo, estando a Polícia Judiciária a proceder a um inquérito, tal como o Serviço de Estrangeiros.

Para debater novas instituições políticas

Parlamento volta a reunir-se em 15 de Setembro

A lei de revisão constitucional deverá entrar em vigor nas primeiras semanas de Outubro, se o Presidente da República não demorar mais de 15 dias a sua promulgação, afirmaram os deputados Nunes de Almeida (PS) e Margarida Salema (PSD).

Entretanto e a partir de 15 de Setembro os deputados à Assembleia da República voltarão a reunir-se para uma sessão suplementar de trabalho que terminará a 15 de Outubro, altura em que se inicia a terceira sessão legislativa da II Legislatura.

PSD

Entretanto, o Secretariado Nacional do PSD tornou público um comunicado em que se congratula pela aprovação do clausulado final da revisão constitucional, afirmando que «Portugal é a partir de agora uma democracia plena».

Depois de inventariar os vencedores (o povo português e os partidos democráticos) e os vencidos (o Partido Comunista, o general Eanes e a maioria do CR) do processo de revisão constitucional, aquela estrutura do PSD salienta que «é tempo em definitivo, de reassumirmos inequivocamente a liderança social-democrata de 1980».

Segundo o mesmo comunicado, «os portugueses todos... têm o direito de exigir as reformas prometidas, que as esperanças de 79 e 80 comecem a ser realidade».

Entrevista de Rebelo de Sousa

AD deve continuar até 1984 mas ele sai em 1983

O ministro dos Assuntos Parlamentares disse ontem ao «Notícias da Tarde» que «o PSD tem que sacrificar alguns avanços sociais próprios do programa social-democrata» à «recuperação da crise económica e à recuperação financeira do Estado».

«Acho isso crucial, assim como acho fundamental que, até 1984 esteja afirmada a autoridade do Estado», disse Rebelo de Sousa.

O governante declarou acreditar que «a AD será Governo até 84. Não sei – referiu – se com exactamente os mesmos ministros. Eu, por exemplo, já tive ocasião de dizer que, por motivos que se relacionam estritamente com a minha carreira académica, vou pôr o problema de deixar os cargos governativos depois do Congresso do PSD».

Depois de ter preconizado que a Aliança Democrática se mantenha até ao final da legislatura, o ministro afirmou que, após 1984, «deve ser o PSD a decidir livremente como prosseguir o seu caminho».

O dirigente também propôs que o PSD apresente um candidato civil próprio às presidenciais de 1985, «devendo essa candidatura ser lançada muito antes».

Rebelo de Sousa, disse também não ter sido ainda debatido em Conselho de Ministros «o concreto posicionamento do Estado perante a Porpress».

O governante fez esta afirmação para referir não «estar senhor de todos os dados» para formular uma opinião sobre o facto de a agência noticiosa em formação, apesar de cooperativa, poder ficar «dominada pelos órgãos de comunicação do Estado», além de ser subsidida pelo Governo com 150 milhões de escudos por ano.

Face à insistência do entrevistador, o ministro admitiu que o «assunto tenha sido estudado. Simplesmente – acrescentou – não conheço os dados desse estudo e, se é verdade» o «apoio do Estado, penso que isso é mais uma expectativa que uma decisão já tomada».

O ministro disse antes que era cedo para se tirarem conclusões sobre os custos políticos da anunciada extinção da ANOP: «a resolução aprovada é somente uma peça de um processo mais complexo. Mas é uma matéria que o Governo assume solidariamente, ainda que a ideia partisse originariamente do responsável pelo pelouro, dr. José Alfaia».

O governante considerou injustificadas algumas críticas «porque ainda não foi publicada a resolução e se critica sem se saber o que se está a criticar (penso – referiu – não ser o caso do dr. Alberto João Jardim)».

Interrogado sobre o motivo por que, depois de haver considerado uma estupidez a extinção da ANOP, defende agora tal medida, o dirigente disse haver «um posicionamento diferente e duas situações diversas assumidas em dois momentos temporais e em função das circunstâncias económico-financeiras e políticas de cada momento».

EMPRESA DISTRIBUIDORA

Pretende admitir:

— pessoa jovem, dinâmica e responsável para lugar de controlo no sector operacional da distribuição;
— deverá possuir capacidade de organização e decisão;
— habilitações mínimas: 11.º ano;
— serviço militar cumprido.

Resposta a este jornal, ao n.º 13806

MUNICIPIO DE ALMADA
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

COMUNICADO

Informam-se os munícipes do Concelho de Almada das zonas de Charneca da Caparica, Quintinhas e Sobreda que por motivo dum corte de energia eléctrica a efectuar pela EDP entre as 08.30h e as 13.00h de domingo, dia 15, o fornecimento de água será perturbado durante todo o dia.

Prevê-se a regularização do abastecimento a partir da noite de domingo.

O Presidente do Conselho de Administração

Carlos Manuel B. de Sousa

Militantes de base do PS reclamam

Democracia participativa para a unidade do partido

«Um novo tipo de relacionamento global no seio do Partido é reclamado num documento assinado por cento e cinquenta militantes de base do PS enviado à direcção socialista, a que o «DL» teve acesso.

Os subscritores, pertencentes a estruturas de base de Lisboa, e nomeadamente às secções de Benfica, Bairro Alto Belém e Limoeiro e aos núcleos da Petrogal e da EDP, consideraram necessária a realização de «um amplo debate sobre as causas reais da crise que o partido atravessa, que se traduza na afirmação das posições das bases».

Fazendo o ponto da situação no PS, o documento afirma que não só se «mantém o completo afastamento das estruturas de base e das federações da elaboração da estratégia do partido, como se criou um clima de intolerância, de insídia, de agravos pessoais, indigno de democratas, que põe em sério risco não só a credibilidade do projecto socialista mas também a própria sobrevivência do PS como partido com implantação real e significativa no eleitorado nacional».

Criticando os partidos por defenderem «a democracia do voto» enquanto «praticam a intolerância e a repressão internas», os subscritores do documento defendem a necessidade de implementar a democracia interna no PS, para que «todos os militantes tenham um poder efectivo de intervenção constante».

Depois de recordar passos significativos da moção «Novo Rumo», apresentada por Mário Soares no último Congresso socialista e então aprovada, e que defendia a descentralização do processo de decisão no interior do Partido Socialista, o documento dá conta de uma série de dúvidas, relacionadas com o aprofundamento da democracia interna e com a possibilidade de participação dos militantes na actividade política do PS.

Acusam os subscritores que «o conjunto de militantes e aderentes do PS, e por maioria de razão, os próprios simpatizantes em geral, permanecem na mais absoluta ignorância em relação às soluções propostas por outras tendências (que não as maioritárias), impedidas de divulgarem externamente as suas opiniões por limitações de toda a ordem e até por um regulamento disciplinar pouco flexível».

«Por outro lado, afimam também, «as sensibilidades minoritárias também se encontram impossibilitadas de transmitirem os seus pontos de vista no seio do PS pelas vias internas, em virtude das intalações, os meios financeiros e os equipamentos disponíveis, nomeadamente a imprensa do partido, estarem sob controlo do aparelho partidário, ao serviço exclusivo da maioria, apesar de todos os militantes contribuírem para esses recursos e da verba concedida pela Assembleia da República ao partido corresponder a todos os seus deputados».

Apontando depois exemplos concretos do que se passa no PS, o documento recorda que em 1980, quando discordou da posição da Comissão Nacional do partido sobre a reeleição do general Eanes, Mário Soares tornou pública essa posição, auto-suspendeu-se e nesta atitude foi acompanhado por outros dirigentes socialistas.

«Estava assim criado um iniludível precedente, não só de não-acatamento de uma deliberação legítima de órgão competente do PS, mas também de crítica pública da mesma».

Mas como então se registava no PS «um comportamento tolerante», ninguém falou então de suspensão ou expulsão da então minoria.

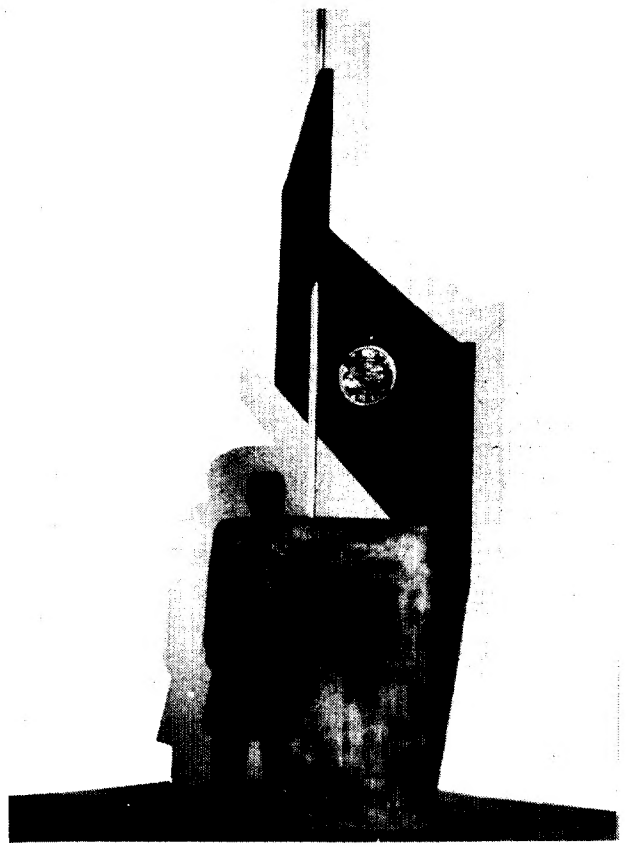
Comparando esta situação com a que se verificou depois da manifestação pública da discordância de alguns deputados em relação ao processo de revisão constitucional, o documento salienta que há «duas situações, dois critérios distintos e por isso mesmo incompreensíveis e inadmissíveis na apreciação de atitudes comparáveis, como se existissem socialistas de primeira, acima dos regulamentos, e socialistas de segunda, implacavelmente sujeitos aos rigores da disciplina partidária».

Refere-se de seguida as relações entre o partido e dos deputados, comentando-se que «criou-se um sistema em que o deputado fica completamente desligado dos seus eleitores, que teoricamente ele devia representar». O deputado, acrescenta-se, «fica encerrado no anel de ferro da disciplina partidária, que lhe é imposta com a ameaça permanente de graves sanções políticas».

Os socialistas, afirma-se depois na parte conclusiva do documento, «têm de exigir o cumprimento das promessas feitas que visam um reforço significativo do papel das Federações, Secções e Núcleos na definição da estratégia do partido».

«A terapêutica» para resolver a actual crise «terá inevitavelmente de começar por um novo tipo de relacionamento global no seio do partido, onde as diferentes tendências se devem exprimir em absoluto pé de igualdade.

Citando o exemplo do PSF e das divergências públicas entre os seus diversos líderes, o documento termina reclamando «a realização de um amplo debate sobre as causas reais da crise que o partido atravessa, que se traduza na afirmação das posições das bases as quais devem ser transmitidas aos órgãos dirigentes e divulgadas para que, com a dinâmica inovadora e irreprimível assim criada, o PS se transforme efectivamente num grande partido de massas, exemplarmente democrático no seu funcionamento interno e rigorosamente coerente com o seu programa de esquerda e os seus princípios socialistas».



Monumento a José Relvas em Alpiarça

O júri do Concurso Nacional para o Monumento a José Relvas que reuniu, para apreciação dos trabalhos apresentados, decidiu atribuir o primeiro lugar à maqueta do escultor José Manuel Limpinho. Segundo a descrição, elaborada pelo escultor, o monumento terá 1 metro e 30 de largura e 5 metros de altura, a partir do plano da base. Como materiais definitivos estão previstos betão armado e aço inoxidável.

As cores e a expressão escultural serão semelhantes às da maqueta – a cor natural do cimento tratado com verniz incolor apropriado e o brilho prateado próprio do aço «inox» polido. O elemento metálico, representando a esfera armilar e o escudo português, está previsto para funcionar como catavento, devendo, tal como na maqueta, mover-se livremente em torno do seu eixo. Na face plana, ao lado da figura, poderá ficar gravada uma inscrição com o tema da escultura – «José Relvas, Cidadão da República» – ou outra, julgada conveniente. No local definitivo, a escultura poderá ficar apoiada numa placa de betão semelhante à da maqueta ou, em alternativa, sobre um quadrado relvado com a mesma configuração. A opção deverá ser feita tendo em conta o tipo de urbanização previsto para o local. A frente da escultura deverá ficar voltada para a Rua José Relvas, segundo um ângulo conforme a maqueta.

A construção deste monumento a José Relvas envolve custos que, embora relativamente modestos, excedem as possibilidades da Câmara Municipal de Alpiarça que, por esse motivo, lançou uma campanha nacional de fundos para a construção do monumento ao dirigente republicano e ao estadista eminente que foi José Relvas. A Câmara Municipal de Alpiarça apela para todos os democratas e republicanos no sentido de cooperarem nesta iniciativa. As contribuições, individuais ou colectivas, poderão ser enviadas para a Câmara Municipal de Alpiarça (Fundos para o Monumento a José Relvas) até ao dia 31 de Outubro de 1982.

LIGAÇÕES TELEFÓNICAS AUTOMÁTICAS

A partir do dia 16 de Agosto, todos os assinantes do Continente e Arquipélago dos Açores, que já têm acesso ao Serviço Internacional Automático, passam a pode **ligar directamente para a Noruega através do indicativo 47.**

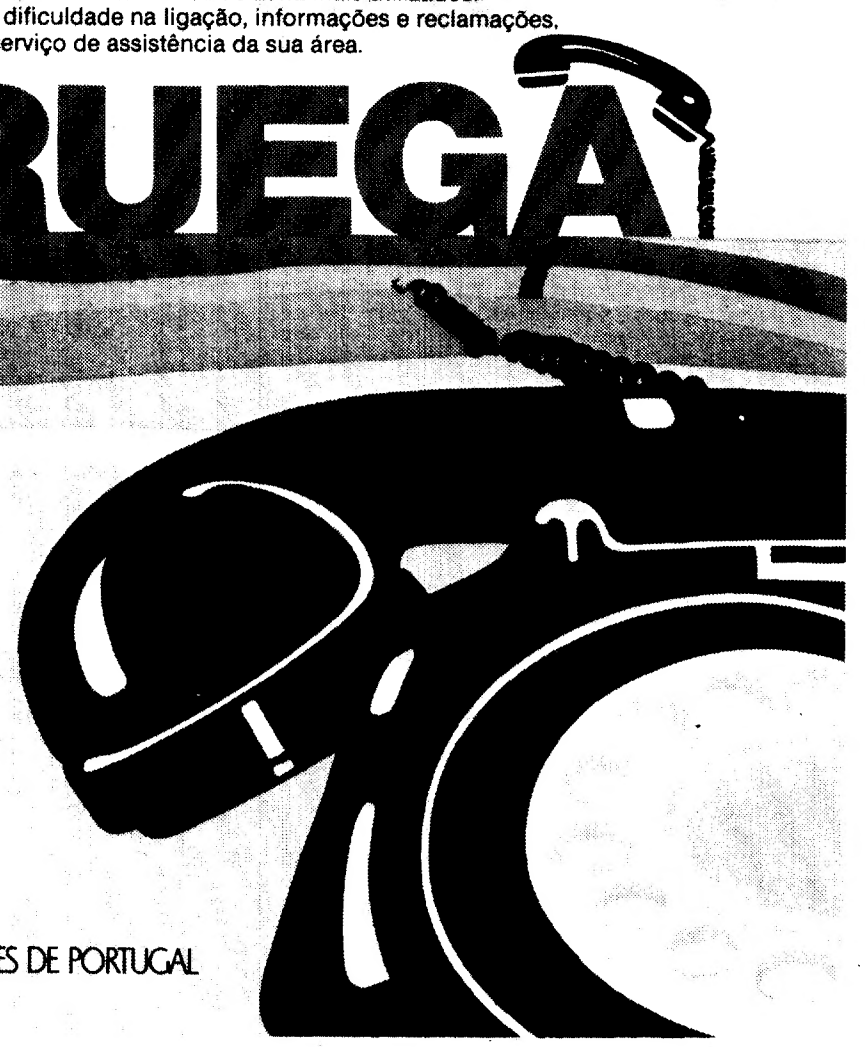
INDICATIVO EUROPEU | INDICATIVO DO PAÍS-47 | INDICATIVO DE ZONA | NÚMERO DO TELEFONE DESEJADO

PRINCIPAIS INDICATIVOS DE ZONA

OSLO	2
BERGEN	5
TRONDHEIM	75
FARSUND	43
STAVANGER	4
HAMMERFEST	84

ATENÇÃO: Estes são apenas os indicativos de zona mais utilizados. Em caso de dificuldade na ligação, informações e reclamações, consulte o serviço de assistência da sua área.

NORUEGA



TELECOMUNICAÇÕES

CTT CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

de ontem para hoje

Húngaro faz fogo no Santuário de Fátima

UM indivíduo de nacionalidade húngara lançou ontem fogo a uma mistura inflamável sobre as escadas de acesso à tribuna do altar do Santuário de Fátima, quando ali se celebrava a eucaristia integrada numa peregrinação de emigrantes.

Adam Paragh, 37 anos, que despejou o conteúdo de uma garrafa sobre o patamar de acesso à tribuna do altar, do Santuário, incendiando-o de seguida, foi prontamente dominado, não se tendo chegado a verificar qualquer pânico.

Na sequência do incidente, ocorrido às 11 e 45, o indivíduo que foi detido pelas forças policiais, afirmou entretanto, que pretendia protestar contra a actuação dos dirigentes religiosos.

Informações obtidas junto do Santuário de Fátima indicam que se trata do mesmo indivíduo que em 1978 tentou desviar um avião da TAP que seguia de Lisboa para o Funchal.

Na sequência dessa tentativa, o indivíduo fora detido.

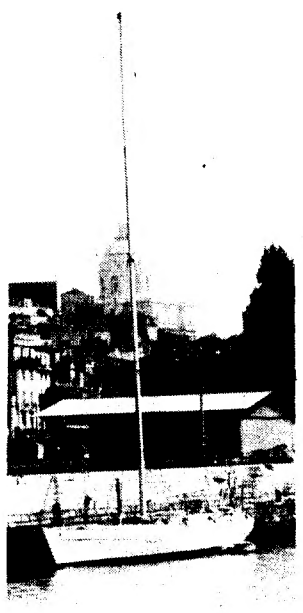
Cisne Branco em gozo de férias

O veleiro brasileiro «Cisne Branco» está hoje de férias para os guardas-marinhas no meditterrâneo, depois de cinco meses de regatas entre o Brasil e Vilamoura.

Barco de treino da Marinha de Guerra brasileira, o «Cisne Branco» foi o campeão das regatas La Guaira-Filadelfia, Newport-Lisboa e Sagres-Vilamoura, num ciclo iniciado com partida do Rio de Janeiro em Março último.

Ora ajudado por tempestades ora pelo seu jogo de 25 velas para «fabricar» o vento quando só a inércia lhe podia valer, o «Cisne Branco» foi a vedeta das regatas internacionais deste ano.

Depois do Mediterrâneo, volta ao Rio de Janeiro com passagem na ilha da Madeira em Outubro, completada a viagem de instrução.



Troféus e velas excedentárias seguem nesta altura a bordo do navio-escola «Custódio de Melo», que passou por Lisboa e chega a terra em Setembro.

Açores: um morto num mês

Um morto e 18 feridos graves é o balanço de 71 acidentes de viação ocorridos no mês de Julho nos Açores – revelou o Comando Regional da PSP.

Desobediência à sinalização, excesso de velocidade e manobras perigosas foram as principais causas dos acidentes – referiu a mesma fonte.

Por outro lado, registaram-se no arquipélago dez casos de delinquência juvenil e cerca de 180 roubos e arrombamentos.

O Comando da Polícia de Segurança Pública da Horta, ilha do Faial, foi o que registou naquele período uma actividade menor.

Faleceu a mãe de Mário Zambujal

Faleceu, em Faro, D. Antónia Marvão Gordillo Zambujal, mãe do nosso colega de profissão Mário Zambujal. A extinta, que era natural da Amareleja, contava 72 anos. Era ainda mãe de Francisco Manuel Zambujal e de Maria de Lurdes e Maria de Fátima Gordillo Zambujal, e avó de José Zambujal, da delegação em Lisboa do «Notícias da Tarde». As nossas condolências à família enlutada.

Pai e filha morrem em Espanha

Dois portugueses que residiam em França morreram ontem num acidente de trânsito ocorrido nas proximidades de Argomaniz (Norte de Espanha).

Eldes Guiomar Escudeiro, de 37 anos, e a filha, Anabela, de oito anos, foram as vítimas mortais do acidente.

No mesmo acidente ficaram feridos Maria Adelaide Rigueiras Ferreira, de 31 anos, mulher do condutor e o filho do casal, Francisco, de 6 anos.

A viatura ligeira dos emigrantes portugueses embateu numa furgoneta conduzida por um espanhol, Manuel Garmendia.

PJ persegue raptores frustrados

Os raptores não raptaram mas parece que a Polícia Judiciária já lhes está no encalço. A tentativa fora feita há três dias na ilha de Armona e as pessoas envolvidas põem agora o dedo na ferida da falta de segurança naquele local de férias.

O rapto visava uma criança de dois meses e meio que dormia numa dependência ao lado do local onde pais e avós viam a telenovela. O golpe ter-se-á frustrado em consequência dos cuidados da mãe, que verificava frequentemente se o bebé estava bem.

Temos muitos carros velhos

Um quarto dos automóveis que circulam em Portugal estão velhos, nos termos de um estudo efectuado pela Associação do Comércio Automóvel de Portugal. Estar velho, no caso presente, significa ter mais de dez anos.

A situação resultará dos custos cada vez maiores dos próprios carros, bem como dos combustíveis e manutenções. A situação é preocupante, sendo dado como certo que muitos dos automóveis naquelas condições não resistiriam a um controlo técnico rigoroso.

Subsídio de mil contos atribuído à ANOP

Conselho de Informação aprova novo Conselho de Gerência

A atribuição de um subsídio de 115 mil contos à ANOP, dos quais teriam sido já entregues cerca de 78 mil contos, de modo a «acorrer ao pagamento dos encargos previstos até ao final do mês de Agosto de 1982» consta da decisão do Conselho de Ministros de 29 de Julho passado, hoje publicada no «Diário da República».

Na mesma resolução se confere a José Alfaia e ao secretário de Estado do Orçamento poderes «para procederem às diligências relacionadas com a eventual contratação de prestação de serviços noticiosos com entidades que, dando garantias de rigor, pluralismo e racionalidade de custos, contribuam para veicular informação noticiosa ao espaço alargado de Portugal e das comunidades portuguesas, bem como aos países de língua portuguesa».

Referindo que as alterações dos estatutos da ANOP verificadas em 1977 «não resultaram senão alterações orgânicas, que não vieram corrigir, na substância, o vício de estrutura decorrente da forma de empresa pública que a ANOP reveste» o Conselho de Ministros salientou naquela resolução que a vida da empresa «aprofundou a sua inviabilidade financeira e confirmou o erro da sua estrutura», concluindo que o «estatuto jurídico da ANOP revela-se inadequado à prossecução do seu objectivo e fins», que o «seu quadro de pessoal é manifestamente empolado e distorcido» e que a «sua capitação de encargos com pessoal é manifestamente insuportável».

Conselho de Informação

O Conselho de Informação para a ANOP aprovou ontem com votos do PSD e do CDS um parecer favorável ao novo conselho de gerência da empresa.

Com a ausência do representante do PPM, e por 14 contra 13 votos, o tenente-coronel Tadeu Ferreira, Carlos Machado e Guilherme de Almeida Coelho obtiveram o parecer favorável daqueles dois partidos da maioria governamental contra todos os votos da oposição. Os representantes da ASDI e da UDP não estavam presentes.

Anteriormente, o PSD fizera aprovar, com os votos do CDS – também por 14 contra 13 – a «rejeição liminar» de pareceres contrários ao novo conselho de gerência apresentados pelo PS e pelo PCP.

A proposta de «rejeição liminar» foi contestada pelos partidos da oposição e, inicialmente, por um elemento do CDS, na medida em que – disseram – tal actuação representava a ausência do debate e de alternativa.

Um porta-voz do PS classificou de «lei da rolha» a forma como o partido maioritário do Conselho apontou para a inviabilização do debate.

A proposta de deliberação aprovada e subscrita pelo PSD e pelo CDS limita-se a «dar parecer favorável» aos novos gestores.

O parecer desfavorável do PS, liminarmente rejeitado, baseava-se em que os nomes indicados «não dão garantias de cumprimento dos objectivos constantes do programa do oitavo Governo constitucional para o desenvolvimento empresarial da Agência Noticiosa Portuguesa, ANOP-EP».

Para o PCP, cujo parecer foi igualmente rejeitado sem discussão, o parecer deveria ser negativo por os nomes indicados «não assegurarem os objectivos constitucionais e estatutários da empresa e por terem como missão não o eficaz funcionamento da empresa, mas sim a sua liquidação».

O Conselho deveria ter analisado ainda resolução do Governo de extinguir a ANOP. A este respeito o porta-voz do PSD, Cândido Igrejas, afirmou que o Conselho de Informação não tem competência para se pronunciar sobre actos do Governo.

A oposição contestou esta interpretação e o MDP/CDE, que propusera a inclusão desse ponto na ordem de trabalhos, apresentou, através de João Corregedor da Fonseca, um projecto de deliberação que, por proposta do PSD que viria a recolher consenso, será discutida em reunião do Conselho marcada para terça-feira, dia 17.

João Jardim

O presidente do Governo Regional da Madeira afirmou ontem de novo, numa entrevista ao matutino «Jornal da Madeira», que a extinção da ANOP é um retrocesso no processo da autnomia dos arquipelagos atlânticos. Jardim frisou que o diploma que visa criar a Porpress «risca do mapa» todos os poderes do Governo da Madeira sobre os centros regionais da ANOP.

O dirigente do PSD acrescentaria que a sua posição contrária à extinção da referida agência se fundamenta em três pontos, dos quais destaca «não se poder violar deliberadamente o direito ao trabalho e muito menos por motivos políticos».

Por último João Jardim sublinhou que a autonomia política da Madeira «não pode consentir o ecedente de um único retrocesso que seja».

Também ontem foi aprovada, pela Câmara Municipal da Amadora, uma moção na qual se defende a reestruturação da ANOP, mas sublinhando que «qualquer reestruturação que se entenda necessário fazer na ANOP-EP não ponha em causa os postos de trabalho actualmente existentes naquela agência noticiosa».

Processo todo errado

Frisando que a defesa da ANOP se integra «na defesa do património nacional», António Janeiro do SITESE afirmava ontem, num vespertino, que o «processo ANOP está todo errado e está-o – acrescentava – porque ele fundamenta-se numa monstruosa e mal urdida mentira – a da falsa competência, da falsa eficácia», a propósito Janeiro salientaria que o que está em marcha é «um processo de saneamento político e de despedimento colectivo pseudolegal».

Sobre a criação de uma cooperativa que viria a substituir a ANOP, António Janeiro comentava que o Estado «não iria apenas contribuir com os alegados 150 mil contos de subsídio» visto dela fazerem parte «as empresas estatizadas do sector das telecomunicações e da comunicação social, o que quer dizer – acrescentou – que elas entram com o dinheiro do Estado para a sua formação e manutenção».

Segundo Paulo Mendo

Diploma da carreira médica 'dignifica a profissão'

O secretário de Estado da Saúde, Paulo Mendo, afirmou ontem no Porto que o diploma da carreira médica hospitalar «consagra não só a dignidade da profissão na área hospitalar mas também nos sectores de clínica geral e da saúde pública».

Este diploma foi publicado no passado dia 3 no «Diário da República» e «concretiza um velho anseio dos médicos hospitalares» – acentuou Paulo Mendo.

Para assinalar a publicação desta lei, a direcção médica do Hospital Geral de Santo António, do Porto, promoveu ontem uma sessão solene comemorativa que decorreu sob a presidência do secretário de Estado da Saúde.

O secretário alertou ainda os médicos presentes para a circunstância de os hospitais portugueses consumirem 41 por cento do orçamento global da saúde, notando a este propósito que os orçamentos hospitalares cobrem apenas 15 por cento dos actos médicos, porque os restantes 85 por cento se praticam fora dos hospitais.

Dossier Homicídio

O crime compensa?

Dias Brito

Toda a empresa humana visa a satisfação de um desejo e o crime como acto emanado da vontade do homem subordina-se à mesma regra, só com a diferença de, por decisão da sociedade, estar sujeito a sanções. Se conseguir subtrair-se à expiação da pena punitiva o autor do delito pode considerar-se compensado, caso contrário dir-se-á: – O crime não compensa!

Quanto ao homicídio, tema deste trabalho, se a morte era o fim em vista e não o meio para atingir outros objectivos, sem sombra de cinismo podemos afirmar que o crime compensa: Enquanto a vítima morre o homicida fica vivo e a vida era precisamente o precioso bem que a Lei pretende proteger. O facto de em alguns países o assassino poder vir a ser condenado à morte não altera o presente conceito, quanto muito poderia considerar-se a excepção confirmativa da regra.

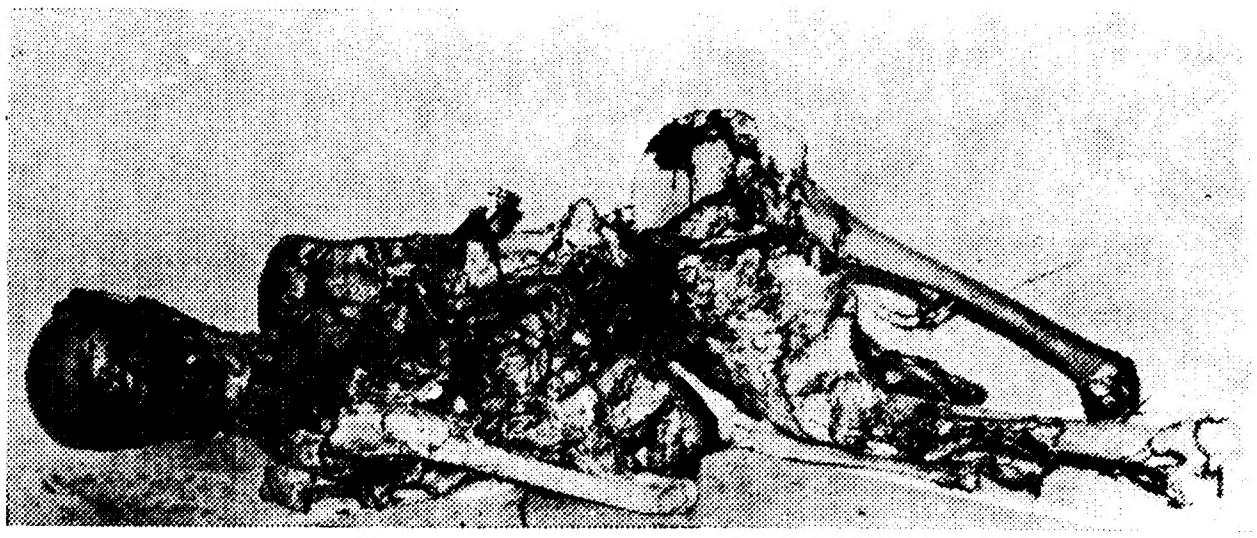
Não somos de modo algum defensores da pena de morte, muito pelo contrário, por todas as razões de ordem moral, social e científica e até por uma mais comezinha: Os países onde ainda vigora tal medida extrema não viram baixar os índices de homicídios.

A afirmação de que o crime não compensa é uma falsa ingenuidade. Falsa por não corresponder à realidade que a todo o momento constatamos à nossa volta e em todos os sectores desde o comercial ao político. Ingénua por só iludir quem já iludido se encontrava. É assim uma afirmação de efeitos negativos, prejudicial e gratuita.

A vida em sociedade apenas é possível dentro de um esquema normativo, que varia naturalmente de povo para povo em função de vários factores; éticos, tradicionais, de sobrevivência e de interesses mais ou menos imediatos.

Entre os vários conceitos normativos que pretendem regular a vida em sociedade existem os de natureza penal que visam, mais do que punir a prática do crime, evitá-lo, pela ameaça da aplicação da pena ao infractor. A lei penal não proíbe a prática do crime, apenas o facto de existir ameaça reprimir, castigar, com variável dureza aquele que transgride. Não proíbe nem podia proibir, que qualquer pessoa roube ou mate, pretende apenas que o receio da pena leve as pessoas a evitar a prática de tais actos.

A lei penal não passa de um remendo a tentar colmatar distorções sociais cujas causas são mais profundas e não há coragem para atacar.



39 dias de permanência na água

A pena de Talião

Uma idéia muito generalizada, e talvez falaz, é a de que vivemos num estádio avançado de civilização, em especial no tocante às relações da sociedade com o delinquente: A sociedade ofendida já não exige olho por olho dente por dente. Só na aparência isto é verdade. A realidade é que a pena de talião continua a vigorar só que, atenuados os costumes e disfarçada a crueldade, o conceito retributivo da lei penal continua a vigorar embora sobre uma pretensa, por hipócrita, presunção de morigeração do condenado.

O «castigo» ao criminoso é a real forma de prevenir pela repressão. Todo o conjunto de ciências que estudam o fenómeno crime são tratadas como curiosidade académica para exibir erudição. Mudam-se os nomes, altera-se a filosofia, mas a substância mantém-se: reparar pelo cumprimento da pena o dano causado à sociedade ou a um dos seus elementos. Considera-se mesmo sagrado o direito de aplicar o princípio da proporcionalidade entre a gravidade do crime e a pena aplicada. Se isto não é a pena de talião encapotada, não sabemos o que seja.

Não se tira a vida a quem tirou a de outrem, nem se arranca a vista a quem vazou a do adversário mas castiga-se com a privação da liberdade de modo a restabelecer-se a tranquilidade pública por um tempo que a sociedade considera a justa reparação do mal cometido. A sociedade, parte interessada, portanto suspeita, arroga-se o direito de punir, o que é contra os princípios que considera válidos para a moral do Direito em geral.

É prática sádica. A sociedade na impossibilidade de evitar os crimes, indemniza-se com o sofrimento produzido nos delinquentes, com privações de liberdade, e pretende convencer de que por esses meios obtém a regeneração dos que transgrediram os preceitos legais, necessariamente coercivos.

Só por pudor é que muitas pessoas não vêm exigir publicamente a reparação da morte com a morte e a de danos graves com correlativa punição que iria até à prisão perpétua. O verniz da civilização é muito frágil e por vezes estala, como por exemplo, podemos ver agora com o agravamento da punição do aborto pelo «douto civilista» Meneres Pimentel, no novo Código Penal, baseado em filosofia de sacrista, autêntico aborto jurídico.

O dano causado ao indivíduo ou à sociedade pode ser irreparável ou perpétuo mas não é por meios penais que podem ser reparados. Os factores que determinam esse dano é que serão irreparáveis, de consequências gravosas e prolongadas.

Furtar-se ao castigo

Quem comete o crime pretende a impunidade, para desse modo vir a ser compensado pela sua prática. Como dissemos, se a intenção directa e única do homicídio é a eliminação física da vítima, o objectivo foi alcançado: o crime compensou. Alguns entregam-se mesmo a prisão pois tudo quanto pretendiam se realizou, sendo-lhes indiferente as consequências futuras; prisão ou condenação à morte que seja.

Quando o móbil da morte é subjacente a esta, só compensará se pela eliminação física da vítima for alcançado o objectivo em vista, a coisa ou a pessoa bem como a impunidade indispensável para se poder gozar do objecto motivante.

No caso dos crimes com objectivos meramente materiais, as subtracções, as burlas, abusos de confiança e as várias outras fraudes, há circuitos mais ou menos conhecidos e habituais de impunidade. Para os homicídios é um pouco mais difícil, mas não de todo impossível. Difícil por se tratar de um crime que provoca maior repulsa e haver assim menos pessoas dispostas a dar-lhe protecção, para não falar já do maior risco visto ser mais gravosa a pena por encobrimento.

Falávamos naturalmente de meios considerados ilegais, clandestinos mas não tanto que não sejam do domínio público. Dos chamados legítimos para toda a classe de crimes os redactores do Código Penal contemplam para atenuação da responsabilidade criminal uma série de circunstâncias de que daremos uma amostra:

Bom comportamento anterior; prestação de serviços relevantes à sociedade; menoridade; ter havido provocação; intenção de evitar um mal maior; imperfeito conhecimento do acto; constrangimento físico; imprevidência; por desafronta; arrebatamento; medo invencível e a confissão espontânea do crime.

Com estes factores jogam os advogados menos com o último: – A espontânea confissão do crime. Antes pelo contrário. A primeira recomendação do advogado é negação dos factos mesmo perante toda a evidência, mesmo quando já haja sido feita perante as autoridades policiais.

Por casos mais ou menos pontuais de maus tratos físicos praticados por agentes policiais para obterem confissões, aguns advogados generalizam e pretendem que todas as confissões foram obtidas pelas polícias por aqueles métodos coercivos.

Assim vá de aconselhar os seus clientes (na gíria do foro, constituídos) a retractarem-se, alegando terem confessado para se subtrairem a intensos maus tratos. Desprezam assim a circunstância 9.ª do Artigo 39.º do Código Penal que em princípio lhe atenuaria a pena.

Têm razão. A prática ensina que a maioria dos juízes perante a falta de confissão, ficam em dúvida e, neste caso, a própria jurisprudência ordenam que ao abrigo do princípio da dúvida se beneficie o infractor. O contrário também é frequente: O juiz perante a confissão, perde a dúvida e não beneficia o infractor. Deste modo, e contrariamente ao disposto na lei, a confissão não leva por regra à atenuação da pena.

A confissão desde sempre foi considerada a rainha das provas, tendo na altura da Inquisição ganho a sua maior acuidade e levou a práticas de autêntica barbarie. Pese embora todas as afirmações em contrário dos novos criminalistas e juristas, a verdade prática que se observa no dia a dia de quem frequenta os Tribunais e as Polícias é de que a confissão ainda representa o papel mais importante nas decisões dos juízes.

Deste modo se compreende, embora não se justifique, o esforço que fazem os inquiridores para conseguirem a confissão dos presumíveis delinquentes. Da teoria à realidade, neste caso como em muitos outros, vai uma distância muito grande difícil de percorrer e a que falta vontade para transpor.

No próximo sábado: Enforcamento suspeito

Homicídio adiado "Sine Die"

Recebi a queixa com uma nota de urgente o que na altura não era muito frequente. Tratava-se de um indivíduo de trinta e poucos anos que teria fugido, (na denúncia dizia-se – raptado –) com a enteada de doze anos.

A denunciante, mulher e mãe dos dois desaparecidos, residente nas proximidades do Bairro de Caselas nas faldas da Serra de Monsanto em Lisboa, dizia: «Eles não podem ter ido para muito longe. Ele fez uns trabalhos de pedreiro com um sócio, recebeu o dinheiro e sem fazer contas com o outro, fugiu com a minha filha. Tem dinheiro para viver um mês em pensão modesta. A minha filha foi com ele voluntariamente. A cabra andava metida com ele, soube agora por uma garota lá da rua a quem ela contou e até levou todas as suas roupas».

No trabalho de rotina estive na «casa» que eles habitavam. Tratava-se de um simples, embora espaçoso quarto num prédio degradado de um miserável bairro da periferia da capital. Dividido de ponta a ponta por um cordel onde se suspendiam umas coçadas colchas e cobertores, definiam-se assim as duas áreas: de um lado uma cama maior onde dormia o casal, do outro um modesto divã. Repartido um pouco por todo o espaço, uma cómoda e alguns baús com fins múltiplos nomeadamente o de assentos e mesa.

O casal com pouco mais de trinta anos mantinham relações sexuais estando a pequena do lado de lá da teórica divisória. Falando com a garota a quem a desaparecida confidenciara os seus amores precoces, confirmaria o facto e acrescentaria que a amiga se masturbava com muita frequência na sua presença a ponto de fazer sangue na vagina. Que procedia àquela prática durante a noite enquanto espreitava a mãe e o padrasto nas práticas sexuais. Que uns dias antes tivera ela mesma relações com o marido da mãe durante uma ausência desta.

Contrariando o raciocínio da queixosa, de que não estariam longe, calculei que o desaparecido, minhoto, teria regressado à terra natal com a rapariga ignorando a que título ali a apresentaria sendo certo nunca a lá ter levado bem como a mulher com quem agora vivia. Dedução correta. A Polícia Judiciária do Porto, lá foi encontrá-los em plena lua de mel, pois ele apresentara-a como sendo a sua noiva. Embora um pouco precoce era visível encontrar-se na pré-adolescência e só uma apreciável elasticidade moral permitiu que os familiares aceitassem apressadamente a versão do parente.

Regressados, ela grávida para casa e ele para a cadeia onde cumpriu menos de dois anos de prisão, depois do que voltou para casa da mulher, onde a filha já não vivia. Entrara na prostituição deixando em casa, para a mãe criar, a filha que tivera do padrasto.

Como a queixosa dizia que mataria o homem que a trocara pela filha. Que o mataria mais pelo ciúme do que pelo estupro, avisámos o indivíduo na altura de ser libertado. Riu-se e disse: «Não tenha medo senhor agente. Com ela posso eu bem. Sei muito bem o que ela quer e tenho aqui para lho dar».

O juramento feito pelas meninas dos olhos, por tudo quanto tinha de mais sagrado, ficou felizmente em águas de bacalhau tal como o companheiro previra.

Há poucas semanas fui de novo procurado pela mesma queixosa. Mais velha, já lá iam uns dez anos que a não via, mas ainda com aquele frenesim exaltado dos outros tempos. «Senhor agente» disse, mas logo atalhei: «Senhor subinspector. Agora sou subinspector».

De modo atabalhoado adiantou: «Ou isso, nem sei bem pronunciar. Venho informá-lo de que agora é que o mato».

«A quem?, Inquiri.

«A quem? Ao meu homem a quem é que havia de ser».

Perante a minha interrogativa, esclareceu: «fugiu de novo com a rapariga».

«Com a mesma?»

«Qual com a mesma... a outra era a minha filha e esta é a filha dele. Dele e da minha filha. É a minha neta. Agora é que não lhe perdoo. Agora é que o mato, corto-o todos aos bocadinhos. Juro-lhe por...» E ficou-se a misturar pragas com as diferentes garantias das juras.

Como não quis apresentar queixa e se tratava de um crime de natureza quase pública, a lei exige denúncia para actuar. Deste modo limitei-me a tomar notas para qualquer eventualidade futura e pu-la pela porta fora mais às suas ameaças. No entanto fiquei apreensivo e dias depois passei lá por casa.

Era um sábado de manhã e o cenário exterior pouco se diferenciava do que eu conhecera uma dúzia de anos atrás. Só que à volta daquela rua quase isolada entre quintas toda uma pequena cidade emergia. No interior do quarto tudo parecia na mesma, só que mais atafulhado com frigorífico, televisor, fogão de gás e mais uns objectos que atestam os efeitos do consumismo.

A mesma divisão do quarto, só que agora era com largos panejamentos de plástico. Estavam os três, ela espantada a olhar para mim entre a porta semi-aberta e ele estirado na cama ensonado. Do outro lado entre o plástico espreitou a cabeça duma jovem, em tudo igual à outra que fui buscar ao Porto com o padrasto.

À guisa de explicação, saiu-se com esta: «Sabe ó senhor agente ou lá como é agora. Desta vez caceio-os numa pensão na Praça da Alegria. Ele não teve culpa coitadinho. Ela é que é uma cabra; sai à mãe. Com doze anos e descaminhou-me o meu homem. Mas já a avisei: se torna a meter-se com ele arranco-lhe os olhos».

«Subinspector Y» da Polícia Judiciária

Carlos Antunes e Isabel do Carmo:

Jantar entre amigos na primeira noite de liberdade

Discretamente, acompanhados do advogado Jorge Fagundes e sua mulher, eles entraram no «Brasuca» cerca das 21 e 30. Ainda não tinham jantado. Isabel do Carmos, apenas tivera tempo de «preparar a trouxa com as coisas» e despedir-se alvoraçada das companheiras de prisão das Mónicas, onde apenas deixou amigas. Carlos Antunes, saiu, quase à mesma hora (21) de Caxias. «Foi doloroso sair e ver os outros presos, junto às grades, a olhar» – confessa ele ao redactor do «DL», ocasionalmente no restaurante do Juca. «Ainda estamos assarapantados» – diz Isabel, de olhos brilhantes.

Helena Roseta troca impressões com o casal libertado

A mesa (grande) estava já preparada, por indicação de Jorge Fagundes. Minutos depois viriam muitos amigos e familiares. Vieram o Vitorino, o Hipólito Clemente e a Celeste e a Clara Rodarte, da Comissão de Solidariedade, responsável por um intenso e eficaz trabalho de sensibilização junto da Informação. O papel dos jornalistas é exaltado por Carlos Antunes e Isabel. «Sem o apoio dos jornalistas não teríamos vencido» – diz Isabel. «Foi espantosa a solidariedade na Comunicação Social» – acrescenta Carlos Antunes, frisando que apenas «O Dia» e o «O Diabo» os atacaram e insultaram.

Surge depois o Joaquim Furtado (RDP-1) munido de gravador para a primeira entrevista formal. Co-autor da célebre entrevista no Hospital de Stª Maria a Carlos Antunes e que valeu a tentativa feroz de Proença de Carvalho de despedimento de quatro jornalistas, do «A Par e Passo» (RTP-2), Joaquim Furtado procura, entre muitos ruídos de vozes, brindes e abraços, registar para a rádio os primeiros depoimentos em liberdade dos dirigentes do PRP.

Carlos Antunes revela que a primeira coisa que tencionam fazer é «visitar os camaradas ainda presos». Isabel do Carmo confessa que «em termos ideológicos a experiência da prisão foi enriquecedora. Vivíamos antes num «ghetto» ideológico, e a prisão é um outro mundo, com presos que nunca ouviram falar de partidos. Proletariado na prisão é um luxo...» Todavia, a experiência longa e dura não afectou o essencial das suas convicções. «Em termos estratégicos defendo exactamente as mesmas coisas».

E o PRP? Que futuro? Carlos Antunes diz que o partido «em termos orgânicos sofreu enormes abalos, mas para quem viveu a experiência de muitos anos de clandestinidade isso não constitui problema. Em termos de imagem o PRP é hoje muito mais rico e, não se deve esquecer o seu papel, antes e depois do 25 de Abril».

Isabel do Carmo defende que há condições para uma maior unidade revolucionária e antifascista e que é possível «uma convergência, uma convenção revolucionária de muitas pessoas e forças, mesmo da UDP, de todos os que não têm partido e sentem a necessidade de se organizarem. Há pessoas que se reformaram da revolução. Nós combatemos isso e pensamos que há muita gente que pensa do mesmo modo, que sente uma certa inquietação e necessidade de se organizar».

Confessam ambos que têm «imensos desacordos» entre si. Isabel insinua um certo machismo e demasiada compreensão de Carlos Antunes face ao fenómeno estalinista. Ele replica irónico: «Isabel nunca me lavou a roupa desde que vivemos juntos». E acrescenta: «nc fundamental convergimos. Ela acentua os aspectos da vida alienante das mulheres, muito naturalmente condicionadas pelos homens e eu destaco os aspectos históricos que conduziram a isso.

Mas o mundo tem evoluído aceleradamente e as coisas nesse campo estão a transformar-se radicalmente...»

Jorge Fagundes, por sua vez, frisa que não foram as alterações recentes ao Código Penal que levaram à libertação dos seus constituintes, mas antes o reconhecimento pelos juízes das teses dos advogados relativamente à prisão preventiva que não pode exceder os dois anos, mesmo que haja mais do que um processo. Tese essa que teve a compreensão do juiz de Cascais e de um outro da Boa Hora.

E.A.

Prisões e greves de fome

Preso desde 1978, Carlos Antunes foi condenado em 9 de Abril de 1980 a 15 anos de prisão, por «autoria moral» em assaltos a bancos. Durante o tempo de prisão, participou em diversas greves de fome, que totalizaram mais de 80 dias.

Isabel do Carmo, 42 anos, também dirigente do PRP foi presa em 20 de Junho de 1979 e, posteriormente, condenada a 11 anos de prisão sob a acusação de autoria moral de assaltos a bancos.

Cumpriu, enquanto esteve presa, três greves de fome. A primeira (durou 30 dias) em Outubro de 1979, a segunda (20 dias), em 1980 e a última (12 dias) em Junho deste ano.

LOJAS — VENDA

ZONA COMERCIAL EM NOVA-CHELAS

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

(COMISSÃO LIQUIDATÁRIA)

• Para os devidos efeitos torna-se público que se aceitam propostas para a **venda** de 84 lojas e 10 escritórios existentes nos lotes números **247 — 248 — 232 — 225** e **221** da Zona N/2 Chelas, sitos junto das Ruas Arq. Pardal Monteiro e Luís Cristino da Silva.

• As áreas variam entre 21 m2 e 860 m2.

• A base de licitação das lojas será de 15 500$00/m2 e 14 500$00/m2, consoante sejam de 1 ou 2 pisos.

• O prazo para recepção das propostas iniciar-se-á em 13 de Setembro e terminará às 17 horas do dia 27 de Setembro de 1982.

• As lojas e escritórios poderão ser visitados a partir de 23 de Agosto até 24 de Setembro no horário compreendido entre as 9,30 e as 12 horas e as 14,30 e as 17,30 horas.

• As condições especiais de compra e venda estarão afixadas neste Fundo — Dep. de Património — Av. 5 de Outubro, n.º 153-3.º e poderão ser consultadas dentro do horário normal de funcionamento dos serviços.

LOTES 222, 223, 224, 226, 227 e 228:

• As lojas números 1 a 42 serão igualmente susceptíveis de venda.

• Todos os arrendatários poderão apresentar as suas propostas para aquisição da respectiva loja, de acordo com os valores e condições afixadas no endereço supra-referido.

LISBOA, 26 de JULHO DE 1982.

O RESPONSÁVEL PELO
DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO

(António Augusto Serralha Ferreira)

Sindicato dos Ferroviários do Sul

ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

TRIÉNIO DE 1982 A 1985

CONVOCATÓRIA

Dando cumprimento ao disposto nas alíneas a) e b) do artigo 4.º e artigo 6.º do Regulamento Eleitoral, previsto nos artigos 40.º e 66.º dos Estatutos, convoco todos os associados deste Sindicato em pleno gozo dos seus direitos sindicais, para a Assembleia Geral Eleitoral a realizar no dia 29 de Setembro de 1982, com a seguinte,

ORDEM DE TRABALHOS

— ELEIÇÃO DOS MEMBROS DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL E DA DIRECÇÃO PARA O TRIÉNIO DE 1982 A 1985.

As mesas de voto terão início às 9.00 horas e encerrarão às 21.00 horas nos locais a designar oportunamente pela Mesa da Assembleia Geral.

A apresentação das listas de candidatura deve ser feita à Mesa da Assembleia Geral até às 24.00 horas do dia 28 de Agosto e de acordo com o artigo 8.º do Regulamento Eleitoral.

Barreiro, 13 de Agosto de 1982

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

(Artur Candeias)

RN

VIAGENS E TURISMO

FÉRIAS DE VERÃO

VOCÊ QUER PASSAR FÉRIAS NA PRAIA

MAS ARRISCA-SE A PASSÁ-LAS EM CASA SE NÃO RESERVAR JÁ O SEU ALOJAMENTO

AINDA TEMOS **PARA SI**

ALGARVE
MADEIRA
AÇORES
COSTA DEL SOL
BALEARES
CANÁRIAS

TODOS PRECISAMOS DE PRAIA . . .
VENHA TAMBÉM . . .

RN
RN TOURS
Viagens e Turismo
Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1098 LISBOA CODEX
TEL. 560015 - 563451/2

Segundo a CT

Elevada adesão à greve da CTM

A greve dos trabalhadores da Companhia de Transportes Marítimos, realizada contra a decisão governamental de declarar a empresa em situação económica difícil atingiu 96 por cento da empresa – segundo a comissão de trabalhadores.

A paralisação registou-se no segundo período normal de trabalho, entre as 12 e as 24 horas, incluindo todas as instalações da empresa em Lisboa e os navios surtos no porto de Lisboa.

Os trabalhadores insistem «no significado especial desta greve por ter atingido todos os sectores da empresa».

Para a comissão de trabalhadores da CTM, a decisão governamental baseou-se em documentos inexactos e não reflecte a autêntica situação da empresa, o que foi confirmado por um memorando do conselho de gerência a reconhecer ser a empresa viável.

Os trabalhadores entendem que a declaração da empresa em situação económica difícil, «representa por parte do Governo o culminar de um processo de reprivatização das actividades mais rentáveis para o capital privado».

É necessário impedir que os objectivos da AD sejam conseguidos

— *exorta a CGTP*

Agora que a Assembleia da República acabou de votar a revisão da Constituição, «apesar da oposição vigorosa e insistente dos trabalhadores e de vastos sectores democráticos, políticos e sociais, há que impedir que os objectivos da AD sejam conseguidos», afirma, a CGTP, em comunicado agora divulgado.

Segundo a central sindical, os objectivos fundamentais da AD são manter-se no poder, e «desferir novos ataques com mais intensidade (como disse o Primeiro-Ministro) contra as conquistas de Abril».

Por isso, é necessário que os trabalhadores e todos os democratas que se empenharam contra a revisão da Constituição a favor da AD, «prossigam a sua luta e cerrem fileiras para que os objectivos da direita não sejam conseguidos».

Para a CGTP, houve duas razões de fundo que levaram a AD a lutar por esta revisão. A primeira reside «nas derrotas sucessivas que o Governo sofreu na sua ofensiva contra os direitos dos trabalhadores e as conquistas fundamentais de Abril». Por outro lado, acrescenta –, «as grandes acções e a determinação dos trabalhadores e do seu movimento sindical impediram até agora a revisão da legislação laboral, o desmantelamento efectivo do sector público e a liquidação da reforma agrária».

A segunda razão centra-se na «oposição encontrada pelo Governo AD e pela sua maioria na AR, junto de outros órgãos de soberania, nomeadamente os de fiscalizaçao da constitucionalidade das leis, que impediram a passagem de diplomas inconstitucionais, como, por exemplo, a lei de delimitação de sectores que pretendia abrir o sector nacionalizado à iniciativa privada, e as leis que transformariam novas eleições em autênticas farsas».

Mas, perante estes obstáculos, a AD conseguiu, através da negociação com a direcção do PS, «um acordo para a revisão que, ao conferir-lhe mais poderes poderá permitir à direita governar e legislar fazendo letra morta do que, hipócrita e forçosamente teve de aceitar no texto da Constituição revista». E isto porque a AD não teve força para impedir que o novo texto consagrasse as nacionalizações, a reforma agrária e os direitos dos trabalhadores.

No entanto, prossegue a CGTP, se até agora a direita tem tentado por todos os processos pôr em causa a Constituição de 1976, agora, «com as alterações introduzidas no poder político essas tentativas vão redobrar de intensidade no sentido de anular e violar inconstitucionalmente as conquistas consagradas e o próprio regime democrático».

Apesar de sublinhar os grandes perigos existentes para a democracia portuguesa, a Intersindical afirma que existe uma realidade que não pode ser escamoteada, nem alterada: «é a profunda consciência dos trabalhadores e da maioria do povo português de que não são as conquistas de Abril que têm impedido a resolução dos problemas nacionais, mas sim a permanência da AD nos governos e na área do poder». É, no entanto, com a consciência da gravidade da situação que a luta terá de se desenvolver.

Por isso, a CGTP «exorta todos os trabalhadores e democratas a cerrarem fileiras no sentido de impedir que os objectivos da AD sejam conseguidos e coloca como exigências políticas fundamentais e demissão deste Governo, a dissolução da AR e a convocação de novas eleições, como condições absolutamente indispensáveis para se encontrar uma alternativa democrática que defenda e prossiga o Portugal de Abril».

Semana-inglesa

Vinte e dois estabelecimentos comerciais de Almada não respeitam o regime de semana-inglesa acusa, em comunicado, o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul. De acordo com a mesma fonte, os supermercados «Pão de Açúcar» são os principais desrespeitadores da Lei 75/T/77 que regulamenta tal regime.

Segundo o sindicato, aqueles 22 comerciantes também violam um edital da Câmara Municipal de Almada, que já levantou autos aos infractores. Aquele sindicato afirma a sua disposição de «não dar tréguas a estes e a outros gananciosos que possam aparecer» e considera que os editais vigentes «traduzem os direitos e conquistas alcançadas pela classe». Por outro lado, os dirigentes sindicais vão incentivar a «criação de novos editais em outros concelhos da área do sindicato e que ainda não traduzem esta conquista duramente alcançada».

Relatório do 1.º Maio

A União dos Sindicatos de Leiria exige do ministro Ângelo Correia a divulgação do relatório dos acontecimentos registados no 1.º de Maio, no Porto.

De acordo com um documento agora divulgado, aquele organismo sindical acusa o MAI e o Governo de prepararem uma campanha de «intoxicação e mentira» ao mesmo tempo que considera os membros do actual Executivo como «fiéis discípulos de Salazar e de Caetano». Assim, afirmando interpretar a vontade de milhares de trabalhadores do distrito de Leiria, a União Sindical manifesta «aos órgãos competentes, Presidente da República e Conselho da Revolução, a necessidade urgente de demitir o Governo e dissolver a actual Assembleia da República».

Estaleiros de Viana

Cerca de 50 trabalhadores dos quadros técnicos dos estaleiros navais de Viana do Castelo cumpriram ontem um dia de greve reivindicando aumentos salariais – disse a comissão de trabalhadores da empresa.

Com esta greve pretendem levar a empresa a conceder-lhes o aumento compensatório de 13% sobre os ordenados, colocando-os em igualdade com os outros trabalhadores de metalurgia e metalomecânica dos estaleiros.

Acordo celebrado entre a CAP e o MAP é revelador de incompetência e oportunismo

— *diz a UGT*

O acordo efectuado entre a CAP e o Ministério da Agricultura é vivamente criticado pela UGT que o considera como «mais um dado importante, revelador da incompetência e oportunismo do Governo». Para a UGT fica igualmente demonstrado que o Executivo AD se serve da expressão «diálogo social» para alcançar os «seus objectivos eleitoralistas e escamotear as verdadeiras raízes do problema».

Depois de denunciar o despudor com que o Governo anunciou a sua intenção de dotar a CAP de quadros técnicos suficientes para participarem nas negociações da adesão de Portugal à CEE, a UGT pergunta «se a participação da CAP se limitou a dar o nome, para que os técnicos do Governo possam aparecer em duas frentes: uma, em nome oficial do Governo, outra em nome de uma confederação que se deveria desejar como verdadeiramente independente e realmente representativa dos tão traídos agricultores portugueses».

Também as intenções do Governo em considerar a CAP «como parceiro único» neste processo merecem as críticas da UGT. Tal imposição do Executivo, prossegue a UGT, «revela, no mínimo, uma nova faceta do corporativismo agrícola de triste memória em que os representantes dos agricultores careciam do beneplácito governamental para existirem».

A UGT declara estar disposta a utilizar «todas as suas influências internacionais, muito especialmente no seio da CEE, para denunciar o que se está a passar e alertar que, com a CAP nas negociações, não estão de modo algum acautelados os interesses, dos trabalhadores agrícolas autónomos (agricultores) e, muito menos, dos assalariados».

Engenheiros técnicos agrícolas

Também o secretariado nacional do Sindicato dos Engenheiros Técnicos Agrícolas (SETA) decidiu, após reunião realizada no passado dia 12, alertar o País contra o acordo agora celebrado entre o MAP e a CAP. Segundo aquele sindicato, o Ministério «pretende utilizar este **acordo** para tentar demonstrar à CEE uma falsa vocação para dialogar e fazer participar os **parceiros sociais** nas negociações, em resposta às inúmeras pressões nesse sentido que tem recebido dos seus congéneres europeus e da própria Comissão».

Os engenheiros técnicos agrícolas, chamam também a atenção dos agricultores portugueses – especialmente dos pequenos agricultores e cooperativas – para o facto de, mais uma vez, «verem o seu nome utilizado para objectivos pouco claros de natureza política e estratégica, quer por parte do Governo, quer por parte da própria CAP». Assim, o SETA manifesta a sua disposição de denunciar junto da Federação Europeia dos Sindicatos Agrícolas da CEE «esta manobra do Governo português que se pretende apresentar em futuras negociações acompanhado pela CAP, a qual falará pela voz dos técnicos do Governo que este se comprometeu a fornecer-lhe».

O SETA acusa também o ministro da Agricultura, Basílio Horta, de ter andado a evitar receber, desde Janeiro, representantes seus «porque sabe com certeza que este sindicato, ao defender a sua representação nas suas negociações, não se acomodaria a ser um mero porta-voz do Governo, nem necessitaria de receber técnicos, do mesmo, para defender as posições que interessam à agricultura portuguesa, em termos de adesão».

Finalmente, o SETA declara que só considera «isenta e positiva» a participação, da CAP em negociações sobre problemas agrícolas, «quando em termos de paridade com os sindicatos representativos do sector e quando a CAP tiver a coragem de se assumir no panorama nacional como representante do patronato agrícola português».

Caso se atrevesse a demiti-los Nandim de Carvalho ia ao ar

— *afirmou um dos ocupantes do Baía*

Os trabalhadores do Hotel decidiram ontem, em plenário, realizar uma concentração, na terça-feira, pelas 16 horas, junto da Secretaria de Estado do Turismo.

Na ocasião, uma delegação de trabalhadores do Baía procurará avistar-se com o secretário de Estado, Nandim de Carvalho, que ainda os não recebeu, apesar dos sucessivos pedidos de audiência que lhe têm sido feitos.

«Os responsáveis pelo conflito do Hotel Baía e pelo Turismo do nosso país, têm obrigação, sob pena de total irresponsabilidade, de pôr cobro ao escandaloso conflito, e à degradação da situação em que está a cair o hotel, degradação que se repercute negativamente em todo o turismo nacional», afirma a direcção do Sindicato da Hotelaria do Sul.

Num comunicado agora divulgado, aquele sindicato reafirma a disposição dos trabalhadores daquela unidade hoteleira se manterem junto do seu local de trabalho, enquanto o conflito não for resolvido. Da mesma forma, vão transmitir «frente ao hotel, a nacionais e estrangeiros, os métodos utilizados pelo secretário de Estado, Nandim de Carvalho, na **resolução** dos problemas do Turismo».

A mesma fonte adianta que os «gorilas» e os representantes da entidade patronal «questionados por um dirigente sindical sobre a hipótese de serem demitidos pelo seu amigo Nandim de Carvalho, responderam pela boca do sr. Coruche que se ele se atrevesse a uma dessas, dariam uma conferência de Imprensa em que poriam tudo em pratos limpos e seria o sr Nandim de Carvalho a ir ao ar».

Metalúrgicos vão debater processo de negociação do CCTV

A Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas, em plenário ontem realizado, decidiu intensificar durante as próximas semanas o esclarecimento dos trabalhadores sobre o processo de negociações do contrato colectivo de trabalho vertical (CCTV) do sector.

Recorde-se que o patronato rompeu unilateralmente a negociação directa e pediu a passagem à fase de conciliação. Entretanto, continua a manter a sua intransigência, invocando para tal o tecto salarial do Governo. Aliás, a atitude do Executivo, através do Ministério do Trabalho, irá também ser denunciada pelos representantes dos trabalhadores que, para já, o acusam de cumplicidade com o patronato.

Sobre a actuaçao deste, a Federação revela que, na passada quinta-feira, os representantes patronais nem sequer estavam mandatados para negociar o que quer que fosse, facto que não é inédito em todo este processo.

Um porta-voz sindical adiantou que os sindicatos outorgantes do CCTV da Metalurgia se irão reunir no próximo dia 25.

MEIA-HORA

CONTINUAMOS COM A GRANDE LIQUIDAÇÃO

AGORA COM PREÇOS MUITO ABAIXO DO CUSTO

CINTAS • SOUTIENS • LINGERIE DAS MELHORES MARCAS

PRONTO-A-VESTIR DE BOM GOSTO E QUALIDADE

MEIA-HORA LARGO RAFAEL BORDALO PINHEIRO, 1 (AO CHIADO)

Bignone "chama à ordem" Galtieri

Derrota das Malvinas divide militares argentinos

O general Leopoldo Galtieri, antigo presidente argentino, foi chamado à ordem pelo comando-chefe do Exército, devido às afirmações que terá feito acerca do modo como foi conduzida a guerra das Malvinas – revelaram ontem fontes militares bem informadas de Buenos Aires.

Segundo as mesmas fontes, o equipamento, material, armas e munições, abandonados no arquipélago depois da rendição das forças argentinas, em 14 de Junho, equivaleria ao de três brigadas completas. Durante a guerra das Malvinas, teriam sido abatidos 22 helicópteros, no que respeita apenas ao Exército.

Por outro lado ainda, os chefes militares argentinos teriam manifestado, nasúltimas 24 horas, a sua inquietação quanto ao clima actualmente reinante no seio das Forças armadas, apesar dos reiterados desmentidos do general Nicolaides, actual comandante-chefe, sobre os rumores de um golpe de Estado em preparação.

O general Galtieri, demitido depois da queda de Puerto Argentino (Port Stanley), teria sido «convidado» a guardar silêncio até que sejam entregues as conclusões da comissão especial que está a fazer um inquérito sobre os motivos que levaram o general Menendez, comandante das forças argentinas nas Malvinas, a render-se.

Os generais terão ainda manifestado o desejo de que «seja dita a verdade total» sobre a guerra das Malvinas.

Entretanto, cerca de mil nacionalistas argentinos manifestaram-se na quarta-feira, à noite em Buenos Aires para reclamar a «reconquista» das ilhas Malvinas e o suicídio do general Mário Menendez, governador do arquipélago durante todo o período da crise com a Grã-Bretanha. «Para nós a guera terminou e não pedimos paz, mas sim a vitória», declarou um dos oradores.

«Bignone, ingleses, mesmos interesses» gritavam os manifestantes. O general Reynaldo Bignone, substituiu na presidência o general Leopoldo Galtieri, chefe de Estado durante a guerra das Malvinas.

Enquanto isto, a Argentina apelou à Grã-Bretanha para que inicie negociações «de boa-fé», sob os auspícios da ONU, para uma solução da disputa das Malvinas.

O apelo, o mais explícito desde o fim da sangrenta guerra de 74 dias no Atlântico Sul, era contido numa carta ao presidente do Conselho de Segurança da ONU, Noel Dorr, da Irlanda.

A carta protesta contra o que apelida de intercepção de três barcos de pesca argentinos por navios de guerra britânicos, perto das Malvinas, durante a última semana.

Descrevendo as intercepções no Atlântico Sul como «actos de provocação», a encarregada de Assuntos da Argentina, Ruth Guevara Achaval, não requereu contudo qualquer acção do Conselho.

A carta afirma que os incidentes eram uma «repetição da agressão com que a Grã-Bretanha desejava manter pela força uma situação colonial

Igreja intervém

O Episcopado argentino vai pedir ao Governo militar que informe os familiares dos «desaparecidos» e dos presos sobre a sorte respectiva – anunciaram ontem, fontes religiosas, em Buenos Aire.

Segundo as referidas fontes, a comissão permanente dos bispos argentinos enviará dentro em breve uma nota, nesse sentido, ao general Bignone, presidente da República.

A nota refere a sorte dos milhares de «desaparecidos» – em número de 15 milhares, segundo as organizações dos direitos do homem – bem como o número de prisioneiros sem julgamento. A Igreja argentina pede, na nota, que o destino dos presos sem julgamento seja resolvido.

O ano passado, o Episcopado argentino já lançara ao país um apelo à conciliação, lamentando a «situação angustiosa» das famílias dos «desaparecidos» e o problema dos detidos sem julgamento.

Invasores sul-africanos sobem d

— *"Estratégia limitada" para*

Sobreviventes do massacre de Cassinga. Foi em Agosto do ano passado

Com amargor e justificada revolta, a Organização dos Povos do Sudoeste Africano (SWAPO) afirma em comunicado que as conversações recentemente efectuadas em Nova Iorque sobre o futuro da Namíbia não passaram de «um exercício de relações públicas» e de uma «charada diplomática» orquestrada pelos cinco países «ocidentais» que integram aquele grupo.

De facto, depois de já ter sido anunciado para amanhã um cessar-fogo na Namíbia, tropas sul-africanas que ocupam o Sul da República Popular de Angola estão a avançar da província do Cunene para a de Huíla. O avanço das tropas racistas até ao norte de Cuvelai principiou, aliás, no dia 19 do passado mês de Julho, a partir de Xangongo e Ngiwa, localidades da província do Cunene invadidas e ocupadas desde Agosto do ano passado. A Força Aérea da África do Sul continua a sobrevoar as regiões de Cuvelai, Mulondo, Tchamutete, Cassinga, Jamba e Dongo – indicou ontem à tarde a agência ANGOP, a qual adianta que as forças racistas invasoras já ocupam mais de 200 quilómetros, em profundidade, a partir da fronteira da Namíbia.

As forças da SWAPO têm oposto denodada resistência à tropa racista. Num comunicado divulgado em Luanda, diz-se que as suas forças abateram, na passada segunda-feira, mais três helicópteros sul-africanos, tendo morrido as tripulações: tratava-se de um «Puma» e dois «Allouettes».

Pretória reconheceu a queda de um «Puma» e a morte dos 15 militares que seguiam a bordo.

O general Charles LLoyd, comandante-chefe das Foças sul-africanas que ilegalmente continuam a ocupar a Namíbia, adianta que a progressão dos militares (e mercenários) às suas ordens atingiram já os 300 quilómetros em território angolano. E explica (com argumentos que irresistivelmente lembram os do primeiro-ministro israelita e seu ministro da Defesa, Sharon, ao justificar a tentativa de aniquilamento dos palestinianos) que não está a ferir Angola. Que está, «simplesmente», a destruir a SWAPO.

Segundo aquele general, foram mortos cerca de 400 guerrilheiros nesta última operação. Lloyd não se refere às vítimas das operações «Proteu», «Daisy» e «Super», desencadeadas em Agosto do ano passado e que, pela crueldade, ficaram tristemente célebres com o massacre de civis de Cassinga.

Para Moçambique a «estratégia limitada»

A África do Sul, ao apoiar os «rebeldes» moçambicanos que atrevidamente se autodenominam de «Resistência», não quer propriamente provocar o derrube da FRELIMO,

Pacifistas detidos em Espanha

Cinquenta manifestantes pacifistas que participaram na «7.ª marcha internacional não violenta para a desmilitarização» foram ontem presos pela Polícia espanhola, em Rota onde se encontra uma base naval americana, segundo anunciaram os porta-vozes da marcha.

Entre os 50 jovens presos figuram 16 estrangeiros, indicou a mesma fonte. Vinte e três manifestantes estrangeiros, presos no passado sábado, tinham sido libertados alguns dias mais tarde.

As forças policiais intervieram quando os cerca de 500 militantes pacifistas que participavam nesta marcha começaram a distribuir manifestos pedindo o encerramento da base americana e a dissolução dos blocos militares.

Esta «7.ª marcha internacional não violenta para a desmilitarização», que começou no passado dia 7 em La Linea de La Conception (vila limítrofe do rochedo de Gibraltar), deverá terminar na próxima quinta-feira.

Em Tilburg

Cinquenta pacifistas holandeses afixaram ontem cartazes contra a guerra e espalharam tinta sobre painéis patentes ao público numa exposição organizada pela NATO e que ontem foi inaugurada na câmara municipal de Tilburg.

A exposição retrata o papel desempenhado pela Holanda na Aliança Atlântica

Um porta-voz dos manifestantes disse tratar-se de uma exposição de propaganda tendenciosa e de uma exibição de mentiras da NATO

Soldados governamentais recuperam o corpo de um seu companheiro, após os combates em San Sebastian

El Salvador

Guerrilha ataca Ministério do Interior

Guerrilheiros salvadorenhos atacaram ontem com um foguete o Ministério do Interior, localizado no centro da capital, e lançaram um ataque contra a cidade de São Sebastião.

As autoridades governamentais disseram que ninguém ficou ferido no ataque ao Ministério do Interior, ocorrido às primeiras horas da manhã, quando o edifício ainda estava vazio.

A Polícia proibiu a entrada de jornalistas na área, mas um buraco no prédio era visível mesmo da rua.

Este ataque contra um ministério surge na sequência de uma série de actos armados contra departamentos governamentais por todo o país.

Quanto à cidade de São Sebastião, sabe-se que foi alvo de um ataque guerrilheiro na madrugada de ontem continuando a troca esporádica de tiros pela manhã – segundo revelaram fontes militares da área.

Os poucos habitantes da cidade, localizada a cerca de 50 quilómetros a leste da capital, retiraram-se, continuando os guerrilheiros, a disparar nas ruas. Não foram divulgados os prejuízos causados.

Os guerrilheiros realizaram também uma emboscada a uma patrulha, junto ao hospital de Zacatecoluca, 55 quilómetros a sueste de São Salvador, ferindo dois doentes e um soldado, durante o tiroteio que durou 15 minutos – revelou entretanto um informador do hospital.

Cinco membros do Parlamento salvadorenho divulgaram ontem um documento afirmando que os actos de sabotagem da guerrilha provocaram na economia do país «90 por cento de quebra».

Os guerrilheiros têm desenvolvido actos de sabotagem contra as estruturas do regime salvadorenho, nomeadamente contra as centrais eléctricas, o que determina que um grande número de povoações tenha vivido a maior parte deste ano sem luz eléctrica.

Guerra Irão-Iraque

Impasse militar em Bassorá

O Irão e o Iraque noticiaram sexta-feira novos combates em áreas fronteiriças e junto ao porto iraquiano de Bassorá, afirmando ambos terem infligido pesadas baixas ao inimigo.

Contudo, as notícias da guerra do Golfo Pérsico, que se arrasta há 22 meses, indicavam a manutenção de um impasse no terreno, com poucos ou nenhuns progressos de qualquer dos lados.

O Iraque, que declarou uma zona de exclusão militar no extremo do golfo, após ter afundado dois navios mercantes – grego e sul-coreano – na segunda-feira, tomando-os erradamente por navios de guerra do Irão, afirmou que as suas forças mataram 14 iranianos em operações militares nos sectores norte e centro da linha da frente, nas últimas 24 horas.

Um comunicado militar referido pela agência noticiosa iraquiana INA afirma ainda que as forças iraquianas destruíram um tanque e outro equipamento militar, sem contudo adiantar pormenores.

Um comunicado iraniano, divulgado por rádio Teerão, dizia que «vários iraquianos foram mortos» em duelos de artilharia nas frentes sul e ocidental e adiantava que o Irão abatera quinta-feira um helicóptero de Bagdade, que se despenhou em território iraquiano.

Rádio Teerão disse que 27 soldados iraquianos foram mortos na frente ocidental, tendo sido infligidos alguns danos às posições iraquianas. Acrescentou que as forças de Teerão bombardearam instalações petrolíferas em Fav, matando 30 iraquianos e provocando danos.

A rádio disse que bombardeamentos da artilharia iraquiana sobre o porto de Abadan mataram na sexta-feira dois iraquianos e feriram 12. Várias pessoas foram mortas e feridas em anteriores bombardeamentos da cidade, na quinta-feira

do Cunene à Huíla
a Moçambique

assado. Poderão esquecer?

mas esfraquecê-la, até a um ponto em que por via sobretudo económica, a possa submeter.

Este é o ponto de vista defendido por meios políticos de Maputo, citados pelo correspondente da agência ANOP na capital moçambicana.

Entre todas as conjecturas que se podem fazer para penetrar nos meandros da estratégia de Pretória para a África Austral, em relação a Moçambique, a dos meios políticos, que até certo ponto reflectem posições oficiais (segundo o mesmo correspondente) é aquela porventura a mais aceitável.

Pretória, ao mesmo tempo que coloca à disposição da dita «Resistência» uma ajuda material muito generosa, também intervém na definição das coordenadas a que os «rebeldes» devem obedecer. Recorda-se que, há dias, o ministro da Segurança de Moçambique classificou os serviços secretos sul-africanos no Transval como sendo as «cabeças pensantes da autodenominada 'Resistência'», movimento que a própria África do Sul parece incapaz de definir nas suas componentes. Pretória procura sobretudo manter um mecanismo fiscalizador da actividade dos «rebeldes», de modo a articulá-la com a sua própria estratégia para a África Austral.

Tortura

Um jovem negro, preso, acusado de pertencer ao Congresso Nacional Africano (ANC – movimento negro anti-«apartheid», interdito) declarou aos seus juízes que a Polícia o tinha torturado durante o seu interrogatório e o tinha aconselhado a enforcar-se na sua cela, segundo a impresna vespertina de Joanesburgo.

Seth Gaba, de 24 anos, que comparece actualmente no Supremo Tribunal do Natal, em Pietermaritzburg, acusou também a Polícia de o ter ameaçado com o corte das orelhas para lhe arrancar confissões, precisa a mesma fonte.

«O capitão Naude disse-me que quando regressasse à minha cela o melhor que tinha a fazer era enforcar-me porque o juiz me condenaria á morte», declarou.

Calma precária em Beirute

Reinava hoje uma calma precária, pelo segundo dia consecutivo, em Beirute. O 11.º cessar fogo, decretado na passada quinta-feira à tarde, continua a ser respeitado, segundo anunciou a rádio oficial libanesa, captada em Nicósia.

A noite passada foi marcada por alguns tiros de armas automáticas e explosões, e pela luz dos «very lights» israelitas no céu de Beirute, indica aquela emissora.

A emissora falangista «Voz do Líbano» (direita), indica que várias trocas de tiros de artilharia opuseram israelitas e sírios ao longo da estrada Beirute-Damasco durante a noite passada.

Esses tiros estenderam-se às posições sírias e israelitas na planície da Bekaa, acrescentou a «Voz do Líbano».

Bombas de fósforo e de fragmentação

Uma delegação americana de cinco membros, ida ao Líbano para inquirir sobre as condições de vida em Beirute Oeste afirmou ter recolhido depoimentos de 100 testemunhas sobre casos de vítimas de bombas de fósforo e de fragmentação revela hoje a agência palestina «WAFA», recebida em Nicósia.

Segundo a «WAFA», as provas foram colhidas junto dos médicos operando em 19 hospitais de Beirute e compreendem uma lista dos nomes das vítimas, assim como a data e o local de deflagração desses engenhos de morte.

Um membro da delegação, o dr. Franklin Lamb, afirmou que Israel recorreu a essas bombas de maneira sistemática e não isolada contra as populações civis libanesa e palestiniana, revela a «WAFA».

A delegação submeterá estes depoimentos, assinados sob juramento, e as suas próprias conclusões, à comissão dos Negócios Estrangeiros da Câmara dos Representantes, à do Senado e a todos os membros do Congresso norte-americano.

Reagan: um «razoável optimismo»

O presidente Ronald Reagan disse ontem em Washington que está «razoavelmente optimista» no que se refere a uma solução do problema libanês.

Dirigindo-se à Imprensa, na Casa Branca, Reagan acrescentou:

«Penso que desta vez o cessar fogo será um facto. Há boas razões para ter esperança. As negociações giram à volta das modalidades técnicas e logísticas duma retirada dos palestinianos.

Apelo de Arafat à ONU

O presidente da comissão executiva da Organização de Libertação da Palestina, Yasser Arafat, pediu ontem ao Secretário Geral da ONU Perez de Cuellar, que diligencie no sentido de serem postos imediatamente observadores da ONU em Beirute Oeste e à sua volta, segundo revelou a agência palestiniana WAFA.

Ambiguidade de Shimon Peres

O líder da oposição israelita, Shimon Peres, afirmou ontem que Israel deveria aproveitar a oportunidade para procurar uma solução geral de paz para o Médio Oriente, logo que a crise libanesa tivesse terminado.

Peres, que teve conversações com o presidente Reagan e o secretário de Estado George Shultz, durante a sua visita de dez dias aos Estados Unidos, advertiu, contudo, Washington para que não exercesse pressões sobre Israel.

«Não recomendaria ao Governo norte-americano que exercesse qualquer tipo de pressão. O que necessitamos é de amizade, diálogo e uma estratégia comum, uma vez que os nossos objectivos são basicamente muito próximos» disse.

Ariel Sharon em «desgraça»?

O ministro israelita da Defesa, Ariel Sharon, vibrou aparentemente um duro golpe na sua própria carreira política, ao sujeitar Beirute a duros bombardeamentos, diz o correspondente da UPI na capital libanesa. Com Washington e grande parte do mundo ocidental indignados com a escala do ataque israelita, o gabinete voltou-se finalmente contra o belicoso ministro.

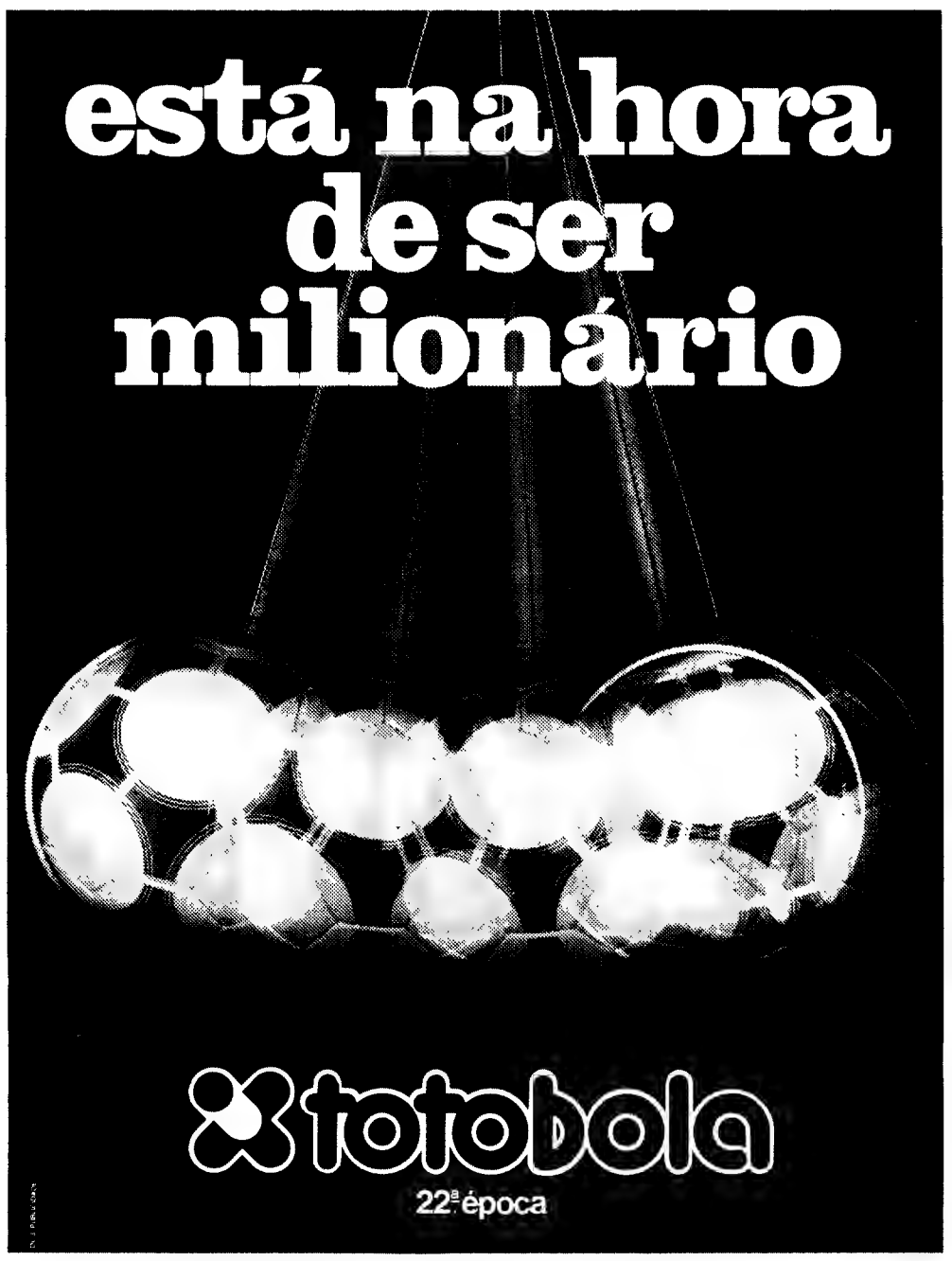
Desde a invasão do Líbano, em 6 de Junho, que se ouvem rumores constantes de descontentamento no Governo pela actuação de Sharon, de 54 anos, antigo general cuja carreira, enquanto soldado, e enquanto político, tem sido assinalado pela controvérsia.

Durante semanas, tem-se falado de disputas no gabinete e queixas de que o ministro da Defesa não requeria a necessária autorização do governo para lançar as suas acções militares. (Desculpas?)

Sharon, um incansável ultra-nacionalista, é tão intimamente identificado com a campanha libanesa, que muitos israelitas lhe chamam a «guerra de Arik» (diminutivo de Ariel).

O primeiro-ministro, Menahem Begin, cujo estilo sempre foi o de dar rédea livre aos ministros, defendeu sempre Sharon. Só com um irado «recado» do presidente Reagan, Begin se juntou aos críticos de Sharon na que, segundo todas as notícias, foi a mais ruidosa e disputada sessão do gabinete israelita sobre a crise libanesa.

Soldados israelitas espreitam, aparentemente pouco tranquilos, posições palestinianas em Beirute Oeste (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)



CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA FRANCA DE XIRA

AVISO

ADMISSÃO DE PESSOAL

Está aberto concurso para preenchimento de um lugar de

ARQUITECTO DE 2.ª CLASSE

Vencimento: Letra G — 26.900$00
Regalias sociais semelhantes às dos restantes trabalhadores da Câmara Municipal.

As condições de admissão e o modo como os candidatos devem participar no concurso, podem ser solicitados aos Serviços de Pessoal da Câmara Municipal.

O prazo limite para apresentação de candidaturas é 23 de Agosto do corrente ano.

O Presidente da Câmara
Daniel dos Reis Branco

Paços do Concelho de Vila Franca de Xira
4 de Agosto de 1982

Segundo estudo da Fundação Friederich Ebert

Pacto de Varsóvia não tem a superioridade que lhe é atribuída pela NATO

As forças do Pacto de Varsóvia não gozam da superioridade convencional que lhes é, normalmente, atribuída pelos analistas ocidentais – revela um estudo ontem divulgado pela Fundação Friedrich Ebert, ligada ao Partido Social Democrata Alemão Federal.

O estudo, da autoria do general Christian Krause, põe em causa informações difundidas pelos estrategos da NATO acerca do número de tanques, aviões, mísseis nucleares e divisões das forças dos dois pactos militares.

Num «livro branco» publicado em 1975 por estrategos da NATO, afirma-se que esta possui 27 divisões em contraste com as 88 do Pacto, 6100 tanques para 27 000 dos países do bloco socialista e 1700 aviões face a 3750.

Contudo – escreve Krause – esta enorme vantagem é apenas aparente dado que os números mudaram substancialmente em 1979, não devido à corrida armamentista ocidental, mas sim em consequência de uma orientação diferente na forma de fazer os cálculos.

Com efeito, em 1979, a NATO calculou os seus efectivos adicionando-lhes as forças francesas e, em contrapartida, ao somar as forças do Pacto de Varsóvia, retirou deste cálculo os efectivos soviéticos instalados em vários países europeus socialistas visto estes já estarem incluídos na parcela referente à União Soviética.

Com este novo método de contagem, a superioridade do Pacto de Varsóvia quase desapareceu e o quadro global mudou para: 43 divisões para o pacto e 59 para a aliança, 7500 tanques ocidentais face a 19 000 e 2230 aviões da NATO para 2800 para o pacto dos países socialistas.

Mesmo assim – assegura o general alemão federal – o Pacto de Varsóvia não goza de superioridade se tivermos em conta os seguintes factores: as divisões da NATO têm 21 000 homens enquanto as do Pacto contam com 11 000 ou 13 000, conforme sejam de tanques ou de protecção motorizada.

Por outro lado, as divisões da NATO são muito rápidas, pois contam com uma grande variedade de armas e grande organização.

O facto de as divisões soviéticas contarem com mais tanques por soldados do que as da Europa Ocidental não constitui qualquer vantagem, pois isso torna-as menos flexíveis e por conseguinte mais lentas – prossegue o general.

Além disso, há que ter em conta as condições qualitativas ocidentais, tais como a formação militar, o estado do material e a possibilidade de cobrir as distâncias rapidamente em caso de um ataque.

O Pacto de Varsóvia, com as suas divisões lentas, é produto de um conceito estratégico diferente – diz Krause, afirmando que a União Soviética receia um ataque ao seu território, pelo que tenta proteger-se de forma a, se isso acontecer, poder arrasar e perseguir o inimigo.

O relatório acentua que o comando da NATO não deve preocupar-se com o número de armas mas sim com a possibilidade de a aliança ocidental poder repelir e evitar um presumível ataque.

E a NATO tem esta possibilidade – afirma o general – recordando que a aliança possui 30 divisões sempre prontas para entrar em acção se se registar um eventual ataque.

Motim em prisão do Canadá

Os guardas de uma prisão de «máxima segurança» de Montreal (Canadá), tentaram esta madrugada recuperar o controlo da cadeia, depois de mais de 250 presos terem tomado conta das instalações, anunciaram hoje as autoridades.

As mesmas autoridades da prisão de Laval, disseram que alguns dos presos tinham sido forçados a reentrar nas suas celas, depois de um grupo de presos amotinados se terem apoderado das armas dos guardas prisionais.

Uma coluna da milícia, numa rua de Gdansk

No segundo aniversário das greves de 80

Incidentes em Varsóvia Gdansk e Cracóvia

Incidentes em Varsóvia, Gdansk e Cracóvia, marcaram ontem o segundo aniversário das greves de Agosto de 1980. Respondendo ao apelo das estruturas clandestinas do sindicato «Solidariedade» cerca de dois mil manifestantes, segundo a agência AFP, concentraram-se ontem na praça da Vitória em Varsóvia. Em Gdansk, onde há dois anos se iniciou o movimento de greves nos estaleiros Lenine, três a quatro mil pessoas concentraram-se junto ao monumento aos mortos da revolta de 1970. Por fim, em Cracóvia, mais concretamente no subúrbio industrial de Nova Huta, cerca de dois mil manifestantes responderam na rua à convocatória do «Solidariedade».

Nas três localidades, a polícia dispersou os manifestantes utilizando carros de água e gases lacrimogéneos, tendo sido feitas algumas prisões.

No entanto, segundo referem as agências internacionais, foi em Gdansk que os confrontos tiveram maior amplitude. Testemunhas citadas pela agência britânica «Reuter», referiram que a manifestação começou quando três a quatro mil pessoas se concentraram junto ao monumento das vítimas dos acontecimentos de 1970, tendo lentamente o seu número engrossado para 10 mil. Os incidentes com as forças da milícia eclodiram quando os manifestantes, gritando palavras de ordem antigovernamentais, se aproximaram da sede regional do Partido Operário Unificado Polaco (POUP), fazendo com os dedos o sinal da vitória. Rebentamentos de granadas de gás lacrimógeneo, cargas policiais, carros de água em movimento, entraram em acção pelas 15.30 h locais (14 horas de Lisboa) até às 18 horas, altura em que estava prevista a celebração de uma missa na capela dos estaleiros navais.

Pelas 21 horas a cidade de Gdansk tinha voltado à normalidade, embora, como afirmam os correspondentes estrangeiros, no ar ainda pairasse o cheiro doce do gás lacrimogéneo.

As manifestações de ontem são consideradas, pela maioria das agências internacionais, como uma prova de que os problemas que levaram a implantação do estado de sítio a 13 de Dezembro de 1981, ainda hoje se mantêm. Aliás, nos últimos dias, a Imprensa oficial de Varsóvia deu sinais de uma certa intranquilidade. Com efeito o «Trybuna Ludu», órgão do Partido Operário Unificado Polaco, afirmava na sua edição de quarta-feira, que, após oito meses de estado de sítio, a equipa do general Jaruzelski continuava sem conseguir encontrar uma verdadeira solução para o problema dos sindicatos.

O jornal adiantava no entanto, que não pode haver um regresso puro e simples ao conceito de sindicatos livres e independentes, nem tão-pouco aos chamados sindicatos de ramos. O «Trybuna Ludu» reconhecia não existirem «soluções fáceis» e que o seu leque era «muito apertado».

Por outro lado, na previsão de incidentes, o jornal do Exército polaco «Zolnier Wolnosci», na sua edição de quinta-feira inseria na primeira página um artigo em que se afirmava que «o Exército está decidido a manter a calma e a ordem pública». Significativamente eram transcritas as opiniões dos chefes militares colocados nas chamadas «zonas quentes» e que se pautavam pelo ataque cerrado, sem no entanto referirem nomes ao «Solidariedade» e aos seus dirigentes.

Brasil

Igreja atacada pelo governo e conservadores

A igreja católica brasileira, cujas relações com as autoridades sempre foram difíceis, é de novo objecto de ataques mais ou menos claros por parte dos sectores conservadores e dos governantes.

Estes ataques são interpretados em Brasília, nos meios eclesiásticos, como uma réplica às tomadas de posição das organizações católicas perante o agravamento dos conflitos agrários no norte e nordeste do país. O tom da campanha desenvolvida contra a Conferência Episcopal Nacional do Brasil (CNBB) foi dado pelo jornal «Estado de São Paulo» que considera que a carta enviada por João Paulo II aos bispos da Nicarágua, também se aplica ao Brasil.

Qualificando os padres e os bispos da CNBB de «lobos disfarçados de cordeiros», o jornal afirma: «Alguns vão ao ponto de utilizar o púlpito para –num gesto de desprezo profundo em relação à dignidade dos fiéis – apresentar dois dos seus colegas franceses (os padres Asristide Camio e François Goriou, detidos na cidade de Belém) como pobres vítimas inocentes». «Para a CNBB, acrescenta o jornal, o povo só é verdadeiramente povo quando se mostra disposto a servir de instrumento de manobra à igreja.

Na quarta-feira à noite, o presidente da república, general João Figueiredo, num discurso pronunciado em Manaus, declarara a propósito dos incidentes verificados no Amazonas: «não serão os poucos estrangeiros que desembarcaram recentemente no Brasil que vão resolver os problemas da ocupação das terras».

Uma advertência, segundo vários órgãos de comunicação, aos numerosos padres estrangeiros que trabalham nas regiões da floresta do Amazonas.

Na véspera, o secretário-geral da CNBB, monsenhor Luciano Mendes de Almeida, lamentara que doze missionários franceses não tivessem ainda recebido autorização para entrar no Brasil. Os padres em questão preparavam-se para seguir um cursos de formação antes de serem enviados para as peripécias das grandes cidades brasileiras.

Entretanto, nas regiões onde a igreja se encontra fortemente implantada (zonas rurais do Pará, nordeste e bairros da lata das grandes cidades), falsos panfleto imitanto os boletins publicados pelas Comunidades Eclesiásticas de Base (CEB), circulam desde há algumas semanas.

Em Belém – onde a guerra dos panfletos começou na véspera do julgamento dos doze padres franceses – os falsos panfletos denunciavam a acção da Igeja e apresentavam os doze eclesiásticos como maoistas e adeptos de satanás.

No Rio de Janeiro, os falsificadores alteram os textos originais. Um diálogo entre habitantes de bairros da lata sobre o custo de vida é modificado e transforma-se em: «ouviste falar de Deus na missa? não, somente de política».

Os eclesiásticos – que são, com os advogados, as únicas pessoas autorizadas a visitar os dois padres franceses, são constantemente alvo de vexames. O Pároco de Siant-Brieuc, monselhor Daniel Jousse, foi obrigado a despir-se completamente à entrada da prisão militar de Belém antes de poder visitar os seus dois colegas. Segundo a «CNBB», os militares tentaram em vão submeter o bispo de Belém, monsenhor Vicente Zico, «ao mesmo tratamento vergonhoso».

Esta guerra contra a Igreja brasileira vem no seguimento de um brusco agravamento da situação no Norte e no Nordeste do Brasil. No Pará (Amazonas Oriental), o advogado dos camponeses sem terra foi assassinado há três semanas em Marabá. Este é o 31.º assassinato verificado em dois anos no Pará por causa de conflitos rurais. Enquanto isso, dezenas de aldeias do Ceará (Nordeste) são invadidas por milhares de camponeses reduzidos à miséria por quatro anos de seca.

A «CNBB» e a Confederação dos Trabalhadores Rurais (CONTAG) têm vindo a denunciar, por diversas vezes esta situação e a criticar a política governamental. Depois do assassinato de Gabriel Pimenta em Marabá, a «CONTAG» reafirmara a sua vontade de lutar pela reforma agrária «apesar da repressão policial, a acção de assassinos a soldo, a lentidão da justiça e a ineficácia dos órgãos administrativos encarregados das questões agrárias».

Por seu turno, a «CNBB» – que refere que nos quatro mais pequenos estados do Nordeste brasileiro existem 200 mil pessoas implicadas nos conflitos agrários – considera que a sua «opção preferencial pelos pobres» deve conduzir a Igreja a «apoiar as lutas do povo, através dos sindicatos e outras organizações populares, procurando conhecer cada vez mais e melhor a realidade vivida pelos pequenos e pelos oprimidos».

Segundo a «CNBB», a expansão do programa «pró-álcool», a especulação fundiária, a política dos grandes projectos e barragens, são a causa principal dos conflitos de terra no Nordeste. «Só uma reforma agrária justa, vasta, massiva e imediata poderá resolver os problemas rurais no Nordeste», indica um documento da «CNBB» intitulado «O Homem e a seca no Nordeste».

A detenção, faz agora 15 dias, de dois turistas franceses – rapidamente postos em liberdade –, suspeitos de «subversão» por terem percorrido zonas de «tensão social», mas não de acesso proibido, traduz o nervosismo.

Com a aproximação das eleições gerais de 15 de Novembro corre-se o risco de se assistir a uma luta aberta entre a Igreja e o Estado. Nos sectores governamentais denuncia-se a acção da Igreja para orientar politicamente o eleitorado. O arcebispo de Fortaleza respondeu a estas críticas dizendo que a Igreja só procura educar o povo no sentido de ele «assumir o seu compromisso político, sem entravar a liberdade de nenhum dos seus fiéis».

Entretanto, quatro bispos do Estado da Baía decidiram na quinta-feira nunca mais celebrar missa durante certos acontecimentos, tais como a tomada de posse de um novo presidente da câmara ou celebração do dia da Pátria. Decidiram igualmente não benzerem a inauguração ou a colocação da primeira pedra de bancos ou administrações públicas.

«Esta decisão foi tomada para evitar qualquer manipulação política ou a legitimação da ordem e do sistema no qual vivemos», explicaram.

exclusivo

O pintor Wilfredo Lam fala de Fidel

"Como guia, fez um trabalho excepcional"

■ António Nuñez Jiménez ☐ Prensa Latina

Lam afirmou: Creio que Fidel, como guia, fez um trabalho excepcional.

Entre as palmeiras reais e as flamboianas da casa onde descansa das esgotantes sessões terapêuticas a que é submetido para se reabilitar da sua hemiplegia, o pintor cubano Wifredo Lam faz notar que a ilha viveu três momentos históricos: a descoberta, a independência e, finalmente, a Revolução.

E a sua memória volta aos dias da sua estada no México, quando estabeleceu contacto com o dirigente operário cubano Lázaro Pêna, ali refugiado, num jantar oferecido por Diego Rivera.

ção muito particular. Naquela época, eu dizia: isso não é marxismo, porque, honestamente, não encontrava nenhum significado socialista na luta que Fidel dirigia na Sierra Maestra.

«No dia 1 de Janeiro de 1959, eu ia num comboio para Zurique no momento em que deram a sensacional notícia: 'Caíu Baptista! Fidel Castro venceu!'.

«Pretender medir a dimensão de Fidel, dirigente máximo da revolução cubana, é impossível. Em todas as épocas em que vivi em Havana, contemplava as crianças a correr descalças pelas ruas e encarrapitados nas árvores dos parques, sem escola ou a pedir limonadas, ou a engraxar sapatos; via as ruas cheias de bilheteiros, as salas de bilhar com tantos desocupados, tanta gente mal educada, os matulões a fazer o que lhes dava na gana e muita politiquice; pensava ser impossível fazer ali uma revolução sem passar por uma larga pedagogia política. E Fidel fê-lo.

O famoso pintor cubano Wifredo Lam recupera de hemiplegia no Hospital Ortopédico «Frank País», em Havana.

Com Alfredo Guevara, hoje vice-ministro cubano da Cultura, também exilado ali, discutiram a situação em Cuba e falaram da guerrilha na Sierra Maestra.

– Que Revolução esta, a cubana! Não se adapta ao que eu aprendi nos livros; é uma revolução muito particular. Naquela época, eu dizia: isso não é marxismo, porque, honestamente, não encontrava nenhum significado socialista na luta que Fidel dirigia na Sierra Maestra.

«No dia 1 de Janeiro de 1959, eu ia num comboio para Zurique no momento em que deram a sensacional notícia: 'Caíu Baptista! Fidel Castro venceu!'.

«Pretender medir a dimensão de Fidel, dirigente máximo da revolução cubana, é impossível. Em todas as épocas em que vivi em Havana, contemplava as crianças a correr descalças pelas ruas e encarrapitados nas árvores dos parques, sem escola ou a pedir limonadas, ou a engraxar sapatos; via as ruas cheias de bilheteiros, as salas de bilhar com tantos desocupados, tanta gente mal educada, os matulões a fazer o que lhes dava na gana e muita politiquice; pensava ser impossível fazer ali uma revolução sem passar por uma larga pedagogia política. E Fidel fê-lo.

«Não existe ainda o livro sobre como se fez a revolução cubana; no entanto ; eu ouvi Fidel a falar com o povo e vi como este lhe responde. Como cubano, essa mudança parece-me um milagre.

«Meses depois do triunfo de 1 de Janeiro de 1959, eu trabalhava na Itália. Alguns pintores residentes em Paris quiseram fazer uma exposição de homenagem à Revolução. Telefonaram-me para me dizer que a galeria não confiava neles; fazer uma exposição custava dinheiro e não se sabia se os quadros poderiam vender-se em Paris, onde ninguém conhecia os autores; o director da galeria só aceitava fazer a exposição se eu me juntasse ao grupo. Fi-lo e todos se venderam.

«O quadro que expus naquela ocasião representa uma personagem grande, caída no chão, a quem estão a levantar, e outras figuras, a seu lado, olham-na. Da cabeça de uma delas sai uma pomba. Chamei-lhe Sierra Maestra. Foi comprado por Roberto Altmann.

«Quando foi do ataque de mercenários a Palya Girón, em Abril de 1961, estive todo o tempo agarrado ao rádio e emocionou-me muito uma tão grande vitória. Também durante a crise de Outubro, em 1962, estive avidamente à escuta de todos os noticiários. Na Rádio Pirenaica, os espanhóis salientavam a gravidade do confronto entre os soviéticos e os norte-americanos. Aconselhavam as pessoas a afastarem-se dos lugares onde estavam as bases atómicas dos Estados Unidos. Em Génova, os operários saíram para a rua, manifestando-se contra os Estados Unidos. Muitos deles faziam parte da organização 'Amigos de Cuba', em cuja criação eu tinha participado, e senti-me profundamente satisfeito.

Ao saudar Fidel Castro pela primeira vez, só me deu para lhe dizer: «E um prazer enorme!».

«Os meus regressos a Cuba produziram-me sempre uma enorme felicidade, mas nenhuma tanta como o de fins de Abril de 1963, após cinco anos de ausência. Ao pisar a Pátria, deparo com uma Cuba nova. Horas mais tarde, fui com Lou à Praça da Revolução, para comemorar o 1.º de Maio sob as bandeiras do socialismo.

«Em 1966, no Museu de Belas Artes de Havana, expus o 'Terceiro Mundo', a minha homenagem plástica à Revolução Cubana.

«Para o fazer, não tinha à mão muitos materiais. Pintei-o no própeio museu, num dos seus armazéns, onde se guardavam os retratos dos generais espanhóis que governaram Cuba. Não há dúvida de que me inspiraram...

«Essa foi a primeira vez que tive a oportunidade de saudar Fidel. Convidaram-me para uma recepção no Palácio Presidencial.

«Haydée Santamaria, presidente da Casa das Américas, apresentou-mo. Foi quando nos tiraram essa fotografia onde estamos, Lou e eu, ao lado de Fidel. Também ali estava Che Guevara, o guerrilheiro heróico, rodeado de muitos jovens africanos e sul-americanos que falavam com ele.

«Fidel pareceu-me um homem extremamente belo, um herói grego, com as suas barbas negras e o seu nariz rectilíneo. Ao saudá-lo, só me deu para lhe dizer: 'Estavam a falar-me de Humboldt e da Natureza da América do Sul. Gostava de ter vivido nessa Natureza, fazer a revolução por lá' – disse-nos Fidel.

«Continuámos a falar da selva sul-americana, tal como Rómulo Gallegos, o escritor venezuelano a descreve em 'Doña Bárbara' e da luta entre a serpente e o burro com que termina o famoso romance.

«Em 1967, voltei a Cuba, ao Salão de Maio. Fui a Terra Grande, perto da Ponta de Maisi, no extremo oriental de Cuba, onde se inaugurava uma grande escola. Fidel apresentou-se cerca das três da manhã no acampamento onde nos alojávamos. A viagem até lá não tinha sido fácil e estava cansadíssimo, mas quando me inteirei da presença de Fidel, levantei-me para o saudar.

«Eu estava com Michel Leiris e Peter Weiss, que também falaram muito com Fidel.

«Finalmente, voltei a vê-lo e a falar com ele na recepção que deu por ocasião do Encontro de Intelectuais pela Soberania dos Povos da Nossa América, realizado em Havana em Setembro de 1981».

Lam fala de Fidel com carinhosa admiração. Por vezes, humedeciam-se-lhe os olhos, achinezados e vivos, e afirma com orgulho que neste Novo Mundo germinou o crisol de raças da nova Humanidade.

– A existência do homem universal pode ser concretizado aqui, em Cuba, com os índios, os africanos, os asiáticos e os europeus. É a síntese da Humanidade. Nós abrimos o caminho para alcançar uma compreensão universal. Cuba, embora sendo um país tão pequeno, triunfou. Ver o que se está a fazer devolve a confiança no ser humano. De um carácter e de uma atitude como a de Fidel não se pode falar friamente e das conquistas que se fizeram aqui não se pode falar sem ter presente a sua figura.

«Muitas das coisas com que agora sonhamos serão realizadas nesta marcha para o futuro. Apenas há que ter um pouco de paciência, para que o tempo vá eliminando as marcas negativas do passado.

«Em Espanha, contam-se coisas fabulosas de Fidel. O povo ama-o muito. Adoptou-o como um herói seu, embora viva noutras terras».

Do amplo pátio das palmeiras e das flamboianas, passamos para a casa de jantar, onde almoçamos. Lam come tão devagar que quando acabamos a sobremesa ele ainda vai no primeiro prato. Por vezes, à mesa, fica calado e baixa a cabeça, adquire um ar asiático e ensimesmado. Por fim, trazem para a mesa uma bandeja de queijos. Lam anima-se, levanta a cabeça frizada, de duro pelame. Abre os olhos, reanima-se.

Fala. E agora parece-nos aquilo que realmente é, um mulato vivaz, carregado de energia. E diz-me:

– Em França, riram-se quando Fidel propôs que se fabricasse o queijo Camembert aqui em Cuba. Tal como os italianos, com o queijo Gorgonzola. E aqui os tens: é já uma realidade o fabrico desses produtos. Embora sem grande importância, é uma demonstração singular das inesgotáveis iniciativas de Fidel.

«Quando eu fazia notar aos italianos que os Estados Unidos estavam mais perto de Cuba do que Algizola do Mar de Alexandria, não o queriam acreditar. Fidel disse que Cuba não está a 90 milhas, mas sim a um metro de distância, pela base naval de Guantanamo, encravada ao sul do extremo oriental da ilha.

«Creio que Fidel, como guia, fez um trabalho excepcional. Que este homem tenha unido o povo numa única causa, significa que é um grande arquitecto humano, dado que fez sentir todos os cubanos como que fazendo parte de um só corpo, com um só coração! ■

Palestina

Uma evolução dos Estados Unidos?

■ Le Monde

A posição americana sobre o Médio Oriente estará em vias de mudar? Já se tiram conclusões acerca das declarações de Schultz, secretário de Estado designado dos Estados Unidos, proferidas em 13 de Julho e segundo as quais é «urgente» resolver «os problemas legítimos dos palestinianos» e «chegar a uma regularização que satisfaça todas as suas ambições». Há quem faça pouco caso delas: Carter não se pronunciou a favor de uma «pátria» («homeland») palestiniana? E Schultz não reafirmou uma posição norte-americana constante, e de que a OLP não será reconhecida como «uma voz» do povo palestiniano senão quando renunciar à guerrilha e quando ela própria reconhecer o direito de Israel à existência?

Cheysson também não conseguiu descobrir uma «evolução em Washington, nos princípios de Julho. Joumblatt, chefe da esquerda libanesa, julga a declaração do futuro chefe da diplomacia americana «interessante e positiva», mesmo temendo que ela não vise senão meter os palestinianos no vergonhoso processo de Camp David. Quanto a Israel, não esconde a sua inquietação e receia que Schultz não invoque Camp David senão para ir mais além.

Forçoso é admitir que Schultz, designado sucessor de um secretário de Estado pró-israelita e conhecido ele próprio pelas suas ligações de negócios com os árabes, não terá podido dizer mais diante dos senadores de quem depende a sua confirmação em período pré-eleitoral.

As suas palavras não podem ser apreciadas se não se medir o caminho percorrido e o que resta percorrer. A resolução 242 do Conselho de Segurança, de 1967, sobre a qual se apoia a comunidade internacional na procura de uma solução, ignora o problema palestiniano; apenas reconhece um «problema de refugiados».

Os Estados Unidos recusaram sempre a modificação desta fórmula pelo voto na ONU. Giscard d'Estaing foi o primeiro a dizer ao Ocidente (em 2 de Outubro de 1974), para grande escândalo de Jerusalém, que «o fundo do problema» era «a questão palestiniana» e que ela não será resolvida se «a aspiração natural» dos palestinianos a terem uma prática não for satisfeita. François Mitterrand especificou que esta «pátria» deverá ser «um Estado».

A questão de saber se a OLP é um interlocutor válido, o mais representativo ou o único, é secundário. É de igual modo cronologicamente secundário o reconhecimento mútuo do direito de Israel e de uma «entidade» palestiniana de viverem em paz e segurança.

Todos sabem que Israel e o mundo árabe não chegarão nunca a esta solução ideal através de negociações directas. São indispensáveis os intermediários. Foi essa ambição que os europeus exprimiram em Veneza, em 1980; mas Mitterrand já não está hoje mais em condições de se fazer escutar em Jerusalém do que o estava antes o seu predecessor. Só os Estados Unidos podem, desde que o queiram, tentar influenciar Israel; só os bons ofícios euro-americanos podem (tendo cuidado, por outro lado, com o amor-próprio soviético) fazer avançar a paz.

Um projecto franco-egípcio complementar à resolução 242 fundamentado na «confirmação dos direitos nacionais legítimos» dos palestinianos e no «reconhecimento mútuo e simultâneo de todas as partes» está oficiosamente em discussão na ONU. A atitude de Washington a seu respeito permitirá apreciar melhor o alcance das afirmações do sr. Schultz. ■

DESPORTO

ponta esquerda

Benfica: dinheiros

Afirmado publicamente pelo dr. Coelho Pinto, da mesa da assembleia do Benfica:

– Até 12 de Julho último, o presidente benfiquista Fernando Martins já meteu no clube 56.335.610$00.

Direcção verde: duas saídas

Oficialmente confirmado, depois da notícia saltitar desde a hora exacta em que Allison acompanhou a turma de Alvalade ao Algarve: o dr. Roque Lino e Mário Garcia demitiram-se dos cargos que ocupavam no elenco directivo **verde-branco** presidido por João Rocha. Recorda-se que Mário Garcia havia publicamente afirmado («O Comércio do Porto») que Allison **é um anarquista, um libertino.** E disse, também: **na altura própria divulgaremos a mirabolante história do pervertido treinador.**

Covilhã: história repetida

Seis anos depois do primeiro «escaldão» o Sporting da Covilhã volta a accionar judicialmente o futebolista Babalito, tal como da primeira vez por quebra de contrato.

O anzol das palavras

Chegada da «Volta» a Faro. Um repórter radiofónico para Alexandre Ruas, o vencedor:

– Foi o redimir daquela vitória que toda a gente disse que era sua...

Exacto: foi o **redimir!**

Luto no pugilismo

O pugilista mexicano Salvador Sanchez, campeão mundial dos meios leves, faleceu num acidente de viação. Sanchez (21 anos) viajava num automóvel desportivo que embateu violentamente num camião pesado, tendo morte instantânea.

O Conselho Mundial de Boxe, ao ter conhecimento da morte de Sanchez, emitiu um comunicado no qual decreta o mês de Agosto como de luto mundial no boxe e classifica o pugilista como **um dos maiores meios-leves da história do boxe.**

Sanchez efectuou 42 combates, ganhando 40 (32 antes do limite), empatou um e perdeu outro: a única derrota que sofreu foi frente ao mexicano António Becerra, quando disputavam o título nacional de leves. Em 1981, Sanchez foi considerado o «pugilista do ano» juntamente com o norte-americano Ray Leonard.

"Teresa Herrera" mosquitos por cordas

O F C. Barcelona qualificou-se para a final do Troféu «Teresa Herrera» ao vencer os brasileiros do Internacional de Porto Alegre por 1-0, golo de Carrasco, aos 15 minutos. O público presente acolheu os homens do Barcelona com um concerto de assobios em consequência da ausência de três vedetas estrangeiras do «Barça»: o dinamarquês Alan Simonsen (que está no seu país), o alemão Bernd Schuster (que recupera lentamente de uma lesão sofrida em Dezembro passado) e, sobretudo, do argentino Maradona, esta semana a contas com um pequeno ataque de febre. O árbitro mostrou por sete vezes o cartão amarelo. Fiel à sua «reputação», Migueli (central do «Barça») foi expulso.

Em Bilbau (Espanha)

Vitória de Setúbal bate o Hamburgo

Magnfico: o Vitória de Setúbal venceu ontem o Hamburgo (RFA) por 2-0, e obteve o terceiro lugar no torneio internacional de futebol de Bilbau (Espanha).

Reis (aos 40 minutos) e Narciso (ao 49) apontaram os dois tentos da equipa portuguesa.

Os brasileiros do Atlético Mineiro venceram, na final, o clube organizador (o Atlético de Bilbau) por 4 penalties a 3 (0-0 no final do tempo regulamentar e dos prolongamentos).

Para além de uma exibição global de muito bom nível, é forçoso que se saliente a actuação primorosa do jovem Nunes que **enfiou na algibeira** o ultra-famoso Hrubesch.

A turma vitoriana, comandada tecnicamente por Manuel de Oliveira, firmou um dos mais belos êxitos da sua história futebolística. Basta atentar na composição da formação germânica, verdadeiramente constelada de «estrelas»: Stein; Groh, Jakobs, Hieronymus e Meyer; Hansen, Rolff (Schmidt), Magath e Von Hoensen; Hrubesch (Milenski) e Bastrup.

Sob arbitragem do espanhol Sanchez Marin, o Vitória de Setúbal apresentou: Padrão; Nunes, Brito e Aloísio; Cerdeira e Artur; Reis, Nascimento e Octávio; Narciso e Fernando Cruz. Substituições: aos 10 minutos da segunda parte, Formosinho rendeu Narciso e, a 13 minutos do final, Mota substituiu Fernando Cruz. Suplentes não utilizados: Trindade, João Cardoso, Jesus e Pinto. Cartão amarelo a Nunes.

Benfica no Brasil

Está assente que o Benfica actua no Maracanã (Rio de Janeiro) no próximo dia 7 de Setembro, para ali defrontar o Vasco da Gama em jogo integrado nas comemorações da independência do Brasil.

Swansea - Braga na RTP

Na próxima 3.ª-feira processa-se o encontro entre o Swansea - Braga referente à primeira «mão» da eliminatória de abertura da Taça dos Vencedores das Taças e a RTP transmitirá em directo. O encontro será comentado por Rui Tovar e terá início pelas 19 horas e 30. Acrescente-se que os bracarenses asseguraram o concurso de Paris (ex-Estoril) ficando sem viabilidade a anunciada contratação de Laranjeira.

Particulares

Hoje (22 horas) em Faro: encontro particular entre o Farense e os búlgaros do CSKA (Sófia). Também para hoje, rodagem de outras equipas: Amarante-Salgueiros (21 e 30); Lusitano de Évora-Barreirense (21 e 30); Boavista-Porto (18); Guimarães-Celta de Vigo (18 e 30); Alcobaça-União de Leiria (18).

Para amanhã: Leixões-Porto (18); Portimonense-Estoril e Varzim-Gil Vicente (ambos pelas 18 e 30) e Águeda-Belenenses (17 horas).

Ontem: Barreirense, 1--Portimonense, 2; Leça, 3-Leixões, 1.

Atenção, Cova da Piedade

O Desportivo da Cova da Piedade precisa da boa ajuda dos seus amigos: hoje, pelas 21 horas, em jogo particular, defronta a turma de «Os Nazarenos». A receita vai apoiar a compra de um autocarro destinado ao «onze» piedense.

Nacional de futebol

O Amora Futebol Clube utilizará o «Estádio Alfredo da Silva» (Barreiro) e o Sporting Clube de Espinho utilizará o «Campo Conde Dias Garcia» (em S. João da Madeira), nos jogos que realizem no campeonato nacional da 1.ª Divisão, como visitados, enquanto não puderem utilizar os seus recintos desportivos, que se encontram em fase de arrelvamento.

Convite para jogar

No Vitória Clube de Lisboa, encontram-se abertas as inscrições para representar o clube em futebol, nas categorias de iniciados, juvenis, juniores, seniores. Os interessados deverão dirigir-se a partir do próximo dia 18, depois das 20 horas, na sede no parque de jogos, ambos situados na «Picheleira» (Lisboa).

Debater futebol

No próximo dia 25 (às 21 e 30) realiza-se, na sede do Casa Pia Atlético Clube (Largo do Conde Barão, n.º 50-2.º, em Lisboa) uma reunião com o Conselho de Disciplina da FPF, a Associação de Futebol de Lisboa, o respectivo Conselho de Arbitragem e todos os clubes filiados na agremiação lisboeta. A reunião é extensiva aos treinadores, secretários-técnicos, massagistas, preparadores físicos, empregados dos clubes e órgãos da Comunicação Social. Ordem de Trabalhos: «O futebol – a sua transferência e a realidade»: As duas grandes componentes, os jogadores e o árbitro; Concorrentes: os clubes, dirigentes e treinadores. «O futebol – competição e o espectáculo»: espectadores; segurança. «A disciplina e os princípios ético-sociais, económicos e culturais que informam o fenómeno desportivo»; «As bases informadoras do regulamento disciplinar – a infracção e o procedimento disciplinar»: medidas integradoras da valorização do fenómeno desportivo.

O traço de Pargana

Torneios de Verão animam futebol

Holanda

Os clubes holandeses Ajax (de Amesterdão) e o AZ'67 Alkmaar disputarão a final do Torneio Internacional de Futebol de Amesterdão, depois das suas vitórias (ontem) sobre o Tottenham (Inglaterra) e Colónia (RFA). O AZ'67 Alkmaar venceu o Colónia por 1-0 e o Ajax venceu o Tottenham por 3-2.

Por seu lado, o Standard de Liège e o PSV Eindhoven disputam, amanhã, a final do Torneio Internacional de Futebol de Eindhoven. Os belgas eliminaram os ingleses do Ipswich Town por 5 penalties a 4, depois de, no fim do tempo regulamentar, se verificar um empate a zero bolas. O Eindhoven venceu os ingleses do Brighton por 3-0.

Espanha

O Málaga (promovido à 1.ª Divisão do futebol espanhol) qualificou-se para a final do Torneio da Cidade de Marbella (perto de Málaga) ao vencer os alemães do Bayern Leverkusen por 2-1. A segunda meia-final do torneio terá lugar hoje, entre os espanhóis do Bétis de Sevilha (1.ª Divisão) e os ingleses do Liverpool (1.ª Divisão).

Piquet já comanda Fórmula Um em Zeltweg

Resultados verificados ontem, na primeira sessão oficial de treinos para o «Grande Prémio da Áustria» de Fórmula Um, que se disputa amanhã em Zeltweg: 1 °. Nelson Piquet (Brasil) Brabham, um minuo 27.61 segundos; 2.°, Riccardo Patrese (Itália) Brabham, 1.27.97; 3.°, Patrick Tambay (França) Renault, 1.29.5 86; 4.°, Alain Prost (França) Renault, 1.29.86; 5.°, Keke Rosberg (Finlândia) Williams, 1.31,10; 6.°, Michele Alboreto (Itália) Tyrrell, 1.31,81; 7.°, Elio de Angelis (Itália) Lotus, 1.32.68; 8.°, Niki Lauda (Áustria) Mclaren, 1.33,00; 9.°, Andrea de Cesaris (Itália) Alfa Romeo 1.33,35; 10.°, Derek Warwick (G. Bret.) Toleman, 1.33,67; 11.°, Nigel Mansell (G. Bret.) Lotus, 1.34,07; 12.°, Derek Daly (Irlanda) Williams, 1.34,11; 13.°, Brian Henton (G. Bret.) Tyrrell, 1.34,18; 14.°, Marc Surer (Suíça) Arrows, 1.34,42; 15.°, Bruno Giacomelli (Itália) Alfa Romeo, 1.34,43; 16.°, Jacques Laffite (França) Talbot, 1.34,53; 17.°, Eddie Cheever (EUA) Talbot, 1.34,62; 18.°, John Watson (G. Bret.) McLaren, 1.34,66; 19.°, Teo Fabi (Itália) Toleman, 1.34,69; 20.°, Roberto Guerrero (Colômbia) Esign, 1.34,79; 21.°, Raul Boesel (Brasil) March, 1.35,14; 22.°, Tommy Byrne (G. Bret.) Theodore, 1.35,31; 23.°, Elíseo Salazar (Chile), Ats, 1.35,58; 24.°, Jean-Pierre Jarier (França), Osella, 1.35,62; 25.°, Mauro Baldi (Itália) Arrows, 1.35,65; 26.°, Manfred Winkelhock (RFA) Ats, 1.35,66; 27.°, Chico Serra (Brasil) Fittipaldi, 1.35,72; 28.°, Rupert Keegan (G. Bret.) March, 1.36,27; 29.°, Rene Arnoux (França) Renault, 8.16.43.

Placard

Nadar em Sesimbra

A Travessia da Baía de Sesimbra (Organização do Clube Naval de Sesimbra com a colaboração da Federação Portuguesa de Natação), realiza-se no dia 22 às 11,30 horas.

A prova num percurso de 2.500 metros, será disputada por nadadores seniores, juniores e juvenis (homens e senhoras), estabelecendo-se duas classificações-gerais (individual, por categoria e sexo) e por equipas (sem distinção de categoria), formadas pelos três nadadores cujas classificações individuais conduzam ao menor somatório de pontos.

O almirante Almeida d'Eça recebe as medalhas em nome do «Cisne Branco»

Dominando o mar

Vela: "Parry e Son"

Disputou-se, entre Sagres e Vilamoura, a regata principal do II Troféu «PARRY & SON» para veleiros. Esta regata, que foi precedida por duas outras de encaminhamento (partindo de Cascais e de Vilamoura), foi ganha pelo veleiro brasileiro «Cisne Branco», que já havia ganho a regata (Newport--Lisboa, organizada pela APORVELA.

Classificação das regatas:Sagres – Vilamoura (II Troféu PARRY & SON) – 1.° «Cisne Branco» (brasileiro); 2.° «Swan Power» (alemão); 3.° «Big-Wig» (português); Regatas de Encaminhamento, Cascais-Sagres: 1.° «Cisne Branco» – (brasileiro); 2.° «Big-Wig» (português); 3.° «Slot-Machine» (português); Vilamoura-Sagres: 1.° «Rondine» (espanhol); 2.° «Swan Power» (alemão); 3.° «Safa» (português). A regata principal, que juntou 29 barcos à largada em Sagres, foi precedida por um jantar de confraternização num restaurante local.

Ténis de mesa movimenta-se

Movimentação no ténis de mesa: o Benfica garantiu já dois bons reforços: José Alvoeiro e José Marquês, ambos vindos do Sporting. O primeiro regressa pela segunda vez ao clube onde se iniciou na prática do ténis de mesa.

Os «leões» viram os seus quadros ainda mais enfraquecidos, com as saídas de Anabela Fernandes e de Pedro Miguel, ambos vinculados ao Clube Phiplips, associação que na próxima temporada se apresentará como um dos mais fortes candidatos ao título.

Segundo o nosso camarada «o diário», outras transferências estão dadas como certas, como acontece com a de Anselmo Viegas, do Alvinegro Portuense, que representará o Sp. Caldas, enquanto a jovem Ana Plácido, que se notabilizou na época passada ao serviço da Juventude Alhandrense, e que se vinculou ao Sporting, de onde sairá Rosa Salgado com destino ao Paço de Arcos.

Andebol prepara "setes"

O andebolista Luís Filipe, internacional «esperança» DO Encarnação, ingressou no Sporting. Aliás, o Encarnação é devastado pelas transferências com vista à próxima época. Além de Luís Filipe, não contará com Xavier («internacional») que ingressou no Belenenses, Semião, Arinto e Manuel Couceiro (regressados à Académica) podendo ainda perder outros valores. No Belenenses, onde se confirma o ingresso do almadense Paris, regista-se o regresso de Manuel Bernardino, ultimamente no Benfica, para além de José António e Xavier. No Benfica, o suíço Markus Mosimann (um «pivot» que, ao serviço do BSV-Ball Spiel Verein, já defrontou, há seis anos, o Sporting) é a grande novidade, embora o melhor reforço seja, (até ver) o portuense Nuno Montenegro.

MICROSCÓPIO

Râguebi progride

Foram admitidos como sócios efectivos da Federação de Râguebi, os comités Regionais do Norte e de Elvas, além de estar já constituído o agrupamento de Loulé.

DESPORTO

Certa confusão em muitos lances

Mário Kempes: excelente com a bola mas em péssima forma física

Sporting: tento irregular derrota Valência de Kempes

Foi com um golo irregular que, ontem, o Sporting conseguiu o primeiro triunfo da nova época, em jogo particular de futebol disputado em Alvalade, frente ao Valência, quarto classificado no último campeonato de Espanha. O tento solitário da partida foi obtido pelo brasileiro Hamilton (aos 58 minutos), após Jordão ter impedido de forma irregular o guardião Sempere de tentar anular o lance.

O Sporting, que fez a sua segunda exibição em Alvalade, pôs cobro a uma série negativa de seis derrotas e um empate, mesmo continuando a actuar desfalcado de alguns jogadores recém-recrutados ou que foram influentes na conquista do Campeonato e da «Taça» na época passada: Manuel Fernandes, Xavier, Ademar, Nogueira, Freire, Marinho, Bastos e Festas.

Mais do que a vitória, foi agradável a forma como os «leões» se entregaram ao jogo, actuando com uma vivacidade e uma determinação que estiveram ausentes uma semana antes, quando no mesmo estádio foram vencidos pelo Portimonense (0-1).

Frente a uma equipa recheada de bons jogadores, mas que só nos primeiros dez minutos criou as duas únicas ocasiões de que desfrutou em todo o jogo, o Sporting deixou entre os seus adeptos a ideia de que poderá iniciar uma considerável melhoria a escassos dias do início do campeonato nacional.

Num «onze» que continua em fase de sucessivas experiências, algumas delas parecendo votadas ao fracasso (como a de Mário Jorge no corredor direito) e Barão no meio-campo, alguns jogadores confirmaram referências anteriores. Estão nesse caso o jugoslavo Bukovac que foi um dos melhores elementos em campo (e que, apesar de colocado a defesa esquerdo, foi um dos «leões» que mais problemas criou à defesa espanhola) e o jovem Venâncio, que actuou com muita autoridade e personalidade, justificando a grande confiança de Malcolm Allison no seu futuro.

O brasileiro Hamilton também teve pormenores que agradaram ao público «leonino» e lutou num confronto desigual com a defesa valenciana, sendo também de notar a razoável forma de Jordão, a óptima presença de Meszaros e a acção continuada e esforçada de Virgílio, como «líbero».

Quem não confirmou as referências colhidas durante o estágio na Bulgária foi o búlgaro Kostov, que tem no entanto a seu favor o facto de vir de uma paragem por lesão, revelando por isso falta de condição física.

O Valência decepcionou o público lisboeta: tem bons executantes, povoa bem o meio-campo mas carece (pelo menos assim foi neste jogo) de continuidade na dianteira, deficiência que também se notou nos campeões nacionais.

Notas a destacar: cerca de mil contos de bilheteira, grande ovação dos adeptos **leoninos** à entrada de Malcolm Allison no terreno, problema criado aos lisboetas com a presença de três estrangeiros na equipa, quando a regulamentação em vigor apenas autoriza (em jogos oficiais) a actuação de um estrangeiro. De momento parece que a opção de Allison está feita: Meszaros continua de pedra e cal, até porque actuou muito bem perante Kempes e companhia.

Má arbitragem de Lopes Martins (Lisboa) que anulou um golo ao Sporting em benefício do infractor, perdoou uma grande penalidade cometida pelos valencianos (sobre Jordão) e, para além disto, ainda validou o golo dos «leões» quando Jordão impedia Sempere de se fazer ao lance. Mostrou o cartão amarelo a Carrete, Kempes e Saura.

Sporting: Meszaros, Venancio, Virgílio, Kikas e Bukovac;; Mafio Jorge, Kostov, Oliveira e Barão (Zezinho, 45);Hamilton (Lito, 86) e Jordão.

Valência: Sempere; Carrete (Cesar, 72), Tendillo (Subirats, 45), Arias e Botubo; Castellanos, Kempes (Bermell, 45), Roberto, (Pablo 45) e Solsona; Saura e Welzl.

Máximos

Halterofilia: recorde mundial

O cubano Daniel Nuñez bateu o recorde mundial de arranco na categoria dos 60 quilos, com 136 quilos, durante os campeonatos centro-americanos, em Havana. Nuñez (campeão olímpico) superou o anterior máximo de 135.5 quilos que pertencia a Boleslav Manolo (Bulgária) desde 2 de Junho.

Colectividades

Clube Desportivo da Cova da Piedade

Os novos responsáveis pelo Clube Desporivo da Cova da Piedade são, na mesa da Assembleia Geral: Manuel Francisco, Henrique Lopes Pinto, António José Baião Milho e José Júlio Monteiro Gomes. Conselho Fiscal: Diogo Manuel de Sousa Santos, Joaquim Lopes Pinto, Pedro da Silva Gama, Luís José da Fonseca Teigas, Manuel Gomes Abranches e Vítor de Jesus Matos. Direcção: António Marques Martins, Rafael Luz Cardoso, Florindo da Silva Guerreiro Rendeiro, Domingos Margarido das Neves G. Peças, José Fernandes Alves de Barros, Daniel Teodoro Camacho de Andrade e Abílio Gomes da Luz, Jaime João dos Santos Rocha, Carlos Manuel Carvalho Gonçalves, Edmundo Ribeiro Fernandes, Fernando Manuel, Almeida Santos, Mário Manuel Fernandes Gomes Paceta e António Francisco Prazeres Gaio. Federação das Colectividades de Cultura e Recreio: João José da Silva Rodrigues e Domingos Esteves de Matos.

«Os Águias de S. Mamede»

Novo elenco directivo de «Os Águias de S. Mamede» (Lisboa):

Assembleia Geral: Aires Adriano Ferreira Esteves, José Manuel Maria Alves e Joaquim José Gomes Modesto. Direcção: António Vitorino de Sousa, Nuno José dos Santos Conceição, Aníbal Coelho Domingos, Alfredo José Moreira Marques, Joaquim da Conceição Candeias, Carlos Santos Peixe, Arlindo José Carreira, José Manuel Malta Jorge e Carlos Manuel Marcelino Rosa. Conselho Fiscal: João Domingos Santos e Silva, Fernando da Conceição Baptista Ramos e Aníbal Guerreiro Cardeira.

Uma assembleia geral extraordinária da colectividade está marcada para as 15 horas de 4 de Setembro. Entretanto, «Os Águias de S. Mamede» abrem inscrições para quem desejar praticar futebol (salão, de onze ou juvenil), atletismo (sénior e juvenil), xadrez, damas e ténis de mesa.

"Naranjito": sabor amargo

O presidente do Comité de Organização do Campeonato do Mundo de Futebol de 1982 (o espanhol Raimundo Saporta) meses antes do início da competição, declarara que **«quando tudo houver terminado entregarei ao Rei um cheque no valor de mil milhões de pesetas»**. Mas, dias antes do pontapé desaída, Saporta dar-se-ia já por muito satisfeito se o «Mundial» proporcionasse uma só peseta de lucro.

Tal situação traduz (na verdade) o logro tremendo que foi a organização da prova, sendo generalizada a opinião de que abundaram as «negociatas obscuras», principalmente devido à acção da «Mundiespaña» Aliás, quem viveu o acontecimento «por dentro» não teve qualquer pejo em afirmar, alto e bom som, que a «Mundiespaña» não passou de uma autêntica «vigarice oficializada» Bem se pode dizer que (afinal) amargo é o sabor do «Naranjito»...

A FIFA (Federação Internacional de Futebol) engloba 150 federações e associações nacionais que agrupam trezentos mil clubes, os quais integram setecentas mil equipas que mobilizam trinta milhões de jogadores. Destes, apenas quinhentos mil são profissionais e semiprofissionais e só duzentos mil são profissionais puros.

A FIFA não gasta dinheiro à toa e o seu presidente (o brasileiro João Havelange) chegou a afirmar que o «Mundial – 82» render-lhe-ia qualquer coisa como 150 milhões de dólares.

Ainda antes de os futebolistas subirem ao relvado, já a «West Nally» concluia os seus negócios, tendo conseguido envolver comercialmente na sua órbita nada menos de 53 países.

Há quem considere a «West Nally» uma «curadora financeira» da FIFA, mas a verdade é que tal consideração só é válida em relação aos «Mundiais» de seniores. A nível de juvenis (por exemplo) a «curadora financeira» é outra (a «Coca-Cola») enquanto que na esfera dos equipamentos desportivos quem comanda é a «Adidas».

Recorde-se (a propósito) que para o Campeonato do Mundo de 1978, na Argentina, a «Adidas» forneceu gratuitamente as bolas, mas foi amplamente recompensada porque, findo o «Mundial», em inúmeros estádios do globo se passou a jogar com a famosa bola que recebera o nome de «Tango». No Campeonato de Espanha foi a vez de se lançar um outro esférico, o «Tango-España». No respeitante aos equipamentos desportivos, a «Adidas» tem, porém, uma poderosa concorrente há uma vintena de anos, a «Puma». E outra que surge em força: a «Ponny».

Os «homens de negócios» apressam-se, assim, a oferecer aos participantes de um «Mundial» todo o equipamento indispensável e, além disso, ainda pagam, se preciso for, para que um futebolista jogue com determinados par de botas, camisola, ou par de calções. Estas despesas são reembolsadas, de modo fortemente compensador, pelo rendimento das vendas durante ou depois do campeonato.

No «Mundial» da Argentina, eclodiu um escandâlo com o seleccionado francês, porque aos jogadores foram entreges botas iguais, oferecidas pela mesma empresa, mas cada um deles firmara contratos com outras firmas, pelo que se dispuseram a colocar nas botas os respectivos emblemas, facto que a empresa ofertante das botas, naturalmente, não aceitou.

MICROSCÓPIO

Hóquei benfiquista vai em pleno

Torcato Ferreira continua ao serviço do Benfica por mais uma temporada. A turma da Luz conseguiu dois bons reforços: João Oliveira (ex-guarda-redes do Sporting, que actuou no Sp. Tomar na época finda) e Rodrigues (médio no Belenenses). Ambos os compromissos têm a duração de uma temporada. A preparação da equipa benfiquista inicia-se no dia 1 de Setembro, tendo em vista o jogo com o FC Porto, a realizar no dia 2 de Outubro, e que conta para a «Supertaça».

Malta da Costa

O cavaleiro Manuel Malta da Costa, montando «Far West VI», classificou-se em 5.º lugar no «Prémio Miramar», terceira prova do torneio que está a decorrer em Biarritz (França). A prova foi ganha pelo francês Patrick Caron, montado em «Malezan Fan Fan D'Ira», com o tempo de 65,77, contra os 71.12 do cavaleiro português.

Título soviético

O soviético Sergei Kornilaev conservou o título de campeão do Mundo de luta livre, na categoria dos 48 kg, ao bater o búlgaro Ali Mechemed por 9/2.

Corremos em Vigo

A equipa nacional masculina de atletismo cumpre, neste fim-de-semana, participação num encontro internacional: o triangular Espanha - Itália - Portugal, a realizar em Vigo. Programa de hoje: 19.15: altura, peso e 100m (f); 19.30: 110m/b; 19.40: 100m e comprimento; 19.50: 1500m e dardo; 20.00: 400m; 20.05: 10 000m; 20.40: 4X100m. Amanhã, às 18.30: vara; 18.45: martelo; 19.15: 400m/b (f); 19.30: 400m/b e altura (f); 19.40: 200m, triplo e disco; 19.50: 3000m-/obs.; 20.00: 800m; 20.10: 3000m (f); 20.25: 5000m; 20.45 4X400m. A classificação colectiva será obtida na base dos 7 - 5 - 4 - 3 - 2 - 1 para as provas individuais e 6 - 4 - 2 - para as estafetas.

Atletismo homenageia Eduardo Albuquerque

A 21 do corrente processa-se a 3.ª fase do «Troféu Recordação», para homenagear o ex-atleta Eduardo Albuquerque, estando em disputa uma Taça com o seu nome. Em iniciativa da Associação de Atletismo de Lisboa, as provas decorrerão no Estádio da Luz, com o seguinte programa: Martelo: Altura - Fem., 100 jardas - Masc. 100 jardas - Fem., 300 metros - Masc. 300 metros - Fem., 500 metros - Masc., Comprimento - Mas. Peso - Fem., 500 metros - Fem., 1 000 metros - Mas., 1 000 metros - Fem., 5.000 metros - Masc., 10.000 metros - Marcha - Masc. (Extra)

Voleibol: ensinar

A Federação Portuguesa de Voleibol vai organizar de 11 a 23 de Setembro próximo, na cidade do Porto, um curso internacional de treinadores (grau II) ministrado por técnicos reconhecidos pela F.I.V.B.

Basquetebol: assembleia

Associação de Basquetebol de Lisboa: Assembleia Geral Extraordinária para o próximo dia 3 de Setembro de 1982, pelas 20 e 30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Apreciação e discussão da atitude da Direcção da Associação ao Congresso da Federação Portuguesa de Basquetebol em 17/7/82;

Demissão da Direcção e marcação de novas eleições;

Assuntos vários de interesse para a modalidade.

DESPORTO

"Volta" a passo de ganso: ninguém com insónias...

Depois da já quase **histórica** escapada de onze corredores, que reduziu ao conformismo quase todo o demais conjunto de ciclistas, está a verificar-se uma estranha e insólita passividade no grosso das hostes que competem por excelentes prémios na «Volta a Portugal» mas parecem apenas desenvolver o mínimo esforço, até que cheguem os contra-relógios ou surja a montanha, para então se ordenar (em definitivo) a tabela de ganhos e percas.

Ontem, a tirada Monte Gordo-Moura mais parecia um dormitório ambulante. Após o tavirense António Coelho ter renunciado à competição (reduzindo a 61 o número de presenças na estrada) houve uma fugazinha de quatro cavaleiros (Zeferino, Andrade, Adelino e Manuel Gomes) mas a recolagem foi pronta e, com uns «sprintezinhos» à mistura, consoante se ofereciam prémios do «JN» ou de entidades particulares, o tempo ia passando, até com oportunidade para lanchar ou ir contando proezas dos rebentos ao parceiro do lado.

Em Serpa, lá se verificou movimentação, com a abalada de um jóvem serralheiro da Coelima, rapaz de 22 anos, de seu nome José Pereira que, por estar bem longe do bloco dos **donos da corrida,** foi autorizado a ganhar a tirada que tinha conclusão na Avenida de S. Francisco, na alentejana Moura.

A média do vencedor (33,794 km/hora) já não se usa nem em veteranos. Se acrescentarmos que o último classificado da etapa (o tavirense Manuel Gonçalves) apenas gastou mais três minutos e 46 segundos que o triunfante jóvem, fica-se com a ideia exacta de como se desenvolveu a fita colorida de «amadores» que, em larga fatia, auferem proventos da ordem das várias dezenas de contos mensais e, na «Volta a Portugal» se entregam a uma monotonia somente quebrada por um pequeno rasgo de jovens que desejam dar nas vistas ou então quando os **maiorais,** por acordo tácito, resolvem dar uma pedaladazita com mais força e, juntinhos também, cumprirem o mínimo da sua obrigação.

Do coração se espera que a prova anime: vedetas que (no íntimo) sonham prolongar as belas proezas de Joaquim Agostinho, não podem passar uma semana em observação mútua para reservarem toda a sua capacidade num solitário golpe de sorte.

José Pereira, o rapazito da Coelima, bem deu o mote:

Aproveitei as minhas forças e o facto do pelotão estar a enrolar a manta, mas foi um bocadinho duro por causa do calor. De qualquer modo, ainda espero ganhar mais uma etapa, se tudo continuar correndo como até agora.

Mário Miranda (o seu técnico) é um homem que mostra satisfação: **o moço cumpriu o meu plano. Porque «isto» foi tudo pensado e a Coelima vai tentar contrariar os grandes** (Bombarralense e F.C. Porto) **embora tenhamos uma equipa muito jóvem e, com experiência semelhante à das «feras» que correm pela concorrência, somente possa dispor do Luís Teixeira.**

Apatia dos bem instalados na vida» Conformismo de alguns simples que já só pensam em, diariamente, atingirem a meta dentro do horário autorizado? Medo entre as «figuras» que tudo vão apostar na Serra da Estrela?

A «Volta», quase a atingir a sua pausa para meditação (segunda-feira, nas Termas de Monfortinho) pouco mais tendo para contar que a citação de como vai entrando agarradinho o bloco de artistas, em cada pedaço de uma competição que já foi ardorosamente disputada, em cada palmo com muito para se recordar.

A seguir

HOJE: Moura-Castelo de Vide, 188Km. Partida às 13 horas, chegada cerca das 18.20.

AMANHÃ: Castelo de Vide-Termas de Monfortinho, 159 Km. Partida às 10 horas, chegada cerca das 14.25.

Moura: uma vez mais, a proeza isolada de um jovem

António Fernandes (Rodovil) mantém a camisola amarela. José Pereira (Coelima) colheu o fruto da sua escapada

Anos	Datas	Dias	N.º de etapas	Km	Desistentes	Participantes	Vencedores	Clubes	Vencedores por equipas	Médias
1927	26 4 a 15 5	20	18	1985	15	37	Augusto Carvalho	Carcavelos	Carcavelos	24 191
1931	6 9 a 27 9	22	19	2074		29	J. Maria Nicolau	Benfica	Benfica	25 087
1932	21 8 a 11 9	22	19	2448	27	46	Alfredo Trindade	L C R de Janeiro	Benfica	26 072
1933	19 8 a 10 9	23	18	2441	22	43	Alfredo Trindade	Sporting	Sporting	26 598
1934	10 8 a 2 9	23	12	1842	20	35	J. Maria Nicolau	Benfica	Benfica	27 770
1935	25 8 a 8 9	15	16	1880	24	35	Cesar Luis	«Leoes F. Alentejo»	C. de Ourique	29 481
1938	5 8 a 21 8	17	20	2332	18	49	J. Albuquerque	C de Ourique	C U F	30 165
1939	3 8 a 20 8	18	30	2617	21	43	J. Fernandes	C U F	Benfica	30 522
1940	28 8 a 8 9	12	16	1766	14	35	J. Albuquerque	Sporting	Sporting	30 539
1941	8 8 a 24 8	17	24	2268	9	55	Francisco Inacio	Sporting	Sporting	31 082
1946	1 8 a 22 8	23	29	2306	28	77	Jose Martins	«Iluminante»	Iluminante»	31 435
1947	26 8 a 7 9	13	17	2285	18	57	Jose Martins	Benfica	Benfica	30 388
1948	1 8 a 15 8	15	18	2208	40	74	F. Moreira	F C Porto	F C Porto	31 907
1949	21 7 a 7 8	18	22	2635	52	96	Dias dos Santos	F C Porto	F C Porto	32 470
1950	26 7 a 13 8	19	20	2860	30	68	Dias dos Santos	F C Porto	F C Porto	30 831
1951	11 8 a 26 8	16	16	2485	17	55	Alves Barbosa	Sangalhos	Sangalhos	29 052
1952	2 8 a 7 9	18	17	2647	22	57	Moreira de Sa	F C Porto	F C Porto	30 386
1955	6 8 a 21 8	15	18	2452	21	59	Ribeiro da Silva	Academico	F C Porto	32 145
1956	17 8 a 1 9	16	22	2577	28	58	Alves Barbosa	Sangalhos	Academico	32 703
1957	1 8 a 18 8	18	19	2689	30	64	Ribeiro da Silva	Academico	Academico	33 205
1958	2 8 a 24 8	23	28	3361	44	75	Alves Barbosa	Sangalhos	F C Porto	33 691
1959	1 8 a 20 8	20	26	2643	55	91	Carlos Carvalho	F C Porto	Licor 43	33 715
1960	14 8 a 28 8	19	19	2551	66	116	Sousa Cardoso	F C Porto	F C Porto	33.906
1961	29 7 a 15 8	19	24	2607	53	119	Mario Silva	F C Porto	Sporting	36.755
1962	4 7 a 19 7	19	20	2589	93	129	Jose Pacheco	F C Porto	Sporting	36.289
1963	31 7 a 15 8	15	19	2325	64	113	João Roque	Sporting	Benfica	37 408
1964	14 8 a 30 8	17	20	2396	43	103	Joaquim Leao	F C Porto	F C Porto	39.404
1965	30 7 a 15 8	17	18	2627	80	106	Peixoto Alves	Benfica	Flandria	35.922
1966	6 8 a 21 8	16	21	2342	28	66	F. Valada	Benfica	Benfica	36.478
1967	12 8 a 21 8	16	23	2363	18	54	Houbrechts	Flandria	Sporting	37 708
1968	10 8 a 25 8	15	21	2325	22	64	Americo Silva	Benfica	Sporting	36.981
1969	14 8 a 31 8	18	27	2616	20	68	J. Andrade	Sangalhos	F C Porto	35.429
1970	25 7 a 9 8	16	24	2294	45	72	J. Agostinho	Sporting	Sporting	37.864
1971	24 7 a 8 8	16	25	2326 1	33	90	J. Agostinho	Sporting	Sporting	38 488
1972	12 8 a 27 8	16	24	2397	52	89	J. Agostinho	Sporting	Sporting	36 770
1973	5 8 a 19 8	15	20	2294	52	97	J. Manzaneque	Messias	Sporting	34 706
1974	3 8 a 18 8	16	24	2085.5	26	72	Fernando Mendes	Benfica	Benfica	37 433
1976	16 8 a 29 8	14	19	1588	50	104	F. Bernardino	Benfica	Sangalhos	36.816
1977	14 8 a 27 8	14	15	1598 6	28	74	Adelino Teixeira	Lousa	Aguias	38.779
1978	6 8 a 20 8	15	19	2061 2	40	81	Belmiro Silva	Coimbroes	Lousa	38.416
1979	3 8 a 15 8	12	16	1853	37	66	Joaquim S. Santos	F C Porto	F C Porto	35.412
1980	5 8 a 17 8	13	15	1842	26	65	Francisco Miranda	Lousa	F C Porto	35.399
1981	19 7 a 1 8	14	16	1837 4	45	87	Manuel Zeferino	F C Porto	F C Porto	39.958

Assim vai a "Volta"

Chegada na etapa: **Monte Gordo-Moura:** 1.º José Pereira (Coel.). 4.40,31; 2.º Alex. Ruas (Lousa); António Pinto (Coel.); A. Fernandes (Rod.), 4.43,50; 5.º Carlos Santos (FCP); F. Fernandes (Bomb.); Marco Chagas (FCP); José Amaro (FCP); B. Ferreira (Lousa); F. Carvalho (Ovar), 4 43.53. 11.º José Silva (Coimbr.). Aug. Gomes (Rod.); M. Martins (Vigam.). 4.44,00; 14.º Tito Timóteo (Ovar); B. Sousa (Vigam.).; L. Domingos (Bomb.); R. Fachadas (Coimb.); António Alves (FCP); R. Henriques (Bom.); L. Teixeira (Coel.), 4.44.03; 21.º Manuel Neves (Rod.); A. Gouveia (Coimb.); Rui Martins (Luso); R. Ribeiro (Vigam.); J. Martins (Vigam.); A. Terebentino (Vigam.); V. Fernandes (Rod.); M. Zeferino (FCP); José Xavier (Bomb.); R. Carvalho (Lousa); Elias Campos (Tav.); José Marques (Tav.); C. Marques (Tav.); C. Ferreira (Tav.); Belmiro Silva (FCP); Man. Gomes (Rod.); M. Alves (Coimb.); J. Andrade (Ovar); Ant. Castro (Coimb.); Eduar. Correia (FCP); J. Henriques (Lousa); A. Teixeira (Bomb.); F. Maia (R. Tinto); João Santos (Bomb.); Abel Coelho (Lousa); José Poeira (Coimb.); M. Cunha (FCP);... J. S. Santos (Rod.); N. Medeiros (Coel.); A. Silva (Coimb.);... Rui Avelar (Luso); G. Gonçalves (Coel.); L. Vargues (Bomb.); E. Sneoliski (Luso); S. Serrenho (Luso); J. Paulinho (Tav.); Herc. Silva (Ovar), 4.44,10; I. Miranda (Coel.); 59.º A. Cardoso (Vigam.); Adriano Pedro (Ovar); M. Gonçalves (Tav.). 4.44,17. Média do vencedor: 33,794 km/h. Desistiu: António Coelho (Tav.).

José Fereira: serenidade na fuga, certeza de que a concorrência estava adormecida

Equipas: 1.ª Coelima, 14.08,24; 2.ª F. C. Porto, 14.11,39; 3.ª Lousa, 14.11.53; 4.ª Bombarralense, 14.11,59; 5.ª Rodovil, 14.12,00; 6.ª Ovarense, 14.12,06; 7.ª Coimbrões; 8.ª Vigaminho; 9.ª Tavira e 10.ª L. Canadian-Velo, 14.12,13.

Geral individual: 1.º, A. Fernandes (Rod.) 18.50.58; 2.º, Alex. Ruas (Lousa) 18.51.03; 3.º, Marco Chagas (FCP), B. Ferreira (Lousa), 18.51.06; 5.º, L. Domingos (Bom.), 18.51.16; 6.º, J. Xavier (Bomb.), A. Teixeira (Bomb.), M. Zeferino (FCP), J. S. Santos (Rod.), 18.51.23; 10.º, Ant. Pinto (Coel.), 18.55.20; 11.º, C. Santos (FCP), José Amaro (FCP, F. Fernandes (B), F. Carvalho (Ovar), 18.55.28; 15.º, José Silva (Coimb.), M. Martins (Vig.), 18.55.35; 17.º, R. Henriques (B), Ant. Alves (FCP), R. Fachadas (Coi.), T. Timóteo (Ovar), B Sousa (Vigam.), L. Teixeira (Coel.), 18.55.38; 23.º, J. Martins (Vigam.), B. Silva (FCP), V. Fernandes (Rod.), A. Gouveia (Coi.), A. Castro (Coimb.), R. Martins (Lousa), Elias Campos (Tav.), B. Carvalho (Lousa), C. Ferreira (Tav.), M. Cunha (FCP), José Marques (Tav.), J. Andrade (Ovar), N. Medeiros (Coel.), J. Santos (Bomb.) Abel Coelho (Lousa), M. Gomes(Rod.), J. Poeira (Coim.), Ed. Gouveia (FCP), J. Paulinho (Tav.), L. Vargues (Bomb.), 18.55.45; 43.º, Aug. Gomes (Rod.), 18.55.50; 44.º, M. Gonçalves (Tav.), 18.55.52; 45º, J. Henriques (Lou.), Man. Neves (Rod.), 18.56.15; 47.º, Herc. Silva (Ovar), A. Terebentino (V.), F. Maia (R. Tinto), 18.57.38; 50.º, A. Pedro (Ovar), 18.57.42; 51.º, E. Smolisky (Luso), 18.59.13; 52.º, José Pereira (Coel.), 18.59.24; 53.º, M. Alves (Coimb.), Rui Avelar (Luso), 18.59.26; 55.º, A. Cardoso (Vig.), 18.59.33; 56.º, S. Serrenho (Luso), 19.00.17; 57.º, B. Ribeiro (Vigam.), G. Gonçalves (Coe.), 19.00.35; 59.º, C. Marques (Tav.), 19.04 14; 60.º, I Miranda (Coel.), 19.08.09; 61.º, A. Silva (Coimb.), 19.14.45.

Equipas: 1.ª Bombarralense, 57.00,50; 2.ª FC Porto, 57.04,20; 3.ª Rodovil, 57.05,33; 4.ª Lousa, 57.05.50; 5.ª Coimbrões, 57.10,44; 6.ª Coelima, 57.11,00; 7.ª Luso Canadian-Velo, 57.14,13; 8.ª Vigaminho, 57.14,26; 9.ª Ovarense, 57.14,35; e 10.ª Tavira, 57.15,07. **Pontos:** 1.º Alexandre Ruas (Lousa), 35; 2.º António Fernandes (Rod.), 24; 3.º António Pinto (Coel. 23; 4.º Marco Chagas (FC. Porto), 22; e 5.º Fern. Fernandes (Bomb.), 10.

Juventude; 1.º Luís Domingos (Bombarral.); 2.º José Xavier (Bombarralense); e 3.º Manuel Zeferino (FC Porto).

Metas volantes: 1.º José Henriques (Lousa), 13 pontos; 2.º Carlos Santos (FC Porto), 6; 3.º Rui Henriques (Bomb.), 6; 4.º Fernando Maia, (R. Tinto), 5; e 5.º António Alves (FCP), 2.

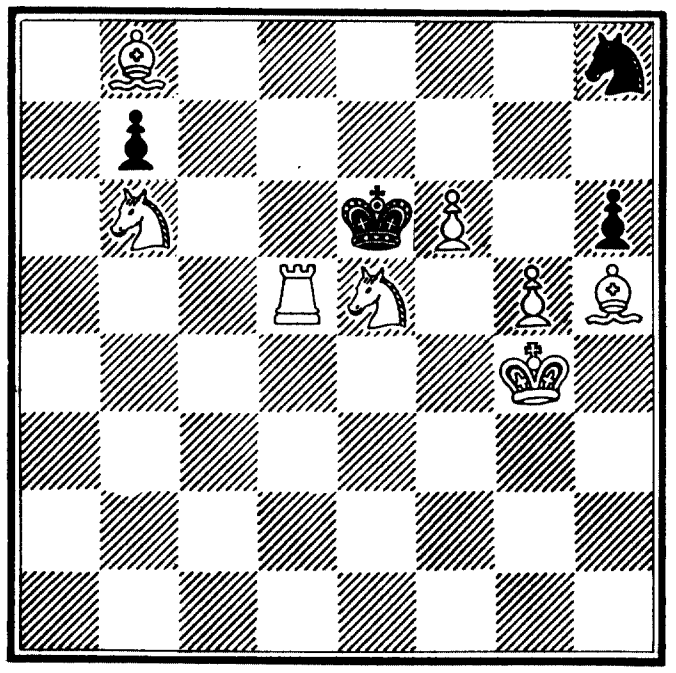
Montanha: 1.º António Fernandes (Rod.), 12 pontos; 2.º Carlos Santos (FCP), 12; 3.º Belmiro Ribeiro (Vigam.), 8; 4.º Marco Chagas (FC Porto), 8; e 5.º Alexandre Ruas (Lousa), 3.

Combinado: 1.º António Fernandes (Rod.) 4 pontos; 2.º Alexandre Ruas (Lousa), 8; 3.º Marco Chagas (FC Porto) 11; e 4.º Carlos Santos (FC Porto) 22.

Na franja da corrida, uma beleza a não marginalizar

Problemas de Xadrez

O tema «Fleck», do nome do grande compositor húngaro, exige que a chave faça várias ameaças e que cada lance negro elimine sempre todas menos uma.



A. Pries
«Problem» 1951
(2 lances)

SOLUÇÃO:
1. Cc6, ameaça 2. Cd4/Cd8/Te6, e as defesas são 1... Cf7/Cg6/bxg6/bxc6, permitindo sempre um só dos mates ameaçados.

Alack Sinner

Banda Desenhada de Muñoz e Sampayo

23

C OPYRIGHT Muñoz e Sampayo/Quipos/ADS

continua

«PENUFE — SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES, LIMITADA»

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 21 de Julho de 1982, lavrada de fls. 67 a 69, do livro de notas para escrituras diversas n.º cento e sessenta-F, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada Lídia Rodrigues Maia Devesa, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe e sede em Lisboa, a qual ficou a reger-se pelo pacto social constante da fotocópia anexa que, com esta, se compõe de cinco folhas e vai conforme ao original.

Lisboa, vinte e dois de Julho de mil novecentos e oitenta e dois.

O 3.º Ajudante,
Ilda Meireles Lopes de Carvalho Esteves

PRIMEIRO

A Sociedade adopta a denominação PENUFE — SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES, LIMITADA, tem a sua sede em Lisboa, na Avenida da República, número vinte e seis, freguesia de Nossa Senhora de Fátima e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início, para todos os efeitos, desde hoje.

SEGUNDO

A Sociedade tem por objecto, a compra e venda de imóveis e construção civil, podendo ainda explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e não seja proibido.

TERCEIRO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de TRINTA MIL CONTOS, e corresponde à soma de três quotas, uma de dezoito mil contos, do sócio MANUEL PEREIRA, uma de seis mil contos, do sócio MANUEL NUNES, e uma de seis mil contos, do sócio FRANCISCO ANTÓNIO FERNANDES.

QUARTO

A cessão de quotas, entre sócios, só poderá efectuar-se com o acordo de todos os sócios.

PARÁGRAFO ÚNICO

A cessão de quota a estranhos, por qualquer título, necessita de ser autorizada em Assembleia Geral, pertencendo sempre à Sociedade o direito de preferência, em primeiro lugar, e aos sócios não cedentes, em segundo lugar.

QUINTO

A gerência da sociedade, bem como a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, pertence a todos os sócios, desde já nomeados gerentes, sem caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral.

PARÁGRAFO PRIMEIRO

Para que a sociedade fique validamente obrigada em todos os seus actos e contratos, designadamente, compras e vendas de bens e imóveis, confissões de dívidas, hipotecas e escrituras de propriedade horizontal, é indispensável as assinaturas em conjunto, de dois gerentes, uma das quais tem que ser sempre a do sócio MANUEL PEREIRA, ou da pessoa em que ele, por meio de procuração, delegue os respectivos poderes.

PARÁGRAFO SEGUNDO

A Sociedade, com o acordo de todos os sócios, pode constituir mandatários, nos termos e para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis, do Código Comercial.

PARÁGRAFO TERCEIRO

É vedado aos sócios gerentes e procuradores, obrigar a Sociedade em actos e contratos estranhos às suas operações e actividades. — O que infringir este preceito responderá perante a Sociedade e terceiros, pelas perdas e danos a que der causa, sem prejuízo da Sociedade poder invocar a nulidade do respectivo acto ou contrato.

SEXTO

Os lucros líquidos apurados, depois de deduzidos cinco por cento para o Fundo de Reserva Legal, terão a aplicação que for deliberada em Assembleia Geral.

SÉTIMO

As assembleias gerais, quando a lei não prescreva outras formalidades, serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência, pelo menos.

OITAVO

A Sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer sócio, competindo à sociedade escolher entre os respectivos herdeiros ou representantes, um que a todos represente na Sociedade, enquanto a quota se mantiver indivisa.

Angústia Desespero Solidão
54 45 45
centro S.O.S. voz amiga
uma voz amiga estará contigo

Todas as noites
de Quarta a Sábado
às 22 horas e
Sexta e Sábado às 24 h
Armando Gama (Piano Voz)
no ROLLER BAR
R. Ricardo Espírito Santo
6A — 1200 Lisboa
Tel. 60 27 18

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confecções
Av. João XXI, 8-D - 1000 (metro Arroios) Rua Infantaria, 18-B-C - 1300 LISBOA

VENDA DIRECTA
SECÇÃO DE PRONTO A VESTIR
SALDA
RESTOS DE COLECÇÃO
de 15 a 31 de Agosto
R. SANTA JUSTA N.º 60-3.º ESQ
LISBOA

Avinhão, as férias do teatro

4 — O actor e o seu duplo (a marioneta)

Jusaburo Tsujimura, criador de marionetas e, mais do que manipulador, com elas actor, tem uma história curiosa que ele próprio contou. Viveu desde criança entre mulheres, panos, maciezas. Desde então a sua paixão tem sido mexer em sedas, quimonos, cortá-los, trabalhá-los. Paixão custosa pois alguns desse panos eram bordados a ouro o que obrigou a família a tomar cautelas marcadas por alguma violência. No entanto, nunca JT perdeu esse gosto que se tornou num autêntico fetiche, embora transferindo-o em parte para a construção de bonecas que ainda hoje alimenta, tendo construído mais de mil marionetas. Criança e adolescente frágil pôde escapar à guerra, que detestava, e depois de tentar vários ofícios acabou por se entregar à sua vocação e assim criou os seus espectáculos. Hoje é célebre no Japão, menos pelos seus espectáculos do que pelas bonecas que fabrica: belas, envolvidas em panos preciosos, decoradas com jóias autênticas. Foi a primeira vez que saiu do Japão, fazendo agora uma digressão pela Europa que começou, com grande sucesso em Itália.

A companhia de JT apresentou três espectáculos diferentes no Teatro Municipal de Avinhão, só o último dos quais apresentou uma boa plateia (caso raríssimo). Cada um destes espectáculos apresentava uma história diferente, precedida por um prólogo (canto e dança «Shinnai»), com o qual JT presta homenagem à antiga tradição das marionteas japonesas.

Embora muito popular no Japão, este artista é olhado com desconfiança por aqueles que respeitam as tradições, em especial pelos cultores das célebres marionetas Bunraku, os quais como ele próprio confessaria, se recusam a ver os seus espectáculos. Compreende-se que assim seja: é que há uma influência muito grande do Ocidente nos trabalhos de JT.

Embora não tivesse nenhum dos espectáculos de JT na minha agenda consegui ver os três, dois deles quase sem querer. Tendo-me interessado, a partir da conferência de Imprensa a que assisti, pelos espectáculos, procurei ao menos ver um ensaio, para saber como era. Atendido por um dos elementos da companhia, o produtor, tive sorte, pois a primeira coisa que me perguntou, para grande espanto meu, foi se conhecia o Norberto Ávila. Tinham-se tornado amigos na temporada que ambos tinham passado, vai para 15 anos, no Teatro das Nações. Aqui fica o recado para o Norberto Ávila.

Assistimos, pois, ao ensaio do primeiro espectáculo.

Em linhas gerais, os espectáculos de JT são assim constituidos: no prólogo, uma cantora e executante de um instrumento cujo nome desconheço, narra pelo canto e pela música uma velha lenda enquanto JT faz deambulações com a sua marioneta preferida que mede cerca de um metro e que ele transporta nos braços. A segunda parte dura cerca de uma hora e narra uma história adaptada da obra de um escritor japonês dos finais do século XIX que JT muito admira. A história é narrada em off por uma voz feminina, excessivamente monótona, por vezes a intervenção de outras vozes.

Enquanto JT se apresenta de rosto descoberto, os outros manipuladores surgem completamente tapados de negro, incluindo os rostos e as mãos, o que os torna quase invisíveis embora não pretendam ocultar a sua presença. O elemento principal do cenário é constituído por fitas de várias cores que caem da teia e que servem para os três espectáculso, e há vários elementos referentes a cada espectáculo: além de cortinas, fachadas de casa, por exemplo, na terceira história, pequenos e antigos bonecos de barro, colocados na ribalta.

Para quem não sabe japonês, o espectáculo surge como uma longa deambulação de belos objectos enquadrados por elementos cénicos por vezes de gosto discutível e acompanhados por uma banda sonora em que a mistura de música japonesa e de música ocidental (como as dos Pink Floyd) não me pareceu geralmente aceitável. Essas deambulações abrangiam a plateia pois o espectáculo decorria por vezes junto dos espectadores.

O encenador conseguiu efeitos extraordinários: a água, a vegetação, os peixes, com uma cortina, a luz, os objectos manipulados imitavam com grande beleza. Uma caixa que se abria e de onde saltava de repente uma borboleta, era outro momento raro. Mas especialmente as bonecas, de vários tamanhos (uma exigia três manipuldores) e que eram de uma beleza ao mesmo tempo serena e perversa, quase humana. No final da última história surgia uma marioneta colocada no que parecia ser o sopé de uma montanha constituído por um vestido fantástico.

Se algumas cenas dos três espectáculos eram, pois, de grande beleza, se as bonecas de JT eram autênticas criações, os espectáculos atravessavam com frequência a fronteira do Kitsh, em especial pelas luzes usadas, pela música, por certos efeitos que destruíam a beleza fantástica das bonecas.

No entanto, uma cena da última história bastaria para justificar estes espectáculos; foi uma das coisas mais comoventes que vimos em todo o Festival. Um dos manipuladores desfazia propositadamente um das bonecas. Então, JT, com as suas máquinas e os seus apetrechos, reconstruia pacientemente a boneca à nossa frente e esse aspecto artesanal do espectáculo era verdadeiramente comovente. Comoção reforçada pela maneira como, reconstituída a boneca, JT pegava nela como se se de um filho se tratasse, como se entre eles houvesse de facto uma ligação carnal. Esta antropomorfização das bonecas constituia o aspecto mais forte deste trabalho, com tudo o que isso possa significar.

Num debate diário organizado pela estação «France-Culture» e dirigido pelo crítico de «L'Humanité», uma participante, natural de Avinhão e cliente do Festival desde Jean Vilar, lamentou o pouco discernimento do actual público do F. d'A., e deu como exemplo os espectáculos de Jusaburo Tsujimura que só por hipocrisia ou por obediências à moda podiam ser aplaudidos pois eram uma coisa insuportável a partir dos quinze minutos. Logo uma outra espectadora lhe saltou em cima, revelando o seu deslumbramento perante as exibições do artista japonês. A meu ver, as marionetas de JT não merecem nem o entusiasmo nem o desprezo destas duas espectadoras. Seduzem-nos por vezes, chegam mesmo a ser impressionantes, mas exigem alguma vigilância crítica pois nem tudo neles parece ser ouro puro. Há também algum pechisbeque.

Imamura: o outro Japão

Entre as várias manifestações cinematográficas integradas nos F. d'A. registe-se aqui o ciclo dedicado ao cineasta japonês Shohei Imamura.

Com 56 anos, Imamura, foi discípulo de Ozu e realizou 19 filmes. Desconhecido na Europa, pelo menos em França, Imamura é um grande escritor cinematográfico, influenciado pelo melodrama e pelo policial. Vi dele três filmes: «Porcos e Couraçados», «A Mulher-Insecto», «O Profundo Desejo dos Deuses». O Japão que ele nos mostra não vem nos roteiros nem interessou aos cineastas que nós conhecemos. Trata-se de um país escondido, de seres aviltados, de uma natureza de lama, excrementos, a que por vezes o céu e o mar dão tonalidades cruéis. Incesto, crime, violência, histórias fantásticas, seres inapreensíveis no seu primitivismo, Imamura mergulha o espectador num universo de pesadelo, por vezes insuportável. E que actores fantásticos, fantasticamente dirigidos: não se sabe o que é nels natureza humana, natureza animal, natureza simplesmente. Um espanto!

Carlos Porto

Salão de Outono no Casino

No âmbito da programação da Galeria de Arte do Casino Estoril terá lugar em Outubro próximo, a terceira edição do Salão de Outono.

A este certame de pintura podem concorrer os artistas plásticos nacionais ou estrangeiros desde que satisfaçam as condições regulamentares das quais destacamos a necessidade de enviar pelo menos uma obra sobre a Costa do Estoril. A pintura sujeita ao tema obrigatório concorrerá ao **Prémio João Teodoro dos Santos,** no valor de 50.000$00. Haverá também um **Prémio de Tema Livre,** de igual montante, para o melhor trabalho daquela modalidade. Ambos os prémios – a atribuir por um júri que irá integrar um crítico de artes plásticas, um professor da E.S.B.A.L., um pintor de idoneidade reconhecida e ainda pelo director da Galeria de Arte do Casino Estoril – serão de aquisição e destinam-se à colecção da Estoril-Sol.

Os autores interessados poderão enviar 2 trabalhos por modalidade fazendo-os acompanhar de um «curriculum» de 6 linhas batidas a dois espaços e de fotografia 13x18 cm, preto-/branco, de uma das obras a enviar.

Todos os trabalhos deverão ser identificados com a etiqueta onde conste o nome e telefone do autor, o título, dimensão e técnica da obra concorrente além do respectivo preço onerado em 20%.

A entrega da pintura para o III Salão de Outono da Galeria de Arte do Casino Estoril termina a 20 de Setembro próximo.

Quaisquer informações complementares bem como o boletim de inscrição deverão ser pedidos para a Direcção de Manifestações Culturais da Estoril-Sol.

A televisão mundial segundo a UNESCO

«Cultura importada» é consequência do desenvolvimento tecnológico

Continuação da pág 5

países ricos e pobres, reflexo óbvio da já conhecida e desigual repartição de rendimentos económicos.

Segundo a UNESCO, as percentagens calculadas por continente relativas a essa distribuição de aparelhos era em 1979 a seguinte:

Europa 46 por cento;
América do Norte 34 por cento;
Ásia 11 por cento;
América do Sul 6 por cento;
África 2 por cento;
Oceania 1 por cento.

Um terceiro aspecto abordado pelo estudo da UNESCO com singular franqueza é o tema dos programas de televisão, do seu conteúdo e proveniência, esclarecendo no entanto as dificuldades encontradas por este organismo na recolha de informações oficiais dos seus estados membros.

Como norma básica de classificação, recorda-se que a UNESCO decidiu-se na década de setenta por oito grupos principais: informação, educação, cultura, ciências, recriação, programas para públicos particulares, publicidade e programas não classificados nas categorias anteriores.

Dependência cultural dos EUA

Nesse âmbito, o estudo da UNESCO extrai a sua primeira conclusão. «Para aqueles países em desenvolvimento sobre os quais se dispõe de informação – assinala – pode verificar-se que a dominação dos programas estrangeiros continua a ser tão poderosa como nos primeiros dias dos seus sistemas de televisão, quando o fornecimento de equipamentos pelos países desenvolvidos envolvia a aceitação de um 'pacote' que ligava a venda de equipamentos com a de programas importados».

O estudo da UNESCO aponta para isto, como motivos, o facto de as produções nacionais serem dispendiosas e amiúde de inferior qualidade em relação a esses produtos estrangeiros, cujo país de origem não é identificado no estudo, tarefa aliás, que não parece caber à UNESCO.

Não há muito, o «Journal of Communication» dos Estados Unidos, uma de entre várias publicações especializadas no sector, indicou que 75 por cento da circulação mundial de programas de televisão, 65 por cento das informações, 60 por cento dos discos e «cassetes» e 65 por cento da publicidade comercial são controlados por empresas dos Estados Unidos.

Uma sondagem a 77 países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento – feita nos anos 1973 a 1975 – que figura no documento da UNESCO, confirma o esmagador predomínio de programas estrangeiros na televisão mundial.

Do total de horas de programas culturais transmitidos pela televisão, a percentagem proveniente do estrangeiro era, em África, em números redondos, de 86 por cento na Argélia, 97 por cento na Etiópia, 85 no Gana, 98 nas Maurícias, 78 na Nigéria e 97 por cento no Sudão.

Modelos específicos de televisão

Na América do Norte, sempre no plano de programas culturais, as percentagens são similares. Em Trinidad y Tobago, era de 96 por cento, e em San Vicente, de 88 por cento.

Surpreendentemente, nem os países desenvolvidos escapam a esta «cultura importada». No Canadá, por exemplo, de 81.696 horas de televisão transmitidas em 1974, 76.351 eram de proveniência estrangeira, o mesmo acontecendo com 96 por cento dos seus programas culturais.

Na América do Sul, o Chile destaca-se na sondagem da UNESCO, com um total de 4025 horas de transmissão televisiva, em 1975, das quais 2438 continham material estrangeiro. 88 por cento dos seus programas educativos e 94 por cento dos culturais eram estrangeiros. No Brasil, essas percentagens eram em 1973 de 88 e 91 por cento, respectivamente.

Entre os países asiáticos, a programação cultural estrangeira ocupava 87 por cento da televisão na Índia, 76 por cento no Irão, 98 por cento em Israel, 91 por cento no Kuwait, 80 por cento na Arábia Saudita e 74 por cento nas Filipinas.

Terminada esta investigação da UNESCO, o continente europeu – como no caso do Canadá – corrobora que tão pouco os países industrializados estão livres desta invasão estrangeira.

Sempre no plano dos programas culturais, a percentagem de produtos estrangeiros era de 89 por cento na televisão austríaca, 77 por cento na Bélgica, 66 por cento em França, 77 por cento na Hungria, 95 na Islândia e Irlanda, 89 na Holanda, 86 na Polónia, 87 em Espanha e 84 por cento na Suécia.

Uma investigação encomendada pela UNESCO, citada no documento, que foi distribuido na Conferência Mundial sobre Políticas Culturais, assinala, como conclusão, os riscos dessa penetração estrangeira.

«A cultura importada tem um efeito mais qualitativo do que quantitativo sobre a produção nacional, que pode não ser mais que uma pálida imitação dos programas estrangeiros, ou pelo contrário, ter características particulares».

«As importações do estrangeiro – conclui o estudo encomendado pela UNESCO – podem ter formas menos óbvias: o melhor exemplo disso é a adopção universal do modelo americano de televisão comercial».

Alberto Morgan
(Serviço exclusivo IPS/DL)

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Hotel Baía: quem é o chefe dos piratas?

Em termos absolutos não pode considerar-se nada mau o serão de ontem, em termos de entretenimento. O Bécaud é sempre o Bécaud e a Balada de Hill Street é, mesmo entre as séries de qualidade americanas, uma série fora parte.

Claro que nem por sonhos ninguém vai dizer que emissões como as tais devam ser arredadas da programação. Grave, porém, é que algumas pessoas resolvam que só essas, ou outras como essas, tenham entrada na televisão portuguesa.

De facto, para os (iiiiiih!) responsáveis Elisa & Proença de Carvalho, a Terra é assim uma espécie de Lua que volta para os portugueses apenas uma face; para os telespectadores portugueses, o campo socialista é uma espécie de «a outra face da Lua» sabe-se que existe mas não se vê. Até neste campo se verificou uma recuperação do **antigamente.**

Claro que ao lado da **Hill Street** ficaria bem **Uma cidade como a nossa** de Luís Filipe Costa. Bem como ficaria bem, ao lado do Bécaud, um programa especial com, sei lá, o Carlos do Carmo, o Zeca Afonso, o Sérgio Godinho, o Paulo de Carvalho, o Luís Cília, o Vitorino, o José Mário Branco, a Simone, a Tonicha, etc., etc. Que diabo, neste País há mais gente além das amálias e dos cids.

O que acontece é que, por motivos unicamente políticos, a RTP da actual gerência quer-nos convencer que Portugal é um deserto onde, para se ouvir uma canção bem cantada ou um filme de bom entreter, há que recorrer à importação. Recusam-se os actuais ditadores da RTP a seguir o exemplo do Brasil onde a produção de telenovelas funcionou como uma forma de combater a epidemia dos enlatados estrangeiros.

Tal como antigamente, os portugueses estão divididos, para os (iiiiiih!) responsáveis da RTP em dois grandes grupos: os correlegionários (alguns muito mais legionários do que corre) e os outros. Os outros, está bem de ver, são portugueses de segunda e não têm direito aos horários nobres. Simplesmente, pergunto aos meus leitores se eles concordam com tais discriminações.

De igual modo deve censurar-se o excessivo pendor para a diversão existente na actual TV. Há uma clara intenção de **distrair,** de afastar da realidade, de alienar.

Repare-se na emissão do dr. Fernando Pádua sobre questões de saúde. Repare-se na sua grande importância para um país como o nosso de tão baixo índice de informação e de educação, como ainda ontem foi mencionado. País onde os cuidados básicos de saúde são uma ficção, onde 30 por cento dos habitantes não sabem ler e onde não menos de 40 por cento dos que sabem, não usam...

Angustiado pela grandeza da tarefa e pela mediocridade dos meios postos à sua disposição, o dr. Fernando Pádua referia-se a **este tempinho que a televisão nos dá...** e nós pensávamos no imenso e devido tempão que a RTP lhe nega...

O convidado de «Aprender Saúde» era o dr. Fernando Carvalho de Araújo que vinha falar-nos dos micróbios que provocam doenças. Mencionou a grande mortalidade por tétano que existe no nosso país, a qual, pelas suas contas, deve rondar os cinco mil – quando o limite considerado pela OMS não ultrapassa a centena...

Claro que o dr. Carvalho de Araújo gosta de conversar, de saborear as palavras e com isso muito lucrariam os telespectadores que não apreciam nada as rajadas de paleio. Espartilhado embora pelos minutos electrónicos, da sua presença algo lucraram os telespectadores. Mais lucrariam se a vacinação contra o tétano fosse mais fácil por essas vilas, por essas aldeias.

Guardo para o fim desta crónica, e a propósito de micróbios e de tétano, uma nota sobre o Telejornal.

Foi simplesmente infame e diabólica a maneira como trataram os acontecimentos no Hotel Baía, em Cascais. Facilmente se compreenderá a repulsa que vai provocar na população daquela vila, em geral, e nos trabalhadores do Hotel, em particular.

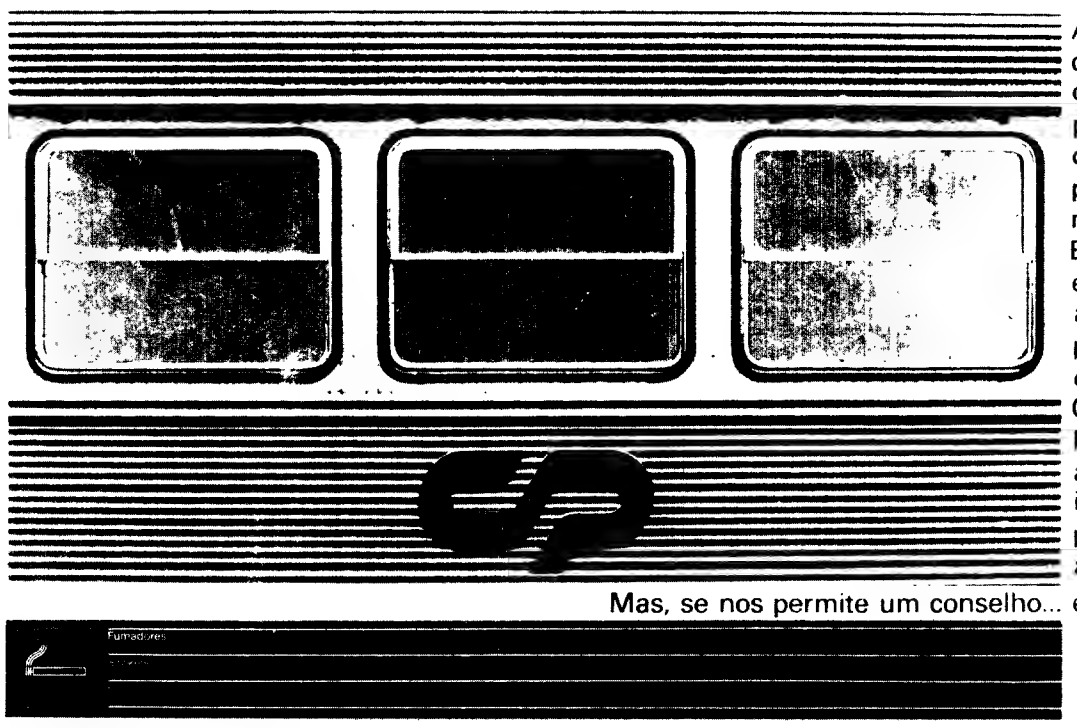
Escamoteia-se o que está na origem da autogestão; escondem-se os resultados positivos dela; difamam-se os trabalhadores que, depois, são ostencivamente impedidos de se defenderem e de esclarecerem os telespectadores!

Mais: se a coisa é tão legal, como explicará o Nandim de Carvalho a utilização de três dezenas de jagunços para ocupar o edifício? Então isto é uma democracia ou uma batata? Estamos em Cascais ou em Chicago? Nandim apoia o turismo ou o terrorismo?

Em resumo: quem assume a responsabilidade pelo acto de pirataria de que foram alvo os trabalhadores do Hotel Baía?

Disto, o **Telejornal** não curou saber. Apenas lhe interessou semear a confusão, brincar com o pão dos pobres e com o suor dos trabalhadores. Telejornal, o sujo.

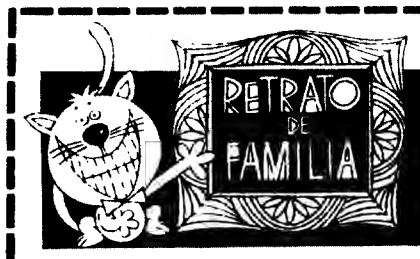
Carruagem para fumadores a partir de 1 de Junho na linha de Cascais



A partir do próximo dia 1 de Junho, os fumadores passam a dispôr de uma carruagem própria para o efeito, na Linha de Cascais. Esta carruagem estará devidamente assinalada, para uma fácil e rápida identificação. Os locais de fumo habituais passam, assim, a ser inteiramente substituídos pela carruagem própria, agora criada.

Mas, se nos permite um conselho... evite fumar!

Fumadores



Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Tel. _____

Código Postal _____ _____

NOTARIADO PORTUGUÊS

QUARTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Rua Nova do Almada, n.º 80-2.º Dt.º

CERTIFICO: Que por escritura de 29 de Julho de 1982, lavrada de folhas 30 v.º a folhas 31 v.º do livro n.º 129-C, de escrituras diversas deste cartório, foi aumentado com a quantia de 1 350 000$00 e fixado em 2 100 000$00, o capital social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, «Alpes — Construções Electro-Mecânicas, Limitada», com sede provisória na Avenida Ressano Garcia, n.º 41-4.º Dt. em Lisboa e simultaneamente, alterado o artigo quarto do pacto social, que passou a ter a seguinte redacção:

«Quarto – o capital social é de dois milhões e cem mil escudos, foi integralmente realizado em dinheiro e corresponde a soma de três quotas iguais, de setecentos mil escudos cada, uma de cada sócio

Está conforme com o original

Lisboa, aos três de Agosto de mil novecentos e oitenta e dois

O Escriturário Superior

Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELECTRICO

TV. DO FORNO 7-A AO ROSSIO T. 371001/2

Hoje

Florbela e Armando Cortês em «Pedro e Paulina»

14.30 **No Reino de Neptuno** – 4.º episódio.
16.00 **Sábado Desportivo**
19.30 **«Sport Billy»** – 6.º episódio.
20.00 **Tur/82** – 9.º programa.
20.25 **O Tempo**
20.30 **Telejornal**
21.05 **Som de...**
21.30 **«Pedro e Paulina»**
22.00 **«Dallas»**
23.00 **«A Casa do Terror»**

Uma das cenas de «Skirts Ahoy»

19.02 **Folclore**
19.30 **Magia das Plantas**
20.00 **Espírito da Ásia** – último programa.
21.00 **Sábado Especial** – «Skirts Ahoy».
22.30 **Documentarismo Português**

Amanhã

10.47: 70X7, **11.15**: Eucaristia Dominical; **12.00**: Tempo dos Mais Novos; **13.00**: «O Trovão» – 3.º episódio; **13.30**: RTP/Brasil – 4.º programa; **13.55**: Sumário; **14.00**: Eurovisão – Automobilismo; **14.30**: Berros e Bocas; **18.00**: Sombra Sol; **18.30**: Reportagem do Exterior; **20.25**: O Tempo; **20.30**: Telejornal; **21.05**: Cartaz TV; **21.30**: Programa Musical – noite de Coimbra em Lisboa; **22.30**: Grande Encontro

13.47: Eurovisão – Automobilismo. **18.02**: Roques da Casa, **20.00**: Que Viva o Cinema; **22.00**: «A História de Chicago» – 5.º episódio

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP «Pedro e Paulina» (21.30)

2 RTP «Skirts Ahoy» (21.00)

...e sugere para hoje...

A CASA DO TERROR
13.º e último episódio

Penny é uma jovem americana bastante rica, mas com uma certa instabilidade mental.
Presentemente, encontra-se na sua casa de campo, com o seu amante, Harry Wells.
A meio da noite, ela acorda e apercebe-se de que alguém tenta entrar em sua casa. E fica perfeitamente histérica quando um homem lhe diz que quer falar com Harry. Ele vai ao quarto e não o vê. Vira-se para ela e Penny, desesperada, pega na arma de Harry e mata-o.
Quando Harry chega, no dia seguinte, vê Penny em estado de choque e sinais de sangue por todo o lado. Penny conta-lhe o que lhe aconteceu. Afinal, Harry acaba por verificar que o homem morto é um seu companheiro de negócios e aconselha Penny a não comunicar á Polícia, apesar de ela querer contar tudo.
Só que, a partir de agora, ela se convence que o homem morto voltou para se vingar...
Argumento de John Elder.
Produção de Roy Skeggs.
Realização de Peter Sasdy.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Música

O 2.º Festival de Música do Convento dos Capuchos prossegue hoje, às 21.30, no Monte da Caparica, com Alexandre Rodrigues em «Guitarra em Concerto». O artista interpretará obras de Leo Brower, Lopes-Graça, Villa-Lobos, Turina, Ponce e Carlevaro.

Elias Diakimuezo, cantor e compositor angolano, encontra-se em Portugal a convite do Grupo de Expressão Cultural Africana. Diakimuezo realizará uma digressão pelo nosso país, onde apresentará as suas composições. A digressão inicia-se hoje no Barreiro, seguindo-se depois Lisboa, Porto e Sines.

Festas e Feiras

A Feira Anual de Portel principia hoje. No programa, que se prolonga até ao dia 22, destacam-se torneios desportivos, festivais de música «rock» e popular portuguesa, além de exposições e arraiais.

As Festas do Barreiro têm hoje a sua sessão inaugural, às 19 horas, no Pavilhão Autarquia, com uma visita ao local e a todo o recinto das Festas, incluindo exposições da Escola Alfredo da Silva.

Exposições

Desenhos de Maria Henriques e aguarelas de Alberto Kemp estão patentes na Livraria Libris, em Lisboa, até ao próximo dia 29. A exposição é a primeira que os dois artistas plásticos realizam, com a particularidade de ambos terem tomado como base textos do poeta Herberto Helder. A mostra pode ser visitada das 9 às 14 e das 15 às 20 horas.

Na Sociedade Nacional de Belas Artes estão até ao final do mês em exposição, em salas separadas, gravura, desenho e cartazes de ópera. Entre os desenhadores e gravadores representados contam-se Eduardo Nery, Emília Nadal, Eurico, José Augusto, Rocha de Sousa, Maria Gabriel, Teresa Magalhães, Sérgio Pinhão e António Viana. Na segunda exposição são mostrados cartazes de ópera da autoria de Emília Nadal, Fernando de Azevedo, José de Guimarães, Luís Filipe de Abreu, Manuel Cargaleiro e Nikias Skapinakis. Os cartazes foram editados pelo Grupo dos Amigos do Teatro de São Carlos.

Está patente desde hoje, na Batalha, uma exposição sobre os instrumentos musicais esculpidos no pórtico principal do Mosteiro

O Museu do Dr. Joaquim Manso, associando-se às comemorações do VIII Centenário de uma Devoção, organizou uma exposição sobre a «Nossa Senhora da Nazaré na Iconografia Mariana», que reúne um bom e elucidativo número de peças susceptíveis de dar uma perspectiva da antropologia do sagrado, de um culto popular imemorial, da etnografia e da etnologia de uma vasta região de Portugal. A mostra, que será inaugurada amanhã às 12 horas, foca com especial relevo a escultura, a pintura, o desenho, a gravura, a ourivesaria e os esmaltes, a cerâmica, os cobres, os vidros e outras espécies diversificadas, sobressaindo os ex-votos marítimos e as tábuas de «Milagres», algumas bem antigas.

O Museu do Mosteiro da Batalha inaugura hoje uma exposição temporária sobre «Música no Séc. XV – Os Instrumentos Musicais representados no Mosteiro da Batalha». A exposição propõe ao público um conhecimento e leitura dos vários instrumentos que estão esculpidos no pórtico principal do Mosteiro, utilizando para isso grandes reproduções fotográficas, textos de enquadramento e uma história em banda desenhada, especialmente executada para o efeito. A partir de hoje ficará também patente ao público uma mostra das peças executadas por 7 jovens escultores portugueses, durante o atelier de escultura que o Museu manteve em funcionamento até 7 de Agosto.

A I Mostra de Artes Plásticas Lagos 82 acaba de abrir ao público com 106 obras de 68 autores. O juri do concurso promotor da exposição atribuiu os três primeiros lugares a António Sena, Graça Morais e Álvaro Lapa, respectivamente. Com menções honrosas foram ainda distinguidos Eurico, Jaime Silva, João Vieira, Joaquim Bravo, Manuel Bapitsta, Zulmiro e a artistas mais jovens como Pedro Cabrita Reis, Pedro Calapez, Renato Cruz, Rui Pimentel, Teresa Magalhães e Vera Gonçalves.

«O Povo do Cedro», uma exposição sobre a cultura e a arte dos índios no Canadá, foi ontem inaugurada em Almada, na Oficina de Cultura da Câmara Municipal. A mostra é promovida conjuntamente pelo município almadense e pelos serviços culturais da Embaixada do Canadá em Lisboa.

ESCRITÓRIO

Precisa-se na zona de Campo de Ourique/imediações com área de 100 m² ou superior, regime de aluguer, trespasse ou compra, de preferência em rés-do-chão ou 1.º andar.

Resposta ao Apartado 2838.

STAR TURISMO VIAGENS

UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	58$25	61$25
ALEMANHA FED (marco)	33$95	35$05
AUSTRIA (xelm)	4$75	4$95
BELGICA (franco)	1$814	1$814
BRASIL (cruzeiro)	$180	$430
CANADA (dolar – notas de 1 e 2)	67$70	69$70
(notas de 5 a 1000)	68$20	70$20
DINAMARCA (coroa)	9$75	10$15
ESPANHA (peseta)	$717	$817
EUA (dolar - notas de 1 e 2)	85$40	87$40
(notas de 5 a 1000)	85$90	87$90
FINLÂNDIA (marka)	17$80	18$40
FRANÇA (franco)	12$20	12$90
HOLANDA (florim)	30$80	31$80
INGLATERRA (libra)	145$70	149$70
IRLANDA (libra)	117$30	121$30
ITALIA (lira)	$055	$065
JAPÃO (iene)	$295	$330
NORUEGA (coroa)	12$65	13$15
SUÉCIA (coroa)	13$75	14$35
SUIÇA (franco)	39$65	40$75
VENEZUELA bolivar	17$65	18$65

Observações
1 No respeitante a moedas estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
2 Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil

rádio

Antena Um

15.30: Musical; **16.00**: Banda magnética; **19.15**: Música sem fronteiras; **20.00**: Programa da noite – teatro radiofónico; **21.00**: Lisboa, país, cidade; **22.00**: Diário da Volta; **23.00**: Actualidade; **23.30**: Último jornal.

2.º Programa

17.30: Música sinfónica; **18.45**: «Suite Inglesa», n.º 6, em ré menor, BWV 811, de Bach; **19.15**: «Serenata», op. 24, de Schonberg; **19.50**: Rondó em dó maior, op. 73, para dois pianos, de Chopin; **20.10**: Música de câmara; **21.00**: Música sinfónica de Ravel; **21.30**: Sonata n.º 10, em sol maior, op. 96, de Beethoven; **22.00**: Ópera em três actos «Dido e Eneias», de Purcell; **23.00**: Concerto n.º 3, em sol maior, K. 216, de Mozart; **23.30**: Solos de piano; **00.10**: Canções de Schubert; **00.40**: Sonata n.º 1, em sol menor, BWV 1001, de Bach; **01.00**: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.05: Musicando; **18.03**: Problemática da caça/82; **19.03**: Quatro tempos; **20.03**: Quando o telefone toca; **21.30**: Tempo de desporto; **23.08**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.03: Musicando; **19.03**: Música ao vivo; **21.03**: Blues index; **00.03**: Rolls rock. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
OM e FM de Lisboa

16.00: Sintonia fim-de-semana; **18.00**: Magazine regional; **18.30**: Transmissão do terço; **19.03**: Salitão; **19.30**: Nota de abertura; **20.00**: Paju; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Pentagrama; **22.00**: Diálogo e vida; **22.30**: Bola branca (2.ª edição); **23.30**: Nota de abertura; **23.55**: Meditando. Noticiários intercalares às **15.00**, **17.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao de OM e FM de Lisboa excepto nos seguintes casos: **16.00**: Nós por cá; **20.00**: Música viva; **21.00**: Portugal experiência histórica; **21.30**: Via Láctea.

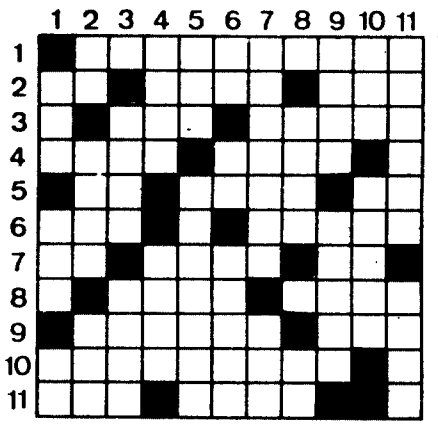
Tiragem media diaria do mês anterior: **43 493** exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 501

HORIZONTAIS:

1 Remexeras.
2 Reis. Cidade da Argélia. Olé.
3 O sustento Redijam.
4 Divindade. Moeda de Dio.
5 Nota musical. Rezar. Utensílio doméstico.
6 Cidade da Ucrânia. Domesticquem.
7 Artigo definido. Transige. Artigo definido.
8 Mana. Gostar muito de.
9 Aprova. Anel.
10 Seguraras.
11 Coragem. Lavrar. Artigo definido.



VERTICAIS:

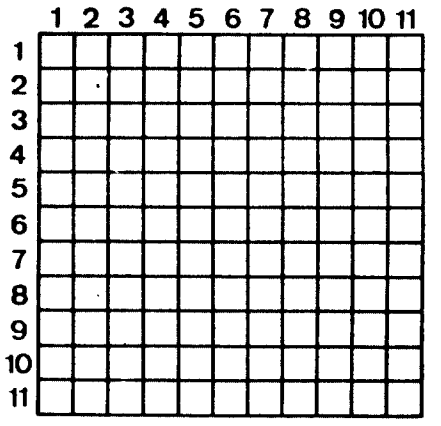
1 Mágoa (inv.). Jibóia. Antes de Cristo.
2 Reis. Aves pernaltas. Patrão.
3 Desgastar por fricção. Levantar.
4 Vais pelo ar com grande velocidade. Acreditar.
5 Rezo. Vila e sede de concelho (Beja).
6 Nota musical. Clima. Por data em.
7 Desejo. Arara.
8 Metal precioso de cor amarela. Alteza Real.
9 Caminho. Sugas o leite materno.
10 Ice. Ponderar.
11 Dançam o samba. Ave semelhante à pomba.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9361

HORIZONTAIS:

1 Grande inundação que, segundo a Bíblia, exterminou a espécie humana.
2 Cinquenta e cinco em romano. Astuto. Nesse lugar.
3 Suspiros. Nome que se dá ao comboio de Paris. Mulher chinesa da classe baixa.
4 Vossa Senhoria. Antes de Cristo. Apre!
5 Segundo. Aqui. Gemera.
6 Letra grega. Vasilha de folha munida de um raro próprio para regar.
7 Sódio (s.q.). Apelido. Interjeição brasileira que exprime admiração.
8 Educam.
9 Enganos. Rezas.
10 Uma das Cíclades. Considerais. (fig).
11 Ave pernalta. Investiga.



VERTICAIS:

1 Natural de Chaves.
2 Exame que o médico faz aos doentes num hospital ou em casa destes. Víscera dupla.
3 Planta têxtil do Ceará.
4 Prefixo de negação. Antes de Cristo. Vantagens.
5 Rachareis.
6 Ave galiforme da família dos fasionídeos, considerada a melhor caça de penas do Brasil. Época. Nome de letra.
7 Vida de vadio. Era cristã.
8 Género de palmeiras do Brasil. Esteiros. Sufixo que designa abundância.
9 Cidade da Roménia. Lavrar.
10 Afiou. Oásis.
11 Limpasse metais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

1 ABRIL. Serás.
2 Creme. Ar Ve.
3 Rapar. Catar.
4 Ega. Ama. Ali.
5 Saro. FRIO
6 Aderia. As
7 Oc VS.
8 PÃO Air
9 Armas. Ien
10 Cá Solhas
11 Asilais Ota

VERTICAIS:

1 Acres. Opaca.
2 Braga. Caras.
3 Repara. Om.
4 Imá. Ode. Aal.
5 Lerá As.
6 Morri Si.
7 Saca. Rios.
8 Era. Fa. El.
9 Tar. VINHO
10 Avalias. AT
11 Sérios. Pisa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9360

HORIZONTAIS

1 Acapulco. An.
2 Aalen. Aviso.
3 Li. Imparas.
4 Era. Correm.
5 Só. Corni. Mor.
6 Sacros.
7 Nuas. Has!
8 Damas. Os. Co.
9 Iara Soror
10 Raivosos
11 Traumas. Loa

VERTICAIS

1 Aalesund. Ut.
2 Cairo Uai!
3 Al. Câmara.
4 Pê. Sarau.
5 Únicos. Saim.
6 Morna. VA.
7 Caprichosos.
8 Ovar. Rasos.
9 Iremos. Roi
10 Asamos Coso
11 Nós Por

Proverbio: Abril frio – pão e vinho

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 24
– Int. men. 13 a.
OS AMIGOS DA ONÇA

SALA B

Às 14.45, 17.30, 21 e 23.45
– Int. men. 13 a.
AS PORTAS DO CÉU

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O CAVALEIRO DESTEMIDO

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
TESS
Às 00.30 – N. ac. men. 13 a.
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO

AVIS 547163
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
OS MALUCOS EM HONG-KONG
– N. ac. men. 13 a.

2.ª Semana

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
CÉLEBRES E RICAS
Um filme de George Cukor

13.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
Festival Walt Disney
MEU AMIGO O DRAGÃO

CASTIL 530194
Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS REPETENTES EM FÉRIAS
9.ª Semana

CINE 222 579460
Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18 e 21.30
– Int. men. 13 a.
ESPLENDOR NA RELVA
Às 24 – N. ac. men. 18 a.
QUADRILHA SELVAGEM

CINEBOLSO 573407
R. Actor Taborda, 27-B

As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
O MUNDO PORNO DE 2 IRMÃS
Às 24
VIOLENTOS PROFISSIONAIS

CINE BLOCO 556824
Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES
Às 24
A PELE DE UM MALANDRO

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
DRAMA DE AMOR

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A RAINHA AFRICANA

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
BORSALINO
Às 24
BRUCE LEE E EU

ESTÚDIO 555134
Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
TRANS-EUROPA EXPRESS

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30, 21.30 e 24
– N. ac. men. 18 a.
SEXO LOUCO

3.ª Semana

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
PATTON

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A CASA DO LAGO

7.ª Semana

LUMIAR 79 52 96
Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1-6-82

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Alvares Cabral

Às 15.30 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
O COMBOIO DOS DUROS

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
UM «CHUI» DE BLUE JEANS
c/ Thomas Milian e Jack Palance

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A SEMENTE DA INOCÊNCIA

ODEON 328283/4
R. Condes, 12 a 20

Às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
DAVID E GOLIAS
Às 15.15 e 18.15
OS TRAIDORES

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
PRAIA SANGRENTA

2.ª Semana

«Os Repetentes em Férias» estão no Castil/Mundial/Roma. Vá vê-los!

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
O IMPÉRIO DO DESEJO
Às 00.45
UM DIA DIFÍCIL

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– Int. men. 13 a.
GLÓRIA
Às 00.45
DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

SALA 3
ÀS 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– Int. men. 13 a.
JONAS
Às 00.45
A MULHER, O CORPO E O ESPÍRITO

SALA 4
Às 14, 16.30, 19 e 21.15
– N. ac. men. 18 a.
O CLARIM DA REVOLTA (TAPS)
Às 00.45
VIVA KNIEVEL

ROMA 887778
Av. de Roma, 14 M-N
Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Os repetentes estão de volta! Desta vez e em continuação
Mais um grande êxito de gargalhada e juventude!
OS REPETENTES EM FÉRIAS

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
BRIGADA ANTIGANGSTERS
c/ Tomás Milian, Eli Wallace e Enzo Cannavale
Colorido

S. JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
OS AMIGOS DA ONÇA
c/ Jack Lemmon e Walter Matthau

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
c/ Meryl Steer e Jeremy Irons
34.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.15
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
20.ª Semana

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30
Int. men. 13 anos
NOSTRADAMUS O HOMEM QUE PREVIU O AMANHÃ
14.ª Semana
As 24
OBSESSÃO

7.ª ARTE 730715
Av. República, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68
Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
007 O HOMEM DA PISTOLA DE OURO
Domingo às 11.15
Os 12 TRABALHOS D'ASTÉRIX

STAR 804210
Av. [illegible] Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 18.00 e 21.30
N. Ac. a M. 13 anos
OHS E... OS OUTROS
43.ª Semana
Às 00.30
CAPRICÓRNIO UM

TERMINAL 371573
Estação do Rossio

– N. ac. men. 13 a.
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
ELVIS, O ÍDOLO IMORTAL

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
PORKY'S
Int. men. 13 anos

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
ALTA ANSIEDADE

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
BECO SEM SAÍDA
2.ª Semana
Às 23.45
O EXPRESSO DE CHICAGO

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Porky's», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «2001, Odisseia no Espaço», às 21 30 (13 anos)
2000 – «O Profissional», às 21.30 (18 anos)
RESTELO – «Momentos de Glória», às 21 30 (13 anos)
OLIVAIS – «Balbúrdia a Bordo», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «Os Homens da Montanha», às 21.30 (13 anos)
PÁTRIA – «O Solteirão Amansado», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «Por Favor não Mexam nas Velhinhas», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «O Furor Sexual de Jenniffer Welles», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Elas, Eles e o Sexo», sessões permanentes (18 anos)
CITY CINE – «O Último Tango em Paris», às 21.30 (18 anos)
POLITEAMA – «A Vingança dos Bárbaros», às 21.30 (18 anos)
MUNDIAL – «Porky's», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «As Minhas Pistolas», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «O Espião Implacável», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «O Amante de Lady Chatterley», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Caçada Selvagem», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «A Absolvição», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «O Expresso da Meia-Noite», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Atlantic City», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

COSTA DA CAPARICA – Silcine – «Uns e... os Outros», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «A Amante do Tenente Francês», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «Não Há Nada para Ninguém», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Ragtime», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «Comidos Vivos», às 21.15 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Hérculoes Contra Sansão», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «Aventura em Marrakech», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Lido – «O Vingador da Noite», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «A Mulher do Lado», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «A Batalha de Midway», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «O Império Contra-Ataca», às 21 30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «O Pequeno Lorde», às 21.30 (13 anos)

SACAVÉM – S. José – «007 Só Se Vive Duas Vezes», às 21.30 (13 anos)
ALHANDRA – Salvador Marques – «Sansão», às 21.30 (13 anos)

Porto

TRINDADE – «Sempre Te Amei», às 21.45 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Fuga para a Vitória», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «A Febre Louca do Sexo», às 21.30 (18 anos)

RIVOLI – «O Magnífico Agente Secreto», às 21.30 (13 anos)

RAIONE – «Dupla Suspeita», às 21.30 (13 anos)

COLISEU – «Porky's», às 21 30 (13 anos)

BATALHA – «Continuam a Chamar-me Trinitá», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-L – «O Compromisso», às 21.45 (18 anos)

LUMIÈRE-A – «Os Diamantes São Eternos», às 21.30 (13 anos)

CHARLOT – «Um Homem e Uma Mulher», às 21.30 (18 anos)

SÃO JOÃO – «Célebres e Ricas», às 21.30 (13 anos)

SALA BEBÉ – «Duas Mulheres Apaixonadas», às 21.45 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

JERÓNIMOS – Remísio – C. do Jerónimo 14C (Telef 631699); **AV. ALM. GAGO COUTINHO – Estados Unidos** – Av. Est. Unidos América 16B (Telef 885854); **AVENIDAS NOVAS – Figueiras** – Av. Marquês Tomar 20-22 (Telef 44945); **ENCARNAÇÃO – Zira** – Pç. das Casas Novas Lt. 66 (Telef 311216); **GRAÇA – Renascença** – Rua Damasceno Monteiro 104 AB (Telef 831504); **HOSPITAL DOS CAPUCHOS – Capuchos** – Rua Luciano Cordeiro 2A (Telef 572076), **Janelas Verdes – S.A.E. Silva Filhos** – Rua São João da Mata 72-74 (Telef 661010); **MERCADO DO CHILE – Alcalis** – Rua Carvalho Araújo 46B (Telef 841708); **PENHA DE FRANÇA – Dimar** – Rua Conde de Monsaraz 17B (Telef 842533); **PICHELEIRA – Mariuz** – Cç. da Picheleira 140BC, Rua Prof Mira Fernandes MAF (Telef 880703); **RATO – Soares** – Av. Álvares Cabral 1 (Telef 684282); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA – Vitex** – Est de Benfica 373B (Telef 780548); ALTO DE ALGES – H. Amaral – Rua X Lote 146A; **BRANDOA – Brito** – Rua do Colégio Lote 32 B; **ODIVELAS – Gonçalves** – Rua Dr Egas Moniz 30B (Telef 915662)

AMANHÃ PERMANENTE

AMOREIRAS – CAMPOLIDE – Pinto – Rua de Campolide 11 (Telef 682610), **AREEIRO – APEADEIRO – Ideal** – Av Almirante G. Coutinho 49A (Telef 842803), **CAMINHOS DE FERRO – Alves de Carvalho** – Rua Vale St. António 7-9 (Telef 840125); **CAMPO GRANDE – Neoterápia** – Cpo. Grande 138-140 (Telef 774682); **ENCOSTA RESTELO – MOÍNHOS – Tanara** – Rua Rodrigo Reinel 3A (Telef 611814), **PAMPULHA – Infante Santo** – Rua do Olival 290 (Telef 661003); **SALDANHA – Saldanha** – Av. Praia dad Vitória 53-55 (Telef 43938); **SANTA BÁRBARA – Romano Baptista** – Rua Passos Manuel 6-10 (Telef 570593); **SÃO BENTO – PALÁCIO – São Bento** – Rua Poiais de S. Bento 73 (Telef 601673); **SETE RIOS – Canto** – Est. das Laranjeiras 202B (Telef 780841); **ALGÉS – Almeida Nifo** – Av Com Grande Guerra 64 (Telef 2112070); **ODIVELAS – Central Odivelas** – Alm. Inf D Henrique 1 (Telef 911203); **PONTINHA – Pontinha** – Est St. Eloi 4 Lt SE (Telef 990220).

Linha de Cascais

CARCAVELOS – Vilar – Av. M.ª Conceição, Lote 8 (Telef. 2470777) Permanente; **PAÇO DE ARCOS – Godinho** – Av. Patrão Lopes, 4 (Telef 2432039) Permanente; **OEIRAS – Central** – R. Conde Ferreira, 29 (Telef 2430058) Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS – Leal** – Quinta das Palmeiras, lote 24 r/c (Telef 2478737); **PAREDE – Mendes – Junqueiro** – R. de Luanda, Lote 5 (Telef 2477838) Permanente; **MURTAL – Primavera** – R. das Parreiras, 2 (Telef 2472278) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL – Ostende** – R. de Espinho, 1 (Telef. 260391) Até às 22 horas; **CASCAIS – A. Costa** – R. Freitas Reis, 24-C (Telef 280214) Permanente

Linha de Sintra

AMADORA – Soares Correia – Est das Águas Livres, 128 (Telef 965517) Permanente; **QUELUZ – Serra & Pinto** – Av. D. António C. Sá, 50-GE (Telef 957619) Até às 22 horas; **CACÉM – Araújo e Sá** – Est de Paço de Arcos, lote 1-B (Telef 2940781) Permanente, **MEM MARTINS – Miranda Garcia** – Est. de Mem Martins, 173 (Telef 2914103) Permanente, **MERCÊS** – Claro Russo – R. Abade Faria, 2-A (Telef 2915275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO** – Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Telef 2960194) Das 9 às 23 horas; **SINTRA – Simões** – Estefânia (Telef 2930832) Permanente; **COLARES – Abreja** (Telef 299088).

Outra Banda

ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B Reforço; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Académica Piedense, 50-A. Permanente; **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo da Silva, 48-B-D. Permanente; **LARANJEIRO: Feijó**. R. Borges Rego, 7-r/c. Permanente; **SETÚBAL: Cunha Pinheiro**, E. Camarinha, 32-r/c; **Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba. Até às 22 horas.

SESIMBRA – Lopes – R. Cândido dos Reis, 21 (Telef 2233028); **AMORA – Fonseca** – R. Ribatejo, 124 – Cruz de Pau (Telef 2211131); **SEIXAL – Soromenho** – R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560) Até às 22 horas; **MONTIJO – Moderna** – R. Bulhão Pato, 60 (Telef. 2310156); **MOITA – Silva Rocha** – P. da República, 16 (Telef. 239929); **ALHOS VEDROS – Portugal** – Av. da Bela Rosa, 8 (Telef 204250); **ALCOCHETE – Nunes** – L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef 234137)

LOURES: Saraiva, Av. da República, 86. Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, R. Almirante Reis, 31. Permanente; **CAMARATE: Nova da Charneca** (T. 2518726). Até às 19 horas

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

LIDADOR, R. do Lidador, 265; **QUEIJA FERREIRA**, L. de São Pedro, 64. Campanhã; **SILVA PEREIRA**, R. de Costa Cabral, 293. **BOAVISTA**, R. da Boavista, 601, à Carvalhosa **SOU[illegible]OA-RES**, R. de Santa Catarina

Coimbra

DAS 9 HORAS A. DIA SEGUINTE

SÃO JOSÉ, Arcos do Jardim (T. 24697)

teatros

Lisboa

VASCO SANTANA – «A Classe Dominante», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «Oiçam como eu Respiro», às 21.30 (18 anos)
VARIEDADES – «Ó Zé Arreganha a Taxa», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
BAIRRO ALTO – «A Gaivota», às 21.30 (13 anos)
ABC – «Chá e Porradas», às 20.30 e 23.00 (13 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE – «Um Cálice de Porto», às 21.30 (13 anos)
O REALEJO – «Nó Cego», às 21.30 (13 anos)

DL

PORTE PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º – 1000 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

O TEMPO.
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.25	3,4 m	4.46	1,5 m
24.06	3,4 m	17.30	1,5 m
Dia 15			
12.43	3,6 m	6.01	1,4 m
		18.43	1,3 m

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	20°
BRAGANÇA	20°
VILA REAL	–
PORTO	15°
P. DOURADAS	20°
COIMBRA	16°
C. CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	20°
LISBOA	19°
ÉVORA	15°
BEJA	17°
SAGRES	18°
FARO	22°
P. DELGADA	–
FUNCHAL	–

últimas

O JORNAL «SOVIETSKAYA KULTURA», escreve referindo-se a artigos saídos na Imprensa ocidental, que Marylin Monroe foi morta pela CIA porque estava ao corrente de um projecto de assassinato de Fidel Castro.

Frisando que Marilyn Monroe conheceu, nos últimos anos da sua vida, o presidente John Kennedy, assim como o seu irmão, Robert, o «Soviestskaya Kultura» diz que a actriz americana pretendia, tudo levar a crer, dar uma conferência de Imprensa, em 5 de Agosto de 1962, a fim de «revelar o projecto da CIA».

O MOVIMENTO DA ASSEMBLEIA GERAL, tendência sindical organizada no Sindicato de Seguros do Norte, considerou que a anunciada extinção da Companhia Portuguesa de Resseguros, é uma «afrontosa ilegalidade». Esta empresa pública será substituída por uma sociedade anónima, de acordo com uma decisão do Conselho de Ministros de 5 de Agosto, o que representa a sua transformação em empresa privada.

UM HOMEM QUE CONSEGUIRA MISTURAR-SE com os polícias pegou nos sacos abandonados pelos assaltantes frustrados de um banco de Lima (Peru) e calmamente foi-se à vida. Com ele levou 3500 dólares. O homem, que usava casaco azul, aproximou-se após uma troca de tiros entre polícias e ladrões. Depois, serena mas firmemente, afastou-se do local do assalto.

MORRERAM PELO MENOS 36 pessoas durante o mês passado nas regiões de Bondowoso e de Jember, a Leste de Java, durante a miniguerra entre criminosos e adeptos de feitiçaria. De fonte militar precisa-se que a situação é tensa nessa região, para onde foram enviados reforços policiais e do Exército.

PELO MENOS CINCO MORTOSou desaparecidos deixou o tufão «Cecil» à sua passagem pelo sul do Japão, uma zona ainda a recuperar das recentes inundações, as piores dos últimos 25 anos, anunciou a Polícia nipónica.

O tufão «Cecil», o décimo primeiro vendaval do ano a assolar o Japão, lançou 600 milímetros de chuva na principal ilha de Kyushu, inundando casas e causando desabamento de terras.

DESCONHECIDOS LANÇARAM FOGO a uma pequena sinagoga israelita em Paris. O fogo foi posto durante a noite e uma sala da sinagoga ficou completamente destruida. Foi o terceiro atentado concretizado, esta semana, em Paris, contra instalações judaicas

Segundo dirigente da juventude libanesa

Israel quer ficar no Líbano e pretende influenciar as próximas presidenciais

«Israel está-se a preparar para uma longa estadia no Líbano» afirmou ontem, numa conferência de imprensa em Lisboa, Mohamed Mohan, dirigente da União da Juventude Democrática do Líbano. Segundo Mohan diversos indícios confirmam a intenção de Israel, nomeadamente a abertura de bancos israelitas no sul do país e a transferência de importantes capitais para estas sucursais assim como a ocupação de zonas do Líbano longe da frente de batalha, por parte de forças militares de Israel.

Salientando que estes factos estão a levantar já uma forte preocupação em toda a população libanesa, mesmo naquela que é «controlada» pelos falangistas e que teria estado de acordo com o primeiro objectivo da operação «Paz na Galileia»: acabar com a OLP, Mohen afirma que, a a concretizar-se a intenção de Israel de permanecer no Líbano, os judeus terão de haver-se «não com uma causa, mas sim com duas: a luta palestiniana e uma causa nacional libanesa».

A este propósito, o referido dirigente diz ainda que a própria burguesia libanesa está inquieta pois começa a sentir-se ameaçada por uma possível concorrência, dentro do seu próprio país, da burguesia israelita.

Reafirmando que a permanência de Israel no Líbano não seria «passivamente aceite pelos libaneses», Mohamed Mohan indicaria, a a propósito, as acções militares que o Movimento Nacional Libanês começou já a levar a efeito no sul do país, nas zonas ocupadas por forças israelitas, operações que, segundo ele, acentuam ainda mais o desgaste que se faz sentir nas tropas invasoras. Aliás, o jovem libanês acentuou também o facto, já referido por diversos observadores, de que Israel não poderia suportar uma guerra muito longa. Jogariam aí não só os problemas económicos de uma guerra prolongada, mas também o facto daquele país ter uma população reduzida, o que leva a que o número de mortos e feridos seja sentido como uma tragédia.

No entanto, Mohamed Mohan, acentuou que a guerra que agora se trava em Beirute é a mais longa guerra que Israel levou a efeito contra os árabes. Mohan, acrescentaria que, embora seja cedo para fazer um balanço de baixas, o número citado pelo ministro da Defesa israelita Sahron, não corresponderia à realidade. Sharon afirmou recentemente que até àquele momento teriam sido mortos 350 soldados israelitas e feridos mil. Segundo o dirigente da União da Juventude Democrática do Líbano estes números, para serem reais, teriam pelo menos de se dobrar.

Um segundo Camp David

Instalar no Líbano um «governo forte» que teria como base o compromisso com Israel seria, segundo afirmou Mohan, o segundo objectivo da operação denominada «Paz na Galileia». Para aí se virariam os esforços de Israel e dos falangistas libaneses. Este governo poderia ter o seu ponto de partida nas eleições presidenciais, marcadas para o fim de Setembro, e para as quais os falangistas estariam a preparar em força a candidatura de um dos seus «homens fortes»: Gemayel Bechir.

«Será difícil alcançar um acordo final. Israel prefere sempre uma solução militar.»

Para Mohamed Mohan este objectivo de Israel é uma das causas principais que levam aquele país a não pretender que uma força internacional estacione no Líbano, pois esta poderia colocar sérios obstáculos à concretização de «um segundo Camp David».

Referindo o acordo de retirada dos guerrilheiros da OLP acordado entre dirigentes libaneses, palestinianos e Habib, o enviado americano, Mohan afirmaria que a Israel não interessa qualquer tipo de acordo, no entanto, vendo-se impossibilitado de uma recusa frontal, põe condições que vieram dificultar a resolução da situação, nomeadamente a exigência de uma lista de todos os guerrilheros da OLP e os locais para onde iriam após a retirada e o prazo de 40 dias para a força internacional que asseguraria aquela retirada e o estabelecimento da paz.

Mohamed Mohan salientaria que os patriotas libaneses não aceitam aquelas condições, pois não têm qualquer garantia que, após a retirada da OLP, não continue o cerco a Beirute e que os falangistas libaneses não sejam desarmados.

Mostrando-se relativamente céptico quanto à possibilidade de um compromisso final com Israel, visto este país «preferir sempre uma solução militar», Mohan afirmou que a única garantia para os patriotas libaneses seria a aplicação do acordo a que chegaram dirigentes libaneses, palestinianos e o enviado norte-americano.

Matar Arafat

Exterminar os guerrilheiros palestinianos no Líbano e dar um golpe decisivo na OLP é, segundo salientou Mohamed Mohan, o primeiro objectivo de Israel na operação ainda em curso. Objectivo que, no entanto, não será cumprido, no entender de Israel, com a evacuação da OLP para outros países, como frisou Mohan.

Este afirmaria ainda que os dirigentes de Israel não querem, de modo nenhum, que Arafat saia vivo de Beirute. Para aqueles a morte do dirigente da OLP entravaria seriamente uma campanha política a desencadear por aquela organização, numa altura emque a causa palestiniana, mais do que nunca, ganhou uma enorme simpatia por todo o mundo. No entender do jovem libanês caso seja possível alcançar o compromisso com Israel para a retirada da OLP esta seria uma enorme vitória política para os palestinianos.

TRIÂNGULO ESCANDINAVO
DINAMARCA
NORUEGA
SUÉCIA
11 MARAVILHOSOS DIAS DE VIAGEM
AVIÃO E AUTOPULLMAN
Visitando: Oslo, Kongsvinger, Karlstad, Região dos Lagos, Mariefred, Estocolmo, Jönköping, Elsinore, Copenhague
Partidas: 4 e 18/7 - 1, 8 e 15/8 5 e 12/9
INFORMAÇÕES E RESERVAS DESDE 1840 abreu
LISBOA Avenida da Liberdade, 160 Tel 371341
LISBOA Avenida de Roma, 66 Tel 803609
PORTO Avenida dos Aliados, 207 Tel 317921
PORTO Rua Eugenio Castro, 256 (Foco) Tel 691686
COIMBRA Rua Sota, 2 Tel 27011/6
FARO Avenida da Republica, 124 Tel 25035/6
FUNCHAL Rua Gorgulho, 1 Tel 31077/8

9º CRUZEIRO ÀS ILHAS MADEIRA E CANÁRIAS
A bordo do moderno paquete FUNCHAL
Classe única • Serviço de 1ª cl.
30/Set. a 8/Out./82 (LISBOA A LISBOA)
Preços excepcionais desde 35.400$
FUNCHAL-TENERIFE-LAS PALMAS-LANZAROTE
Vantajosas compras em Portos Francos
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu fundada em 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 803609
PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
PORTO - R. Eug. Castro, 256 - Tel. 691686
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

TERRA SANTA
VISITANDO: JERUSALÉM•BELÉM•JERICÓ MAR MORTO•NAZARÉ•TIBERÍADES CAFARNAUM•HAIFA•TEL-AVIV
• 1 SEMANA DE ESTADIA •
INCLUINDO
• Viagem de avião
• Circuito em Autocarro c/ar condicionado
• Hoteis de 1ª categoria
• Pensão completa
• Assistência de guia falando português
CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA GRUPOS
1982-PARTIDAS-1982
AGOSTO 3, 10, 24 • 31
SETEMBRO 2, 7 • 21
OUTUBRO 19
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES abreu fundada em 1840
PORTO: Av Aliados, 207 • Tf. 31 79 21
LISBOA Av Liberdade, 160 • Tf 37 13 41
" Av Roma, 66 B • Tf 80 36 09
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Tfs. 270 11/2
FARO: Av. Republica, 124 • Tfs 250 35/6
FUNCHAL: Rua Gorgulho, 1 • Tfs. 310 77/8

Diário de Lisboa

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SÁBADO, 14 DE AGOSTO DE 1982

Os médicos do prazer

Os sexólogos, mais ou menos qualificados, tentam remediar as deficiências sexuais dos franceses. Ou explorá-las.

«DOUTOR, **não consigo satisfazê-la,** confessa este visitante, embaraçado. «**Tenho relações dolorosas**», suspira aquela, desolada. Pannes da libido, erecções vacilantes, coitos pobres... a triste coorte dos insatisfeitos desfila perante o sexólogo em busca de estímulos ou de técnicas para um corpo a corpo sumptuoso, ou até de simples palavras consoladoras como no «confessionário».

Sentir-se-ão na verdade mal, momentaneamente desencorajados ou simplesmente preocupados por não estar à altura? A imagem hoje dada pelos **medias,** de uma sexualidade rica, contribui para criar novas normas, provocando assim em alguns uma interrogação sobre as suas próprias capacidades amorosas. Através de relatórios e de sondagens a atenção do público foi mobilizada e criou-se um grande interesse à volta dos problemas sexuais. «**Eis como fazemos amor**», era o título de um artigo publicado num jornal parisiense, **Le Matin de Paris,** a 10 de Agosto de 1981. Quase na mesma altura, **Elle** revelava às suas leitoras como as mulheres atingem o prazer, e, graças a um inquérito de **F Magazine** (21 de Novembro de 1979) já não ignoramos nada ou quase nada da sexualidade feminina, misteriosa como todos sabem.

Estas publicações só concorreram para aumentar a curiosidade. Uma autêntica fome de informação sobre o bom uso da cópula apoderou-se dos leitores, como o atesta o êxito dos primeiros números da enciclopédia semanal **Harmonie du couple,** com uma tiragem de um milhão de exemplares. Nada menos do que «**um facto de sociedade**», segundo a expressão de um dos seus promotores.

É certo que todos aspiram a todo o custo à felicidade sexual. Na realidade, e o desenvolvimento da prática sexológica prova isso, os casais vivem preocupados com a mediocridade na cama. Um sexoterapeuta que exerce os seus talentos na rua de Passy, declara: «**Dantes as mulheres que não tinham orgasmo aceitavam a situação. Faziam tricot... Agora vêm consultar-nos. Os pacientes acordam.**» A esse torpor em que os casais viviam, satisfazendo-se com fornicações não excessivas, teria sucedido um acordar entusiástico.

Num contexto hedonisante em que a liberdade sexual aumenta constantemente, o desejo do prazer é o sentimento mais partilhado. «**Pode mesmo falar-se de uma noção de consumo de sexo que, para muitos, é o sinal de um equilíbrio,**» diz Danièle Dezard, psicóloga, especialista das terapias de grupo. E acrescenta: «**As pessoas pensam: consagramos pouco tempo à nossa vida sexual, é preciso fazer mais qualquer coisa. O que se manifesta não é só uma reivindicação mais forte do prazer, é também uma espécie de obcessão do êxito amoroso.**»

Findos os coitos clássicos periódicos e sem sabor. O exagero na cama está na ordem do dia. A falta de convicção na mulher, um órgão masculino que não trabalha bem, e logo se procura o «especialista», promovido a médico do prazer, e que receitará a hormona salvadora, a «massagem relacional», até a microcirurgia.

Curiosos e aprendizes de feiticeiro

Mas a procura, provocada por um fenómeno de moda nascido no início dos anos 70, teria diminuido um pouco. É certo que as pessoas continuam a tratar das suas pequenas misérias, das suas inibições — perto de 30 000 franceses procuram anualmente os médicos do sexo —, mas estamos, no entanto, longe das primeiras multidões que fizeram os belos dias da sexologia e os bons negócios de alguns psicoterapeutas espertos, que exploravam habilmente o novo filão do orgasmo encomendado.

É que, como o disse um deles, «**a clientela é muito especial, instável, sumetida às modas do momento.**» Claro que talvez também hesite perante a impressionante panóplia de remédios que lhe são propostos e nem sempre dão os resultados esperados. E depois, essa actividade ainda mal definida sofre com a sua «**má reputação**», segundo o doutor Jacques Waynberg que denuncia os «curiosos de toda a espécie», as «terapias em **kit**» e os «aprendizes de feiticeiro». O público dá a sua caução a tudo. Nessa profissão muito aberta, encontra-se realmente de tudo, gente honesta, ambiciosos e também charlatões, fraco-atiradores que exercem a profissão sem nenhuns títulos «**Com efeito, para se ser sexólogo não é necessário nenhum diploma — a faculdade, de resto, não os dá — basta que um indivíduo se diga competente na matéria e ponha uma placa na porta.**»

Estas facilidades não perdoam. Para o doutor Jacques Weaynberg, a sexologia marginalizou-se pois em relação ao mundo médico e aos meios universitários e hospitalares. «**Não temos credibilidade, duvidam de nós.**»

Um handicap difícil de ultrapassar. No entanto alguns acham que a «limpeza» que se fez nos últimos anos — em 1975 havia mil indivíduos a exercer a profissão, actualmente eles são entre duzentos e trezentos — poderá contribuir para a profissionalização da actividade, doirando assim um brasão bastante sujo. Os ensinamentos post-universitários dispensados pelas faculdades de Lyon e Marselha, os seminários e os estágios de formação organizados pela sociedade francesa de sexologia clínica e o Instituto de sexologia, sancionados por certificados de estudos, mostram que há a preocupação de uma certa respeitabilidade.

A entrada da sexologia em bicos de pés, no hospital, confere-lhe uma certa credibilidade. Há actualmente umas vinte consultas hospitalares, oito das quais em Paris. Consultas toleradas pela administração mas não reconhecidas, e que se encontram as mais das vezes sob os auspícios de um chefe de serviço compreensivo. Todas as segundas feiras, num horário restrito, Jacques Waynberg recebe umas vinte pessoas no serviço de urologia do hospital Saint-Antoine, em Paris. Uma revista impressionante e rápida dos sofrimentos eróticos e das disfunções sexuais: ejaculações precoces, perturbações na erecção, vaginismo, frigidez, etc. «**A sexologia é uma intervenção de urgência que se aplica em dada altura da história de um casal,** explica ele. **Nós tentamos melhorar a função erótica.**»

Para este marido chegado de Chalon-sur-Saône, o facto de não poder «dominar-se» acabou por ameaçar o seu casamento; «isto cria problemas de relações humanas», diz ele. O médico receitou imediatamente um remédio que já tinha dado resultado noutros pacientes. Outro caso doloroso, o do indivíduo bem vestido, de uns cinquenta anos, acompanhado da esposa gorducha e perfumada, e que se queixava de uma total ausência de erecção e ejaculação. «**E isto vai aumentando. Temos relações de uma dificuldade monumental...**» «**E, no entanto,** acrescenta ela, **ambos as desejamos.**»

«**E então? Que quer fazer da sua erecção?**» diz o médico. O homem, manifestamente ultrapassado pela pergunta, lança um olhar quase implorativo à companheira. «**Há uma idade em que é preciso saber desistir**». O pobre homem que, provavelmente, estava à espera de um tratamento de rejuvenescimento, que talvez sonhasse com injecções e comprimidos, lá se foi embora com aquela frase como receita.

Outro sexólogo teria muito bem podido aplicar-lhe a técnica do «squeezing» de Master and Johnson, um trabalho «a dois» sobre a importância da ejaculação. Aos impotentes crónicos que queiram obter um pouco de virilidade resta uma solução mais radical, a da prótese, uma pequena obra-prima de rigidez. A técnica cirúrgica consiste em colocar no corpo cavernoso do pénis tirinhas de plástico. Pouco cómodo mas eficaz para assaltos repetidos...

A coisa parece perfeitamente conseguida, segundo o próprio doutor Gérard Zwang, um dos «grandes» da sexologia francesa, autor de êxito, e que pratica este tipo de intervenção na sua clínica de Melun. «**Os protectores plásticos dão bons resultados**», afirma ele. Já pensa no entanto, no futuro, sonhando com uma nova geração de protectores «**que se possam encher de ar, e de geometria variável**»... «**Claro que para tal operação é preciso estar-se muito motivado mas as pessoas que recebemos têm atrás de si muitos anos de impotência**», acrescenta Zwang.

No entanto, nem todos os confrades concordam com esta cirurgia. Se os «organicistas», que só se interessam pelos aspectos patológicos da actividade sexual, põem reservas a essa operação, os «psi», adeptos das técnicas suaves, condenam-na totalmente. De resto, também não acreditam nas diversas farmacopeias, nos actos médicos que se limitam a cuidar do corpo. «**O médico está bem preparado para a dor, mas para o prazer é outra coisa,** diz um jovem sexólogo. **Para além da dificuldade orgânica, tem que se procurar a angústia, a relação conflitual. O sexo é na cabeça que funciona...**»

A primeira mensagem é a palavra «amor»

Vejamos a ejaculação precoce. Segundo Michel Meignant ela é «100% psicológica». Este terapeuta muito conhecido, que colabora com grande frequência em magazines femininos, importou e popularizou no domínio sexológico as terapias orientais tais como o «banho neo-reichiano», a «gestalt-massagem». Ele criou o seu próprio método: a sexologia humanista analítica. «**Uma técnica que se adapta muito bem à cultura e ao espírito francês**», diz ele, e que se centra em exercícios em grupo que decorrem em «**ateliers de aprendizagem progressiva do prazer**». Os seus pacientes, que podem ficar em tratamento de dois fins-de-semana a quatro anos encontram ali, segundo ele, um sentido para a vida. Entre outras terapias, todas elas ditas «humanistas», encontram-se os banhos de piscina a 37º centígrados e que permitem tomar conhecimento com toda a espécie de jogos corporais e o «cavalo humanista» que daria ao corpo uma relaxação privilegiada, têm grande êxito. Mas o resultado será garantido? «**Ao fim e ao cabo o que importa é dar mais um passo para o desabrochar sexual e afectivo. Para mim, o amor está na base de tudo.**»

Jacqueline, uma sexoterapeuta da nova geração, diz mais ou menos o mesmo. No seu apartamento de três divisões e cozinha no alto de uma torre do 19.º **arrondissement,** ela insiste nas «**carências afectivas e sensoriais**». «**Há dois anos que recebo cada vez mais casais jovens. O problema é sempre o desejo. Dêem-mo para que sejamos felizes.**»

Então, para reencontrar o caminho do prazer, a nossa sexoterapeuta deverá mostrar mais capacidades afectivas. «**A minha primeira mensagem é a palavra amor,** diz ela. **Escolher um terapeuta é um pouco como escolher um parceiro.**» No cocktail-terapia proposto aos pacientes, a «massagem californiana» de óleo perfumado permitiria passar num abrir e fechar de olhos do repouso ao êxtase. Um número de alta voltagem em que a terapeuta se encarrega de «reconstruir fisicamente o indivíduo». O objectivo é descondicioná-lo, leva-lo, de início, ao estado do bebé.» A regressão seria patente. «Há os que começam a chorar, a querer mamar... «Nos casos de ejaculação precoce muito frequentes ao que parece, a massagem tem em vista acalmar os ardores do paciente que, entre mãos tão peritas nem sempre consegue controlar-se. «**Alguns mostram-se muito emocionados na primeira sessão. Ensino-os a acalmar-se, a demorar...**»

Somos os novos padres

A cura, o pequeno suplemento de felicidade estarão ali, afinal de contas? Os sexólogos, que acreditam na eficácia das suas práticas mostram-se satisfeitos com elas. Quanto à clientela, embora sem o tempo de recuo necessário para julgar os efeitos do tratamento, tem, na maioria dos casos, uma confiança quase ilimitada nesses bons doutores. «**Somos os novos padres**», declara o doutor D, que exerce às escondidas no bairro burguês do Rond-Point-de-Paris, em Nantes, onde há várias instituições religiosas.

O consultório, com os seus divans profundos, as suas paredes cor-de-rosa com gravuras inspiradas no Kama Sutra, recebe desde 1975, um número sempre crescente de pacientes. Uma clientela eclética: «**Há de tudo, desde o operário ao indivíduo formado**».

O sexólogo de Nantes faz um balanço altamente positivo da sua criatividade: «**75% das pessoas ficaram satisfeitas**», diz ele Os resultados-record teriam sido obtidos com mulheres que sofriam de vaginismo: 100% de curas. O segredo? «**São acostumadas à penetração através de objectos, e tudo isso com gentileza...**»

A clientela não se poupa a elogios sobre as capacidades profissionais do terapeuta transformado em amigo. «**Tivemos sorte em o encontrar,** reconhecê Patrick e sua mulher Michèle, que sofria de frigidez. **Queríamos qualquer coisa para conseguir o prazer.**» Depois de um ano de terapia de grupo (uma sessão por semana), o casal confessa ter conseguido «**uma melhor comunicação**». Laurence, de um meio católico praticante, tinha um «bloqueamento sexual». Os seus conhecimentos livrescos, Freud, Jung, a revista **Union** levaram-na ali. As sessões de bio energia acompanhadas por filmes sobre a masturbação «retiraram-lhe todos os tabus».

Curiosamente, embora estes casais se digam curados, alguns deles continuam a fazer terapias sucessivas, como se já não pudessem desfazer-se de um hábito. Procura da perfeição no culto de Eros ou receio de uma recaída? «**Ainda podemos não estar completamente bem, ainda podemos precisar de ajuda**», diz Yvonne, dona de uma loja, e que com dois anos e meio de tratamento, parece estar perfeitamente bem. Mas para continuar as sessões, que já lhe custaram mais de 10 000 francos vai ser obrigada a vender o carro...

A sexologia seguiu o caminho da psicanálise, criando uma necessidade, transformando os doentes em habitués. Ela tem actualmente os seus assinantes como a companhia do gás.

Michel Herteaux

Agenda **Sete Ponto Sete**

Cinema

● 2001 — Odisseia no Espaço
de Stanley Kubrick
(G.B. — 1969)

Numa aposta radical (nem personagens psicologicamente definidos, nem intriga estruturada, mas apenas a beleza e o mistério) Kubrick atinge a perfeição formal e a inteligência.

Apaixonadamente visual, **2001 — Odisseia no Espaço** é, porém, um ensaio materialista sobre o conhecimento. Sempre a revisitar.

Cinema Alfa 3
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h)
(não acons. men. 13 anos)

● Esplendor na Relva
de Elia Kazan
(USA — 1961)

O desejo e o seu recalcamento, num filme que palpita, geme, dói. Natalie Wood como nunca tinha sido nem mais seria.
Cinema Cine 222
(15.15, 18, 21.30 h)
(interdito a men. 13 anos)

● Tess
de Roman Polanski
(França-G.B. — 1979)

Uma história de amor e punição, belíssima, composta como um requiem romântico. Polanski a descobrir um rosto de fulgor: Nastassja Kinski.
Cinema Apolo 70
(15, 18.15, 21.30, 0.30 h)
(interdito a men. 13 anos)

● A amante do tenente francês

de Karel Reisz
(G.B. — 1981)

O sucesso prossegue para este filme que revisita o romantismo sem ilusões mas cheio de força. A consagração de Meryl Streep.

Cinema S. Jorge 2
(14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h)
(não acons. men. 13 anos)

● Célebres e ricas
de George Cukor
USA — 1981)

George Cukor, eterno cineasta de mulheres, aí está, com amor e ironia, a constituir um sucesso de público inesperado.

Cinema Berna
(14,16.30, 19 e 21.30h)
(interdito a men. 13 anos)

● As portas do céu
de Michael Cimino
(USA— 1980)

Um filme que não acredita em nada, nem sequer no cinema que houve: daí o desalento, a desmesura, o contra-a-corrente que toda a sua construção é.

Já que a América não é mais que a misciginização violenta de inúmeras nações, já que a única realidade é a luta de classes, já que não há heróis salvadores nem a cavalaria é fonte de qualquer esperança (e tudo isto diz **As portas do céu**) nesta a criação vulcânia, intempestiva, megalómana de um cinema como nunca se viu.

Christopher Walken em **«As portas do céu»** de Cimino

A aposta de **As portas do céu** não é plenamente ganha mas não creio que a «versão longa» o fosse por inteiro) mas o filme é suficientemente singular e sincero para merecer bem mais que este lançamento no Verão a liquidá-lo, sem remédio), bem mais que esta não assumida marginalização a que o estão a condenar.

O colapso financeiro a que **As portas do céu conduziu** a United Artists (o filme custou mais de dois milhões e meio de contos e teve uma recepção negativa do público e da critica dos Estados Unidos) explicam, talvez, esta condenação ao insucesso no mercado potuguês. Depois de forçarem Cimino a encontrar drasticamente o filme nem sequer lhe dão hipóteses no contacto com o público.

Cinema ABCine — sala A
(interdito a men. 13 anos)

● O carteiro toca sempre duas vezes

De Bob Rafelson
(USA — 1981)

O desejo e a morte numa ficção policiária conduzida com mão de mestre. Jessica Lange a entrar em pleno num trabalho de **star** (coisa que já não há)

Cinema Cine Bloco
(14.30, 16.45, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 18 anos)

● Glória
de John Cassavetes
(USA — 1980)

A solidão e a violência no grande filme «negro» da abertura dos anos 80. Uma mulher sozinha contra todos, contra a raiva: é Gena Rowlands, inesquecível.

Cinema Quarteto —sala 2
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h)
(interdito a men. 13 anos)

● O clarim da revolta

de Harold Becker
(USA — 1981)

Um colégio militar palco de revolta. Suprema inteligência: a revolta não é contra os valores inculcados mas em seu nome. A estreia-surpresa do Verão /82.

Cinema Quarteto- — sala 4
(14, 16.30, 19, 21.15 e 23.45h)
(não acons. men. 18 anos)

● Reds
de Warren Beatty
(USA —1981)

O sucesso deste filme, sincero mas nem sempre hábil, sobre o mais célebre comunista americano, explica-se apenas pela enorme quantidade de meios e pela central histórica de amor?

Cinema S. Jorge 3
(13.45, 17.30, 21.15)h)
(não acons. men. 13 anos)

● Os salteadores da arca perdida
De Steven Spielberg
(USA —1981)

Enquanto aguardamos **E.T.**, que há quem garanta ser o melhor trabalho de Spilberg, vale a pena embarcar nesta imparável viagem ao nosso imaginário adolescente.

Cinema Alfa 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45h)
(não acons. men. 13 anos)

AS ESTRELAS

2001 — Odisseia no Esp	★★★★
Esplendor na Relva	★★★★
Tess	★★★★
A amante do tenente francês	★★★★
Célebres e ricas	★★★★
As portas do céu	★★★
O carteiro toca sempre duas vezes	★★★
Glória	★★★
O clarim da revolta	★★★
Reds	★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★
Jonas	★★★
Sexo louco	★★
Alta ansiedade	●

A «CHAVE»

★★★★ — Excepcional
★★★ — Bom
★★ — Interessante
★ — Desinteressante
● — A evitar

Francis Coppola contra Hollywood

«Pode ser que alguém seja indiferente ao que se passa nos Estados Unidos, o país em que vivo e trabalho, mas eu não. Assassínios políticos, a guerra do Vietname, o caso Watergate, são manchas sujas que ficaram nos anais da história americana. Um artista honesto não tem o direito moral de se calar acerca disso ou de rodear esses temas na sua arte. Não sei se sou um político, mas os meus filmes são a própria política».

Estas palavras pertencem a Francis Ford Coppola, o polémico realizador americano, autor do filme «Apocalipse Now», e considerado como um dos notáveis mestres da cinematografia moderna.

Os primeiros passos

O percurso de Coppola no cinema foi bastante irregular. O seu primeiro filme, em 1963, que tentava imitar a técnica de suspense e terror de Alfred Hitchcock, foi um rotundo fracasso. Seguiu-se-lhe depois o período «cómico», no qual realizou a comédia «Tu Já És um Rapaz Grande» e o filme musical «Arco-Íris de Faynian», de 1968.

É a partir daí que se dá a grande viragem em Coppola. Faz a sua primeira tentativa para compreender de uma maneira crítica a realidade. Realiza «As Pessoas na Chuva», que narra a história de uma mulher tragicamente solitária, que viaja pelas estradas da América em busca da felicidade. O filme correspondia ao estado de espírito sentido então pelo realizador, segundo o qual o mundo parecia uma artística decoração em contraplacado e papel de lustro.

É nessa altura também que nascem os primeiros conflitos com Hollywood. Em 1969, impressionado com o avolumar da guerra do Vietname e os relatos feitos pelos combatentes que regressavam, Coppola apresenta um argumento para um filme a esse respeito em Hollywood. Todas as empresas cinematográficas, todavia, que habitualmente se interessam pala temática da guerra, se recusaram terminantemente a financiar a futura película.

Só muito mais tarde, aliás, quando se tornou impossível continuar a esconder a tragédia, essas empresas se mostraram interessadas e começaram então a surgir nos écrans toda uma série de falsificações manifestas, de que é exemplo «O Caçador».

Ser independente

Para Coppola só restava pois uma saída: fundar um estúdio cinematográfico independente. Para conseguir dinheiro, aceitou um compromisso com Hollywood, esqueceu por uns tempos os seus próprios planos, e realizou «O Padrinho». O filme teve sucesso e, com o dinheiro obtido, funda então o estúdio «Zoetrop», em Los Angeles.

Francis Coppola é também considerado um pioneiro no campo da utilização dos mais modernos recursos técnicos na produção cinematográfica: a gravação do som em seis pistas estereofónicas, a filmagem em video e a montagem também em video, seguidas da posterior passagem da imagem para uma película de celulóide. Mas, tudo isso implica também grandes recursos, um risco que nem sempre é recompensado.

Todavia, para o célebre realizador americano, o risco é uma coisa necessária, que ele corre em cada filme que faz. Constituem exemplo dessa sua posição as filmagens de «A escuta», em 1973. Segundo Coppola, a ideia inicial do filme era mostrar como é que os serviços secretos ocidentais utilizam o arsenal técnico moderno para se intrometerem na vida privada das pessoas. No entanto, no decurso do trabalho, esboçou-se uma segunda linha: a análise da vida espiritual de uma pessoa da sociedade burguesa, e os motivos que estimulam as pessoas a cometer crimes.

A película acabou assim por adquirir um outro contexto, o que gerou o descontentamento em Hollywood, sobretudo entre os distribuidores. «A Escuta», apesar de ter recebido a «Palma de Ouro» no festival de Cannes, foi um fracasso financeiro.

«Apocalipse Now» – êxito e choque

Já com «Apocalipse Now» o processo foi inteiramente diferente. Antes do começo das filmagens, Coppola declarou: «Não permitirei que se faça no meu filme a glorificação dos aspectos negativos da história americana. O sangue do Vietname foi em parte lavado por fora, mas por dentro coagulou e ficou em muitas pessoas para sempre».

A vingança de Hollywood

Ainda no final do ano passado, na altura em que o filme «De Todo o Coração» apareceu nos écrans dos EUA – um filme que é extremamente experimental do ponto de vista do desempenho, mas que, tal como os anteriores trabalhos do realizador, expressa o seu desagrado pelos falsos valores do mundo burguês – a maioria dos jornais e revistas americanas criticou-o severamente.

Antes da estreia, que decorreu na sala de cinema de Nova Iorque «Radio City», F. Coppola dirigiu-se aos presentes pedindo-lhes para «verem o filme atentamente, pondo a descoberto o seu sentido escondido». A julgar pelas repercussões que se manifestaram no dia seguinte, os críticos passaram a sessão a mastigar pipocas e a conversar com os vizinhos do lado.

O realizador pegou num enredo típico de Hollywood – as peripécias do «triângulo amoroso» tradicional – tendo-as tornado propositadamente ainda mais banais. Além disso, filmou toda a película no meio de decorações extremamente ridículas do pintor Dean Tavularis, que fazem lembrar a era do cinema mudo.

Os espectadores compreenderam e apreciaram a película segundo os seus méritos. No que diz respeito aos críticos, não se esforçaram sequer um mês para descobrirem quem é que gostava de quem. Tudo foi feito para que o filme sofresse um desastre financeiro total. F. Coppola teve até necessidade de vender o estúdio «Zeotrop». Hollywood decidiu vingar-se do artista independente que se atreveu a ridicularizar a sua «fábrica de sonhos».

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

Rui Cardoso

CARDOSO, RUI — compositor
Rui Miguel Guimarães Cardoso nasceu em Lisboa, a 10 de Janeiro de 1939. Começa a aprender piano, ainda criança, tendo frequentado o Conservatório (solfejo e piano, mais tarde harmonia e flauta, foram o objecto de estudo).

Aluno da Faculdade de Medicina de Lisboa, Rui Cardoso interessa-se pelo jazz e inicia-se, como amador, no Hot Clube, em 1957. O saxofone e a flauta são os instrumentos a que, desde então, se dedica.

Após o serviço militar e o abandono do curso de Medicina, trabalha uns anos em publicidade, até que, em 1971, decide tornar-se músico profissional. Cabarets, e teatro de revista e a televisão são o seu poiso de tarimba; mas não abandona o jazz: está em grupos como «Contacto», «Sindicato» (ao lado de Rão Kyao, Jorge Palma e Vítor Mamede) e «Araripa». Trabalha também como músico de estúdio, actividade que intensifica a partir de 1974 e que, hoje, constitui o fulcro do seu labor.

Orquestrador («Cantos livres e contos velhos» de Francisco Naia, Imavox IMLS 30006-0, 1975, entre outros), autor de música para teatro («Vamos trocar de mulheres» de Luís Rego, um espectáculo de Badaró levado à cena no Teatro Laura Alves em 1976), tendo ainda composto canções para a peça infantil «A cigarra e as formigas» de Isabel da Nóbrega, editadas com o teatro pela Portugália Editora), é, no entanto, como compositor para cinema que Rui Cardoso tem deixado obra mais notória.

Sinde Filipe em **«Um S marginal»** de Sá Caetano, música de Rui Cardoso

Tendo-se iniciado pela mão de José Fonseca e Costa, Rui Cardoso assina música para quatro longas-metragens e vários documentários. Actividade para prosseguir: prepara-se actualmente para **Azul, azul** de Sá Caetano, em rodagem.

Para além da sua actividade como compositor, são de Rui Cardoso as orquestrações da música de Paulo Gil para **A passagem** CM de Manuel Costa e Silva e Silva (1971) e das canções de Orlando Costa para **O funeral do patrão** de Eduardo Geada (1975).

FILMOGRAFIA: A pérola do Atlântico CM de José Fonseca e Costa (1968); **O recado** de J. Fonseca e Costa (1971); **Golf no Algarve** CM de J. Fonseca e Costa (1972); **As ruínas no interior** de José de Sá Caetano (1976); **Algarve 77** CM de J. Sá Caetano (1977); **Casinos do Algarve,** CM de J. Sá Caetano (1977); **Hotel Algarve** CM de J. Sá Caetano (1977); **À volta da cidade** série de programas TV dirigida por Nuno Portas, realização de J. Sá Caetano (1978); **Um S marginal** de J. Sá Caetano (1981); **O último soldado** de Jorge Alves da Silva (1981).

O tema de **O recado,** tristeza e solidão, chamou a atenção para Rui Cardoso. A precisão intimista e inquietante da música de **As ruínas no interior** confirmou-o. Mas foi a estranha música de **Um S marginal,** esses sons nunca ouvidos, essas vozes abertas sobre sintetizador, esse espaço musical que em muito cria o clima incómodo desse filme singular de Sá Caetano, que asseguram que Rui Cardoso tem a técnica e o talento de um compositor para cinema, sabendo estar sob as imagens, com as imagens.

No recente cinema português é o único compositor especificamente cinematográfico de relevo.

Faria de Almeida (à esq.) durante a rodagem de **«Safrique safari»**, em Moçambique

SAFRIQUE SAFARI
— curta-metragem
— 35 mm/ cor

Realização e montagem: M. Faria de Almeida. **Texto:** Fernado Carneiro (**dito por** Gustavo Rosa). **Fotografia:** Jim Howe. **Som:** Alexandre Gonçalves. **Produção:** Telecine. **Duração:** 11 minutos. **Rodagem:** 1972. Estreia: ?

Trata-se de um trabalho de cariz parapublicitário do prolífico documentarista Faria de Almeida. Rodado em Moçambi ue, nas coutadas de caça grossa da empresa Safrique, este filme dobra-se integralmente aos seus interesses promocionais, limitando-se a saudar as excelências da sua organização, a que não falta o «prazer de um banho quente e do whisky».

Algumas cenas de safari não ultrapassam a filmagem de animais, com dois momentos de caça, únicos instantes em que há algo de forte no filme (mas a laconicidade desses momentos é inexplicável).

Deve dizer-se que **Safrique safari** não torna demasiado aliciante o uso dos serviços da empresa, ou seja, a sua eficácia publicitária é mais que relativa.

Como único ponto assinalável refira-se a impecável sonorização de Alexandre Gonçalves que criou uma ambiência sonora «africana» de uma transparência espantosa. Uma questão de profissionalismo técnico que se deve sublinhar.

DEOLINDA DA SEARA VERMELHA
— curta-metragem
— 16 mm/ p.b.

Um filme de Luís Gaspar, Carlos Gaspar e Victor Duarte. **Produção:** Instituto Português de Cinema. **Duração:** 25 minutos. **Rodagem:** 1975/76. **Não estreado comercialmente.**

Nota: O genérico (falado) do filme diversifica as funções dos três trabalhadores credenciados como criadores de **Deolinda da Seara Vermelha.** Algumas fontes bibliográficas oficiosas (como o livro «Anos de Abril» de José de Matos-Cruz, ed. IPC) referem, porém, Luís Gaspar como realizador, atribuindo a Carlos Gaspar a direcção de fotografia.

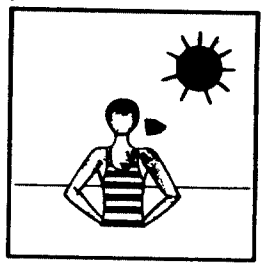
De entre a produção cinematográfica de carácter politicamente militante, **Deolinda da Seara Vermelha** é um dos mais conhecidos e mais típicos produtos.

Situado no Alentejo (região de Santiago do Cacém) em 1975, o filme conta a criação da União Cooperativa A Seara Vermelha, através de declarações da camponesa Deolinda e de outros trabalhadores mais, imagens de trabalho, reuniões, mobilização e festa, tudo unificado pelo discurso de um narrador.

Arquitectura típica: o narrador dá o tom, imprime a verdade; as imagens, as mais das vezes, pouco ou nada têm a ver com a voz **off**, deixam-na passar; alguns cantos episódicos fazem transição entre palavras; voluntarismo, entusiasmo, alguns chavões, alguns simplismos, a luta de classes reduzida a uma dicotomia, enorme empenhamento.

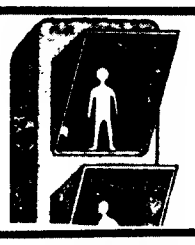
Um filme que acredita, está cheio de esperança e nenhuma dúvida.

Assim foi o cinema militante, para o melhor e para o pior.



SE
não sabe nadar
entre na água
apenas até à cintura

As Florestas são uma riqueza nacional.
Colabore com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.
NÃO FAÇA LUME
PROTEJA AS FLORESTAS



NAS PASSADEIRAS
Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

O Estado

Quem pode exlicar a genese

e justificar o Estado? Ninguém.

Ele existe.

Louis Sala-Molins

Nesse tempo, Moisés subia e voltava a subir ao Sinai. Descia, com as tábuas sob o braço. Voltava a descer com um novo conjunto de tábuas – o primeiro jogo tinha-o colocado em bocados no sopé da montanha – cornos de luz na testa. Moisés tinha o privilégio de conversar com o Eterno, que lhe dizia como devia governar o povo liberto, vestir os padres e adornar os altares. Moisés ouvia Deus. Via-o? Sim, cara a cara, ao que parece. E talvez não, a acreditar em Jerónimo, cuja vulgata é também história nas nossas latitudes, quer reproduza bem ou mal o texto sagrado.

ASSIM Moisés, que «conversava cara a cara com Jeová, como um homem conversa com um amigo», (1) de repente, ver melhor o seu interlocutor divino. — «Mostra-me a tua glória, Jeová». E Jeová: «Não. Não podes ver o meu rosto, pois se eu tu lo mostrasse, tu morrerias». «Duvido», pensou Moisés. E Jeová, que sonda o coração e os rins, onde estão precisamente os pensamentos, replica de imediato: «Aqui está um lugar perto de mim. Põe-te no rochedo. Quando a minha glória passar, colocar-te-ei na fenda do rochedo e abrigar-te-ei na minha mão. Depois afastarei a mão e tu verás as minhas costas. A minha face não, não podes vê-la (2). Moralidade? Ou Jeová perde o norte mais vezes do que convém, ou pergunta porquê «cara a cara» quer dizer «costas com costas» (em rigor, costa a cara ou cara a costa) quando os que dialogam são Deus e o pó, o legislador e o escriba, o libertador e o «conduttieri».

A confusão entre cara e glória, foi Jeová quem a instaurou. E, foi também Jeová, na hora de pôr os «pontos nos is», que disse que a sua cara e a sua glória têm apenas uma longínqua parecença com o que Moisés vê. Contentou-se Moisés? Assim parece. E João, do outro lado da revelação, constata que a «Deus ninguém, nunca o viu» (3). É preciso darmo-nos conta desta evidência: Moisés e João estão de acordo num ponto: a fonte do poder é invisível.

Pois é de poder que Moisés e Jeová falam ao longo dos seus intermináveis «cara a costas». A tempestade e o estrondo, e o fumo das montanhas são suficientes para provar a veracidade de um pacto ou de uma aliança e o rigor da Lei. Que Moisés falha na interpretação das cóleras divinas, isso é evidente. Que a explicação dessas cóleras refina quando Josué se mete e carrega com a trompa sacerdotal sobre as muralhas de Jericó, a golpes de espada e a murros às entrenhas do inimigo, nada de mais natural.

Torcer o pescoço às teocracias

Tudo isso, como dizia sem rir Espinosa, apenas vale para o povo de Israel: é que, a querer fazer teocracia, se correm riscos. Já é tempo aliś, de pedir um pouco mais de razão; e de imaginação, apenas a suficiente para os floreados e as iluminuras de roda-pé, apenas um pouco para tornar suportável, digerível, o ditado da razão que fundamenta em última instância a autoridade, profana e teocracia, e através de mil tentativas falhadas (mas cada vez menos falhadas como afirmava Hegel) nasce do Estado. E porque todos por aí ficaram, os historiadores da ciência política não cessam de tentar precisar o dia e a hora da emergência do Estado, do meio do lodo mitológico e teológico que constituia, desde que a história o foi e até este bendito dia, o fundo do pântano no qual se atolavam os mortais ricinosos diminuídos pelos joelhos.

E é justiça. Sabemos a que levam, em redor de todos os Jericós da Terra, as trompas sacerdotais e o ferro dos espadachins do Senhor. Sabemos a que levam as teocracias de que felizmente nos libertámos. E por incapacidade de Moisés — o mais perito nesse domínio — de nos dizer com quem ou com quê se parece o supremo legislador, voltamos a página e recomeçamos sob novas bases, uma vez drenados os pântanos. Não mais cornos de luz, não mais pequenos jogos de caras a costas e de «viste-me e que viste tu». O Estado para conduzir os povos, eis o que foi preciso inventar para torcer o pescoço às teocracias. Nem Deus nem o Diabo. Nem os palácios infinitos de um, nem as intermináveis cavernas tenebrosas de outro, mas a elaboração séria e sucessiva do direito, a compartimentação meticulosa dos deveres, a regulamentação reflectida das dependências. Conversa-se de acordo com o direito natural, ou seja, segundo a natureza. Inaugura-se a positividade, naturaliza-se a história, ou o que a determina. Disserta-se ao longo de volumes sobre a inutilidade de toda a crítica do direito — a inutilidade e a má-vontade — argumentando-se que falando-se de direitos, é de deveres que se deve pensar. E aquele que troça da relação «cara-costas» de esse par legal é solidamente designado, e não falemos mais da risota das multidões, da vingança dos povos e dos anátemas dos Estados.

Os maus e os bons

Dos Estados de direito, bem entendido. Dos outros estamos curados. E é aqui que as coisas se complicam. Pois, quem nos nossos horizontes fala de direito, senão os Estados? E quem diz Estado senão o direito? Sejamos ainda mais claros. Os Estados maus empurram direitos e deveres para instaurar outros direitos, outros deveres, ou simplesmente, para instalar noutro lugar as legalidades aqui experimentadas. Os Estados bons, não empurram nem direitos nem deveres, mas reconduzem e eventualmente segregam da legalidade ou legitimidade. De forma que apenas os paralíticos ou os francamente idiotas se enganam: o Estado «à franquista» era mau, e o Estado «à francesa» é bom.

Mas então, se tudo até aqui é claro, confesse que as coisas se complicam desde que se descobre que não há relação automática, nem histórica, nem necessária, entre esses critérios morais de bondade e de maldade, aos quais, em última análise, se refere o direito dos Estados para se afirmarem por natureza justos e reivindicar, partindo da sua própria legitimidade, a sua própria delimitação geográfica.

E que sobretudo não nos venham dizer que misturamos tudo ao evocarmos a geografia quando falamos de Estado. O Estado, sob a forma da cidade grega era qualquer coisa! Mas era o Estado? Sim, respondem-me. Saiam da lengalenga dos corolários dessa «beleza», para se aperceberem do estatuto dos metecos e dos escravos e, já que por aí estão, do parentesco com a razão pela vizinhança dessa cidade.

O Império Romano, que legislava como nenhum outro, era evidentemente O Estado. Mas sonde o «estado da alma» de esta ou daquela das suas pronvíncias, e fale-me da arte da esquadria à tesoura de uma única legalidade. E a cidade italiana na Renascença? Mas como poderemos dela falar, sem evocar as prisões dos Genoveses em Pisa e dos naturais de Pisa em Génova? Arqueologia de tudo isso e interpretação compartimentada da epopeia de Gilgamesh, diz-se em certas escolas da ciência política, onde se gosta de ir direito aos factos. Vamos então aos factos.

A resignação dos indivíduos

O Estado francês, o verdadeiro, o puro, aquele que em França, serve de padrão conceptual aos que o precedem, é possível interpelá-lo? Melhor que possível: altamente desejável. Mas sob a qual destas três melhores epifanias: a real, a republicana ou a imperial? E é incómodo de não poder, salvo indecentes cortes, abandonar a cada uma dessas três formas uma maneira de dizer o direito, de o fazer, e sobretudo de o implantar e exportar, suficientemente clara para que a implantação e a exportação escapem aos automatismos da adesão ou da censura.

Perguntem o que se pensa, aqui e noutros lugares — sobretudo noutros lugares, das napoleanizações dos códigos europeus, das republicanizações da África ou das «passacailles» russas e ibéricas do Estado em quatro maiúsculas. Parece que antes que Hegel tenha pensado este assunto com o sucesso alemão do século XIX que sabemos, e os novos sucessos franceses do século XX, que suportamos com tanta paciência como Job para ouvir, antes de maldizer as tagarelas consoladoras, o assunto estava entendido: ninguém sabe o que é o Estado, mas o Estado sabe o que é o direito. O direito ninguém sabe ao que se parece, mas o direito sabe o que é o Estado, pois o Estado é de direito. E por favor leiam este «de» no genitivo e no ablativo, para que, como convém, o Estado apareça formal e materialmente constituído pelo direito (5). O que, confessamos, é mais exaltante.

A menos ... a menos que não abandonemos totalmente as categorias de bondade e maldade de que há pouco falámos. A menos que nos contentemos de dizer « que há Estado» quando «isso» funciona e legisla, e tanto pior para os teus ossos se «isso» não legisla no teu sentido: «e há a máscara carnavalesca» quando «isso» toussica gagueja e se entrava. Mas que é «isso»? A «máquina» é a res-

Sociedade

Autoconstrução: a experiência francesa

Algumas dezenas de milhares de franceses construíram as suas próprias casas. Modestas ou luxuosas. O imperativo é económico, mas há outras razões. Os industriais propõem agora casas em peças separadas.

Marie-José Bernardot

«CONSTRUIR sozinho a minha casa: para mim, é um sonho de infância». Claude Fraudin, engenheiro de electrónica, lançou-se numa obra de grande fôlego. Há já 10 anos que construiu as fundações da sua casa, numa vila a 15 quilómetros de Paris. Precisa ainda de mais dez anos para completar o trabalho. Vinte anos para construir um sonho de infância...

Ter uma casa é o sonho de uma larga maioria dos franceses. Mas quantos se decidem a construí-la? Fenómeno marginal, a autoconstrução escapa às malhas das estatísticas: não aparece nas autorizações de construção, e escapa ao sistema financeiro dos empréstimos imobiliários. Escalonada ao longo dos anos, pode ser integral, «à maneira» de Claude Fraudin, ou apenas parcial. Uma sondagem realizada pelo INSEE em 1978, no quadro de um inquérito sobre a habitação em França, estima um número de trinta e sete mil e oitocentos autoconstrutores. Mas, só a Confederação dos Castores (1) conta com cerca de cinquenta mil aderentes. E, segundo um estudo de mercado realizado por um fabricante de materiais, os «Castores» representam apenas metade dos autoconstrutores.

«Hoje como ontem, a motivação económica é a explicação essencial desse fenómeno», afirma Paul Cuturello, investigador de sociologia no C.N.R.S. «No pós-guerra o movimento castor era uma tentativa para sair do marasmo, numa altura em que a indústria de construção trabalhava ao ralenti. Em 1982, a autoconstrução é uma forma de diminuir a pressão do endividamento para os candidatos a casa própria».

Da entreajuda à solidariedade

Mas, se a Confederação dos Castores ainda existe, o movimento já não tem o conteúdo político e social que o caracterizou nos anos 50. No contexto da crise de habitação do pós-guerra, o movimento Castor reagrupava trabalhadores e empregados numa mística de entreajuda e solidariedade.

Apoiados pelos partidos e sindicatos operários, os Castores construíram em comum em terrenos cedidos pelas municipalidades. «Fabricávamos o perpianho», conta Émile Bloch, veterano dos anos 50 e actual presidente da Confederação dos Castores. «Hoje já não se encontram terrenos para construir a preços módicos, e a mentalidade mudou: o Castor tornou-se mais individualista, quer ter o seu próprio terreno. A entre-ajuda e a troca de horas de trabalho, existe ainda e por vezes na província, mas já não na região parisiense». A Confederação dos Castores funciona contudo como uma central de compra de materiais, que concedem um reembolso aos seus aderentes e lhes propõem uma assistência técnica e administrativa. Aliás, 80 por cento dos Castores recorrem hoje a trabalhadores para construir o grosso da obra, e 40 por cento contentam-se em fazer os acabamentos e os arranjos interiores. Segundo os responsáveis da Confederação, apenas um em cinco castores constrói inteiramente a sua casa, sem a ajuda de profissionais assalariados.

Economias substanciais

Para estes corajosos que consagram todos os seus tempos livres ao estaleiro de construção, a economia é consequente: de 30 a 50 por cento sobre o custo global de uma casa. Números avançados pela Confederação dos Castores, mas também por um estudo realizado para o plano Construção (do Ministério do Urbanismo e Habitação). «Nas casas mais baratas, os autoconstrutores conseguem uma qualidade bem superior à das casas em série», afirma um especialista. «As pessoas que constroem fazem, de modo geral, casas mais espaçosas e de melhor qualidade que as vendidas com chaves na mão.»

Claude Fraudin que faz ponto de honra de fazer tudo, sem nenhuma ajuda, constrói uma casa grande «standing»: «Utilizo materiais de luxo. Pedra talhada, mármore, peças de armação para portas e janelas em alumínio, um excelente isolamento, e esta casa de 186 metros quadrados, em três níveis, orça os 160 000 francos, acabamentos excluídos. Com este método tenho a vantagem do autofinanciamento: quando uma construção dura dez ou mais anos, não há necessidade de empréstimo. Não compreendo porque não há mais gente a fazer esta escolha...»

A explicação reside sem dúvida nas dificuldades inerentes à autoconstrução: todo o tempo livre, noites, domingos e férias, aí são investidos. Sem contar com as dificuldades administrativas (para obter a licença de construção), financeiras e técnicas. E poucos são os engenhosos que se podem gabar de uma competência em todos os domínios da construção, do trabalho com betão à instalação eléctrica, passando pela carpintaria e canalizações. «Sou de origem modesta e gosto do trabalho manual», afirma Claude Fraudin. «Mas reconheço que os meus conhecimentos técnicos me serviram de muito. Penso que um engenheiro deve saber fazer tudo».

Construir em família para se integrar

Um caso raro, mesmo se numerosos autoconstrutores se recrutam entre os profissionais da construção. A maior parte dos construtores amadores apelam, no entanto, aos serviços de trabalhadores especializados ou a uma rede familiar ou de amigos. Solidariedades que permanecem ainda profundamente enraizadas.

Um estudo realizado por Martine Segalen, do Centro de Etnologia Francesa, sublinha o papel dos laços de parentesco em Saint-Jean, uma pequena vila perto de Pont-L'Abbé, na Bretanha. A autoconstrução, muito frequente, tem aí uma função de rito: «construir em família, é o símbolo de uma integração na vila». Mandar construir por uma empresa, é, ao contrário, permanecer estranho à vila. Em sessenta autorizações de construção, entre 1978 e 1980, quarenta e cinco casas foram construídas por jo-

posta conhecida. A máquina do Estado? Ou seja: a credibilidade, ou a liturgia do consenso como alguns dizem? A legitimidade do monopólio da coerção, como afirmavam anteriormente Max Weber, Tomás d'Aquino? Mas se essa alternativa passa, se tomámos todas as precauções para distinguir a República dos Romanos e dos canonistas (pois os curas também falavam da república) da República dos monarcas e das (monacormaches), que Falta então para definir o Estado que esse critério imbecil: «isso funciona»? E vejam como é simples, com direito ou sem direito: quando há berraria, o Estado de direito é posto em causa: e, reciprocamente, quando o Estado de direito é posto em causa, há berraria. O Estado existe quando não é posto em causa.

Quero dizer que, na incongruência das razões alegadas desde sempre — ou quase — para legitimar o Estado, e na necessidade táctica em que nos encontramos para o definir, ou pelo menos descrever, é preciso apoiarmo-nos na antropologia bem rodada, e ousar dizer que o Estado é a paciência dos indivíduos. Nada mais? Sim: o Estado é a paciência da maioria dos indivíduos contentes, estupidamente resignados ou em armas. Pois a República Francesa fora de portas (sejamos historiadores e tomemos um exemplo preciso) não é possível sem a paciência e a «endurance» dos velhos republicanos. A extensão e os retrocessos desse Estado tinham uma relação qualificada com as paciências no interior, e as lutas, no exterior.

E é assim que nos surpreendemos — se bem que isso nada tenha de surpreendente —de falar constantemente de outra coisa quando tentamos falar de Estado. Respondemos com povos e nações, com direitos e geografias, sem nunca, ou quase nunca, podermos basear na razão o que a razão desde sempre retira. É que o Estado nunca aparece puro (como poderia ele aparecer na sua pureza, o nulo) e está sempre lá com os seus atributos geográficos e jurídicos, quando se pretende vê-lo de perto. Vai procurar o que resta, se queres determinar fora do direito e da geografia a consistência racional! Tudo leva ao irracional, teológico ou mitológico do direito e da territorialidade, tudo cativa nas fábulas dos inícios, que elas sim, legitimam o direito e a ocupação e, por consequência, o Estado.

Uma ligação visceral e passional

Neste estádio (pois estamos de acordo em retirar bondade e maldade dos nossos parâmetros), a República Romana ou canonista, e a República Francesa, têm as mesmas vértebras, os mesmos monopólios de coerção, porque têm um denominador comum: a crença. A tal ponto, que considerando o nada de racionalidade que enche esse mar de afectividade, no qual se confundem sem outra articulação as brutalidades históricas, a legitimidade de ocupação dos solos, a credibilidade dos direitos, os monopólios da coerção (no plural, pois há Estados a quem acontece guerrearem-se), somos empurrados a laicizar brutalmente a palavra de Tertullien. O Estado? Não acredito, porque é absurdo. Não acredito porque não saberia saber.

Daqui resulta, e apenas de passagem, que as posições anarquistas não relevam da ignorância, mas da descrença. Daqui resulta o que toda a gente sabe desde há muito: que os Estados são difíceis de definir, quando no seu seio qualquer coisa os perturba, ou quando nas suas fronteiras ou longe de elas alguém os solicita ou os ataca. E nesse caso, cuja contextura cronológica faz a totalidade dos trabalhos e dos dias, a razão sabe da inutilidade dos silogismos em «barbara» e a eficiência temível dos desenvolvimentos litúrgicos dos ícones e das relíquias, das bandeiras e das fanfarras.

E que não nos venham dizer que foi descoberta na sombra densa de uma qualquer floresta, ou nos nevoeiros, a entidade política e jurídica que teria por si própria dado razão, pelo recurso a mitos justificativos da sua implantação, e, por consequência, da supressão dela própria e do exílio de todas as outras... Que não nos venham contar tais histórias, pois não são credíveis. Do mesmo modo dizer que se os Estados de direito, bons ou maus, e mais necessariamente os dois, um em cada tempo, ou concomitantemente, se querem definir nunca é ao racionalismo que recorrem, mas a essa aparência de racionalidade que veste, neste domínio, a profundidade beata da ligação visceral e passional. «O Estado é sagrado». Não vos obrigo a dizê-lo. «A Pátria é sagrada». «O solo é inviolável». Estas são as máximas da linguagem daqueles que exercem o sacerdócio das pátrias e dos Estados.

O uso estratégico destas noções mostra bem que a literatura atroadora que as utiliza, por muito racional que se queira, traz até à modernidade — e em grandes caracteres — a **santidade** dos impérios e a **santidade** das alianças de que os séculos passados fizeram grande uso. De santo a sagrado, a linha é mais ascendente no léxico apologético. E é maravilhoso encontrar reunidos nesta concepção teológica de comunhão «solo e lei, direito e território», o êxodo que revelava Jeová, a «Somme» que escreveu Thomas, a «Enciclopédia Filosófica» que compôs Hegel. E assim, num vôo de que sinceramente peço desculpa ao leitor, as mil e uma epifanias da coisa governante, e legislativa, gratificante e conquistadora se encontram reunidas na transparência angélica de uma profissão de fé. Acreditar no Estado, de que apenas nos apercebemos pela totalidade das suas formas, formas que cada um postula, de que nem o conjunto é suficiente para definir de outra forma que em termos de submissão beata ou de ligação passional um bom programa para os nossos séculos de razão.

E se tentarmos com a antropologia, como já afirmei? Desconhecida há uma dezena de anos, pois aventurava-se a mostrar uma natureza humana não apenas histórica, ela pode contudo ser evocada sem se fazer assinalar pelas vindictas dos dialécticos. Os que a solicitam de todos os lados, a pobre, quando as justificações racionais dos Estados são água de todas as partes, e que não há um modelo de Estado para colmatar as brechas.

A visão antropológica não pretende a cegueira histórica, como disse Engels ao falar de Feuerbach (6), mas quer medida e rigor. E se no fundo das linguagens litúrgicas, onde vão beber as teorias do Estado, não havia mais nada que o esquecimento do tema essencial da alteridade, tal como a trabalhou a filosofia desde sempre, e que se ergue no coração da formidável reflexão de Feuerbach? Quem mais do que ele deu plena razão à incongruência de toda a hierarquização (sem a qual não há Estado, e nesse ponto estamos de acordo, já que abandonámos a escola maternal há muito tempo) e, ao mesmo tempo, o multissecular extravio dos homens em busca da identidade e de títulos de propriedade sobre si sobre o direito e o solo? Velho jogo na nossa madrugada pós-marxista e póstuma? A ver.

Entre génese e «parousias»

Expurgada de reflexão sobre o Estado de direito ou não-é este estádio indiferente — os critérios antropológicos. Ficar-vos-á todo o resto: a economia, a força, as boas vontades caras a Hegel, ainda elas em forma de povo, de pátria e de nação e de tudo o que quiserem. Haverá mesmo lugar para as Tricontinentais e os Impérios. Mas tudo isso nada terá de racional. O verbo será, como sempre foi e é fatalmente profético e teológico. Podemos experimentar nos grandes textos de filosofia política, lê-los no seu próprio absoluto, ou coleccioná-los por acontecimentos e séries que modificaram nações, povos e Estados, e os qualificam.

Não há um que tenha — e neste propósito Rousseau não faz excepção, nem Marx; nem fizeram Grotius, Vitoria, Marsile de Pádua, etc. — sem a invocação prévia de um antecedente onde o mito e a fábula prestam testemunho e apelam constantemente à memória das multidões nos dias de mobilização geral. Os psicanalistas sabem bem explicar isto nos seus raros momentos de profunda lucidez entre dois delírios. Muito antes que ela existisse a filosofia sabia que os homens não se tomavam por qualquer e que adoravam sacralizar a sua passagem sob uma lunação em termos de balada entre uma génese brilhante e um paradisíaco arco-íris.

Feuerbach ousou, mais brutalmente que nenhum outro, antes da sua erupção na batalha das ideias, abrir o caminho: vejam, o santo dos santos não existe. Depois interrogou o homem à obra e trouxe até ele a divindade atroadora, e elevou até ao divino o homem e a sua obra. Assim! A sua antropologia não podia conter os homens nas imbricações babélicas das hierarquias, nem adornar os altares, nem vestir os padres. Ele profanou os altares, o indecente, e mandou às urtigas todos os capuzes do pensamento.

No ensino da razão, o Estado encontra-se desmantelado de um golpe: a antropologia constata que há Estado, mas sabe que não sabe dizer quer mitologia, quer teologia, nem ao que ele se parece, nem até quando. Reduz as teologias e mitologias faraónicas do Estado à paixão do homem, e traz até à medida humana as alturas do Olimpo e do Sinai.

De tal maneira que o Estado não tem justificação antropológica, de maneira alguma: acabou a lunação entre génese e paraíso; mas a tagarelice fatigante recomeça cada manhã, recontando os acontecimentos da véspera. Sobre estas epopeias de pacotilha germina o direito e se encarna a força do Estado. E vejam porque nos habituaram a venerá-lo: ao santo as coisas santas. Quanto a saber quem diz esta santidade (ou este sagrado, ou esta inviolabilidade, é igual), quem ornamenta as epopeias sobre contos de bisbilhotice, (tu peux toujours courir). Quem clama e quem (grêle), quem liberta e quem sanciona, quem aqui exalta e ali desdenha? O Estado.

A tua cara apertada sob o seu punho na fenda do rochedo deixa passar a sua glória. Depois olha. E se o que vês parece o contrário és livre de imaginar o lugar e de tirar ou não as tuas sandálias.

---

(1) — Êxodo, 33, 11

(2) — Êxodo, 33, 21 — 23

(3) — João 1, 18

(4) — Como diz David, que confiou a Carlo Coccioli as suas Memórias (Carlo Coccioli, «As Memórias do Rei David»).

(5) — Sternberg constatava (Allgemeine Reschtslehere, 1904) que os que falam de direito passam o tempo a perguntar-se do que falam, incapazes de definirem o seu objecto. Kojéve «Esboço de uma fenomenologia do direito, 1943» recorda-o e desculpa: «Quer seja o direito ou o Estado (...) uma definição satisfatória faz falta». E André-Jean Arnaud (Crítica da Razão Jurídica, 1981) apenas vê quatro soluções: «há mil definições de direito todas elas óptimas».

(6) — Engels, «Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã».

---

vens casais da vila. As restantes habitações construídas, foram-no por empresas contratadas por pessoas estranhas à região... que permancerão afastadas da vida da comunidade. Em Saint-Jean, a autoconstrução acompanha uma viragem da situação demográfica: não são os reformados mas os jovens que se instalam, e a escola que ameaçava fechar, abriu uma nova classe.

Os jovens construtores beneficiam da ajuda de uma rede familiar e de amigos muito densa. Exemplo: os dois irmãos B... que constroem cada um a sua casa; um é canalizador, outro empregado numa empresa de construção. Em quinze dias de «férias», Gilbert fez nascer a sua casa da terra: o patrão emprestou-lhe uma grua; pai, sogro, tios e irmão deram-lhe uma ajuda... Dois meses depois, a mesma equipa reconstituiu-se para ajudar na casa do irmão. Economia informal ou trabalho negro? A fronteira é por vezes ténue...

Entre a alegria e a depressão nervosa

«A ajuda benévola do primo, é por vezes a camuflagem do trabalho negro», afirma-se na Federação Nacional dos Construtores. «Não temos nada a dizer à autoconstrução, mas batemo-nos contra o trabalho clandestino que não dá nenhuma garantia e protecção no caso de acidentes de trabalho... Aliás, se fosse fácil construir uma casa sozinho, asnossa profissão não existia!». Nenhum dos que se lançaram na aventura, fala de facilidades. Mas para a maioria dos autoconstrutores, contar com as suas forças é o único meio de ter a sua casa...

«Se tivesse que recomeçar, não sei se o faria», confessa Patrícia Galtier, assistente social, que construiu a sua casa em Montarnaud, perto de Montpellier, com a ajuda de amigos e de um arquitecto quase benévolo. Sem férias durante três anos seguidos, todos os fins de semana e noites passados no estaleiro, empréstimos à família para pagar os materiais que custam caro... «Houve dois momentos fantásticos durante a construção», relata Patrícia. «Por vezes, ao domingo, era uma vintena de amigos a trabalhar, a comer, a divertirem-se em conjunto... Mas houve também momentos menos divertidos, o levantar às 6 horas da manhã para fazer a massa ou as canalizações, as noites em que se pensa que não conseguimos...». Para esta jovem celibatária, com apenas o seu salário de assistente social, estava fora de questão recorrer a um construtor... Mas as dificuldades de financiamento juntas à fadiga física, fizeram-na passar pela depressão nervosa. Agora, a casa está lá, numa colina, uma casa diferente das outras, irregular e cheia de janelas rasgadas sobre a vinha. Só falta a chaminé...

Numa sociedade em que o tempo livre aumenta mais depressa que as capacidades financeiras das famílias, a autoconstrução, apesar dos seus acasos, conquista adeptos: é o último estádio da febre do «bricolage», que já atingiu milhares de franceses (2).

Para além dos «Castoramas», e outras especializadas na «bricolage», o mercado de autoconstrução começa a diversificar-se.

Na Feira de Paris, um fabricante expunha uma casa em «kit» de armação metálica: apenas é preciso uma chave de «treze» e um único tipo de perno para montar em menos de uma semana uma casa de 60 metros quadrados. «Queremos como clientela as pessoas què pretendem construir a sua própria casa» explica o fabricante, Pascal Maraninchi. «É preciso apenas um folheto técnico para construir esta casa, que fica mais barata que um pavilhão prefabricado: cerca de 2500 francos o metro quadrado, com um bom sistema de isolamento...»

Um construtor alemão propõe um outro estilo de casa: um jogo de construções à base de tijolos ocos em poliestereno que se encaixam uns nos outros. «Em vez de se colocar um emplastro isolante num muro de betão, verte-se o betão na massa isolante», explica Gil Olphavens, representante da Isorast, que se lançou à conquista do mercado francês. «Este método, põem-nos desde já, em conformidade com as normas que serão impostas em 1985: um isolamento que permite 25 por cento de economia de energia suplementar e um custo de construção em 25 por cento inferior ao actual. Mas fomos excluídos de um concurso «Habitat — economias de energia» lançada pelo plano Construção porque é um método de importação...»

Nos Estados Unidos como na RFA, as casas em «kit» multiplicam-se. Dois países onde o custo de construção é ainda mais elevado que em França. «Em França a mão-de-obra na construção custa 30 por cento menos que na RFA», afirma Gil Olphavens. «O que explica que lá (na RFA), mais de metade das casas individuais sejam construídas por particulares...». Em França a autoconstrução está longe de atingir tais proporções, mas o desenvolvimento destes novos métodos poderá acabar por perturbar os construtores de casas individuais e os grandes industriais fornecedores de betão e de aço.

Iniciativas colectivas

Mas o futuro da autoconstrução não depende apenas de iniciativas individuais. Variantes colectivas começam a desenvolver-se sob a direcção de algumas associações como «Habitat grupo autogerido (3) e sobretudo sociedades do «H.L.M.». A repartição municipal do «H.L.M.» de Joinville faz participar os futuros habitantes na concepção do seu alojamento: são eles quem decide, não apenas a cor dos papéis pintados, mas também sobre a organização dos volumes com os conselhos técnicos de arquitectos.

A repartição do «H.M.L.» de Dreux vai ainda mais longe: os habitantes da cidade de trânsito «Prod'home» são associados à reabilitação do seu alojamento. A decisão de reabilitar, em vez de destruir para construir de novo corresponde, antes de mais, aos desejos da maioria dos habitantes, ligados ao seu bairro, apesar da inexistência do conforto «moderno» nos alojamentos actuais... «Muitos locatários queriam associar-se à operação para melhor controlarem o que se iria passar», afirma Daniel Bourdon, o arquitecto responsável pela reabilitação. «Os que o desejam podem participar benevolamente nos trabalhos de melhoramento das suas habitações».

Mas nesse bairro, que conta um número importante de jovens desempregados, a repartição do «H.M.L.» «matou dois coelhos de uma assentada»: Jean Pierre Hamon, o director da repartição, incitou as empresas que participam na operação a contratarem os desempregados... para trabalharem nas suas próprias casas! Uma forma original de associar uma população — até então marginalizada — ao melhoramento das suas habitações, diminuindo o número de desempregados...

Estas iniciativas — timidamente encorajadas pelos poderes públicos — poderiam abrir novas perspectivas à autoconstrução, fenómeno que estava em regressão desde a pré-história...

---

(1) — Confederação de Castores: 12, rue Montbouron, 7800 Versailles, tél: 951-33-80

(2) — «Monde Dimanche» de 26 de Outubro de 1980

(3) — «Habitat groupé autogeré», 29, avenue Albert Bertillon, 75015 Paris, tél: 532-03-69

Banda Desenhada **Sete Ponto Sete**

Jerry Spring e Jijé: o primeiro retrato

FICAM já a saber que ainda havemos de voltar a falar de Jerry Spring e de Jijé.

A razão é simples: até ao fim do ano, as Edições 70 prometeram-nos o lançamento das primeiras bandas da série.

Se a programação da editora não falhar, o que é pouco provável, se considerarmos a regularidade e sentido comercial evidenciado com as apostas em tão excelentes bandas como Corto Maltese, Alix ou Agente Secreto X-9, teremos motivo para uma pequena «celebração».

Vamos esperar, para ver.

Até lá, é esta a nossa proposta da semana: uma abordagem breve a uma das séries que perpetua e prolonga na velha Europa, a hegemonia do tratamento de qualidade do tema do Oeste americano.

Quanto a isto, abrindo novo parêntesis, deixem que vos diga o que existe de interessante e propício à reflexão, nessa realidade: O melhor tratamento do «Western» em termos de Banda Desenhada tem sido sempre praticado na BD de expressão europeia. Recordemos, a título de exemplo, as magníficas séries «Tenente Blueberry», «Sunday», «Jonathan Cartland» ou... «Jerry Spring».

Jerry Spring: um belo olhar europeu sobre o Oeste americano

Em contrapartida, e para apenas situar a questão nos autores «sérios» realistas, o que nos oferece a América?

Convenhamos que a resposta é mesmo difícil...

E passemos a Jijé.

Nasceu em Gedinne (Bélgica) à 13 de Janeiro de 1914.

Enquanto a Academia de Bruxelas e o Instituto de Arquitectura e de Artes Decorativas de La Cambre, em Bruxelas, numa confirmação do seu interesse e gosto pelas Artes Plásticas, evidenciado desde a mais tenra idade.

O interesse pela BD, também parece ter sido praticamente desde sempre. E quando é convidado em 1939 pela revista belga «Sprirou» para trabalhar nela, é a consagração que bate à porta.

Iniciar-se-ia com «Freddy et Fred», que os leitores adoptariam de imediato.

Em 1941, retoma as aventuras de Spirou.

Mas há outras criações na sua bibliografia: «Blondin et Cirage» e «Les Aventures de Jean Valhardi», entre outras.

Depois do segundo conflito mundial, vive durante algum tempo nos Estados Unidos da América, acompanhado de outros dois autores famosos — Morris e Franquin.

Dessa experiência, prolongada em termos geográficos no México, resultaria uma recolha fundamental de materiais, com que contaria para se abalançar em «Jerry Spring», anos depois.

E foi assim que chegou o tempo desse herói, em 1954, após o regresso dos Estados nidos.

No dizer de Vasco Granja, «Jerry Spring» é uma série inteiramente criada por Joseph Gillain (Jijé), observada a partir da realidade observada, existente nos locais por onde andou o autor, sofrendo a influência de Hollywood ao desmistificar o género».

O que o leva a referenciar Spring ao nível de um Gary Cooper dos filmes de Anthonny Mann, de Delmar Daves ou de Fred Zinnemann.

«Concebida num estilo realista, a série Jerry Spring apresenta um herói que luta contra os poderosos, defendendo incondicionalmente os fracos. É um D. Quixote da pradaria, não lhe faltando um dedicado Sancho Pança na figura do mexicano Pancho», sublinha ainda Vasco Granja.

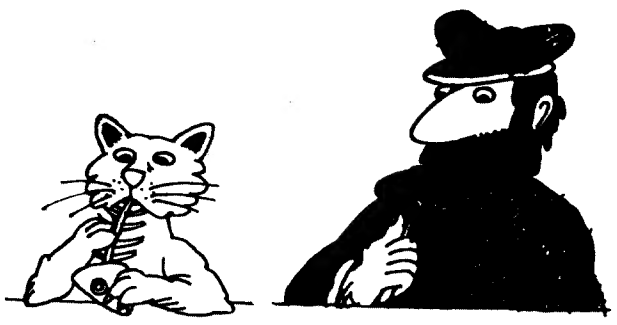
E o que fez chegar o herói até aos nossos dias, sem perder frescura e vigor?

É ainda o mesmo crítico quem, a terminar esta breve apresentação, responde cabalmente:

«O 'western' recriado por Jijé nada tem de folclórico e nasceu da espontaneidade de traço de um desenhador que soube evoluir com o tempo, nunca procurando enganar o leitor com virtuosismos supérfluos, interessado somente em contar histórias perfeitamente legíveis, plenas de vida e movimento, o que lhe explica o seu considerável êxito de várias gerações de leitores».

Carlos Pessoa

Notícias da BD



«Mystère dans la jungle»

Um novo volume das aventuras do capitão Ketchup, desta vez na selva, está já nos escaparates.

A edição é de Casterman, e o desenho e argumento de Simon Stern.

Este terceiro título não foge ao padrão dos restantes álbuns, apresentando o papagaio , o gato Pastis, Cocktail e a tia Chipolata, para além, evidentemente, do capitão.

Sosseguem, que tudo acaba em bem, com o regresso da serpente sagrada e o salvamento do gato Cocktail («Mystère dans la jungle», de Simon Stern, edição da Casterman).

«Corrida para Oklahoma»

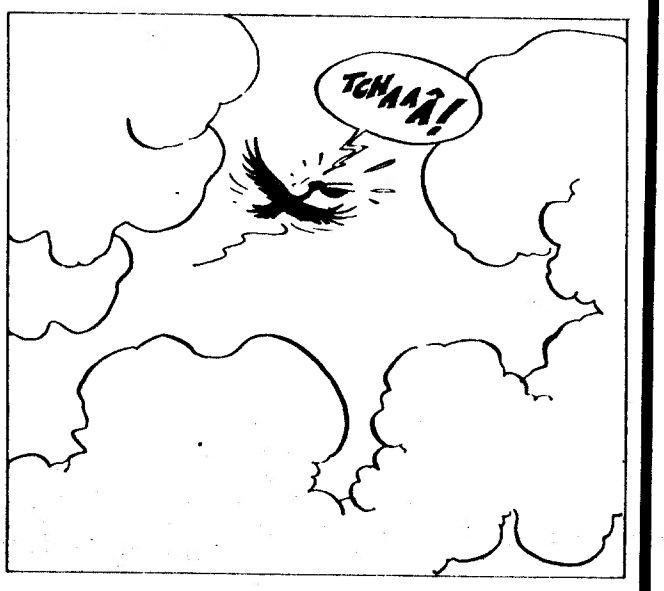
«Corrida para Oklahoma» é uma aventura de Lucky Luke com 24 anos de existência.

Foi publicada em primeira mão entre 1 de Maio e 16 de Outubro de 1958, de colaboração com Goscinny, no argumento.

Parece-nos importante situar cronologicamente as diversas aventuras, não por uma questão bizantina ou de erudição mas porque a editora não o faz. A vantagem é simples de descortinar: perspectiva-se a evolução gráfica e temática da série.

De relógio na mão, Lucky Luke parodia com bastante imaginação o célebre episódio da ocupação dos territórios do Oklahoma. A realidade, rezam as crónicas, foi bem mais dura.

Razão suplementar, porventura, para lermos com atenção esta sugestão de Morris e Goscinny («Corrida para o Oklahoma», de Morris ; desenho, e Goscinny — texto, edição Meribérica).



«Yakari et l'étranger»

Para as férias, a Casterman oferece aos seus leitores o sétimo volume das aventuras de Yakari.

Série que se dirige, sem dúvida, aos mais novos, oferece diversos motivos de interesse: felizmente para os seus admiradores, Derib não deixou cair no esquecimento este pequeno índio, apesar do pouco tempo que a série «Buddy Longway» lhe deixa.

Desenho cuidado e argumento instrutivo e curioso, o desta série que nos faz (re) descobrir uma dimensão perdida da natureza e dos seus reinos. Desta vez, a odisseia de um pelicano branco. E de como a solidariedade faz milagres («Yakari et l'étranger», de Derib — desenho, e Job — texto, edição da Casterman).

ARMAZÉNS DE S. PAULO E CAMISARIA VELASCO

R. de S. Paulo 86-92 em LISBOA

LIQUIDAÇÃO DE TODA A EXISTÊNCIA
POR MUDANÇA DE GERÊNCIA

OPORTUNIDADE ÚNICA DE COMPRAR
com DESCONTO DE **40% e 50%** os artigos de qualidade
que constitui as existências destas afamadas casas

FATOS DE HOMEM
CALÇAS
BLUSÕES
CAMISAS
PIJAMAS

GABARDINES
CALÇÕES
FATOS DE BANHO
VESTIDOS
SAIAS

BLUSAS
CAMISEIROS
CINTAS
SOUTIENS

CAMISAS DE DORMIR
SAIOTES
COMBINAÇÕES
PEÚGAS
COLLANTS

Tudo artigos de afamadas MARCAS e com a qualidade e gosto rigoroso de sempre

Esta liquidação durará pouco tempo. Em Outubro depois de obras de remodelação surgirão com uma escolhida colecção de Outono-Inverno e com nova Gerência e nova dinâmica

OS ARMAZÉNS DE S. PAULO e CASA VELASCO
R. de S. Paulo 86-88-92-94 – LISBOA – frente ao Largo

«GRADUS-GABINETE DE ESTUDOS TÉCNICOS, S.C.A.R.L.»

NOTARIADO PORTUGUÊS

SÉTIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DA NOT. LIC. OLÍVIA DA CONCEIÇÃO NUNES PINTO CAPELO RAMOS

CERTIFICO

Para efeito de publicação:

Que, por escritura de sete de Julho de mil novecentos e oitenta e dois, exarada de folhas oitenta e sete, a folhas oitenta e oito verso, do Livro Dezassete-E, das notas deste Cartório, a sociedade cooperativa anónima de responsabilidade limitada «GRADUS-GABINETE DE ESTUDOS TÉCNICOS, S.C.A.R.L.» com sede na Travessa do Marquês Sá da Bandeira, número dezanove, sétimo andar, esquerdo, em Lisboa, freguesia de Nossa Senhora de Fátima, foi transformada em sociedade anónima de responsabilidade limitada, passando a ter a denominação de «GRADUS-GABINETE DE ESTUDOS TÉCNICOS, S.A.R.L.», tendo sido aumentado o seu capital social de CENTO E VINTE MIL ESCUDOS para CINCO MILHÕES E QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, sendo a importância do aumento de CINCO MILHÕES DUZENTOS E OITENTA MIL ESCUDOS, totalmente realizada em dinheiro, e ficando a reger-se pelos Estatutos constantes da fotocópia anexa, que com esta se compõe de sete folhas e vai conforme ao original a que me reporto.

Lisboa, quinze de Julho de mil novecentos e oitenta e dois.

A Ajudante,

(Cidália Inácio Duarte Palma)

AS MARIONETAS DE SÃO LOURENÇO E O DIABO

Uma arte na vida articulada

Como o pirilampo necessita de trevas para produzir sinais, também os personagens feitos de memórias necessitam de trevas não devassadas para se poderem ver em toda a sua transparência. Quer geográfica quer temporalmente este grupo pretende conferir às marionetas propriedades de arquétipos, acentuando a sua universalidade, caminho que considera o único possível para manusear sem deformações o conto popular.

Unicos seres dum território

BONECOS sobre um rectângulo negro, debaixo de um céu negro. Separada a luz das trevas as marionetas são os únicos seres no território escuro e transmitem os reflexos de um sol que não existe no horizonte. Segregam gestos que em contacto com a luz se formam sentimentos. Para as outras funções precisam de um apêndice: a **máquina motora** que é o manipulador e a **máquina canora** que é o narrador que lhes transmite a voz para o exterior.

«— Cala-te aí, ó donzela,
Não te estejas a difamar,
Cala-te aí, ó donzela
Que ao meu quarto irás ficar.

Lá pela noite adiante
D. Mariana quis gritar
— Cala-te D. Mariana
Não te estejas a difamar

Não sou donzela nenhuma,
ai sou D. Carlos d'Além-Mar.»

Os criadores

— No estirador desenha uma criança, sua gata pequena sobre as tintas. Diabos pendurados nas paredes. D. Quixote e uma Medeia sem Jasão. Teresa e Sancho Pança e A Justiça. Outros. Dois bandolins e um acordéon. Máquinas de escrever e de costura. Cabeças já talhadas, barro, perfeitíssimas. Sobre o soalho há um rectângulo a branco e um círculo inscrito: o palco ali, Rua da Graça, «atelier» **das Marionetas de S. Lourenço e o Diabo. Delas nos fala Alberto Gil, compositor, dramaturgista e responsável por esta companhia profissional cujos processos de manipulação e construção são originais e únicos.**

Criação de Helena Vaz.

Lugar geométrico

— O grupo está interesado na pesquisa de vários «modos de narrar», considerando mais interessante o modo de contar uma história do que a história propriamente dita. Essa investigação procura ter um papel de executor testamentário, tarefa sagrada de respeitar vontades expressas e descobrir o lugar geométrico das expressões.

Factor qualidade

— A recriação de elementos estéticos enraizados nas tradições populares é uma das directrizes das Marionetas de S. Lourenço e o Diabo. O grupo reclama-se duas tendências: a primeira é o retorno ao húmus da poesia popular e o uso de elementos instrumentais reduzidos para obtenção da máxima eficácia. A segunda, a anulação da fronteira entre uma cultura verdadeiramente popular e a erudita, certos de que o factor qualidade pertence a ambas.

O Judeu e Molière

— O grupo iniciou a sua actividade em 1973, adoptando o nome de «Companhia de Ópera Buffa», cuja finalidade era a de estudar a reconstituição do espírito e das características da **ópera-cómica** interpretada por cantores, músicos e marionetas. No século XVIII houve o Teatro de António José da Silva — O Judeu — toda uma obra vasta e qualificada de consagração às marionetas, uma originalidade no campo da dramaturgia. Nesta época havia três teatros de ópera séria que era importada de Itália, e também uma ópera para marionetas ou ópera buffa (no Teatro do Bairro Alto) e uma ópera-cómica. Os três primeiros eram frequentados pelas classes nobres. A ópera buffa vista pelas classes populares. Aliás a força da opereta e da revista tem origem nesse teatro que após duzentos anos de morte queremos refazer. Nas peças de O Judeu recorremos a fragmentos de partituras de compositores que para ele escreveram tais como António Teixeira. Achamos este autor tão importante como Molière. Com Gil Vicente poderia ser o outro nome português a figurar numa história de teatro mundial. É uma das nossas directrizes de trabalho.

Formas e fórmulas e um prémio

— Em 1975 montámos **A peste azul** (ópera para marionetas e cantores) e participámos no V Festival Internacional de Mixed Media, realizado em Gand, na Bélgica. Nos dois anos seguintes, e com o apoio da Fundação Gulbenkian, realizámos um trabalho de pesquisa subordinado ao tema: «Formas e Fórmulas Arcaicas do Teatro Português». Montámos **Gerinaldo** (romance tradicional português), **O Milagre das Rosas** (pantomima musical, segundo uma lenda portuguesa) e ainda **O Romance do Conde da Alemanha,** (ópera-buffa; espectáculo cujo filme obteve o prémio da RAI-77. Participámos ainda no II Poppenning Festival, 76, Bruxelas.

— Depois de **Maria Parda** (farsa musical de Gil Vicente) as Marionetas de S. Lourenço e o Diabo representaram Portugal no Puppet Theatre 79 realizado em Londres, apresentando quatro espectáculos. Este festival celebrava o cinquentenário da UNIMA (União Internacional de Marionetas) e contava com a participação de **BUN RAKU,** (Japão) **BREAD AND PUPPET,** (Grã-Bretanha) **BOLSHOI KOUKOL,** (URSS) **KARAGHOZ,** (Turquia), etc. enquanto montavam **S. João Subiu ao Trono** (peça alegórica de Carlos Amaro).

Nos anos oitenta realizámos **D. Quixote** (opereta setecentista portuguesa de António José da Silva;; **Lá nas Traseiras do Mundo** (farsa musical, segundo intrigas populares) e a **História do Soldado,** adaptada de um conto russo pelo poeta suíço Ramuz e escrita pelo lado musical por Stravinsky, em plena guerra 14-18. Trabalho estreado em Bona, na Kultur Form e de que foram recentemente apresentadas algumas récitas no Teatro de S. Carlos, em Lisboa.

Oitenta companhias trinta nações cinco continentes

— O grupo é composto por doze elementos fixos dentre os quais Alberto Gil refere: Helena Vaz, marionetista, cenógrafa e encenadora; Fernando Serafim, director musical, (cantor da companhia de Teatro S. Carlos); Carlos Passos (violino) e Artur Moreira (clarinete) suporte das partituras, (solistas em qualquer orquestra internacional). Há outros músicos, cantores e actores em regime eventual. Preparamo-nos para partir para o Festival de Charleville, cidade do norte da França, cuja organização nos seleccionou como representantes portugueses a convite do governo daquele país. É uma manifestação ligada à criação do Instituto Internacional da Marioneta, sob o patrocínio da Unesco, e na qual faremos uma participação subordinada ao tema AS TRADIÇÕES PORTUGUESAS DO TEATRO DAS MARIONETAS. Neste Festival participam oitenta companhias de trinta nações e cinco continentes. É que, como diria Peter Schuman «antes de nascer o conceito teatral já existia o teatro de marionetas.»

«— Só te peço ó D. Carlos
Que à praça não te vás gabar.

Se o meu pai vem a saber,

Ele me mandará matar.»

O jogo, a execução e seu fascínio

— Este é um género de teatro em que a acção, a simbologia e a narrativa se interpenetram, abrindo caminhos insuspeitos à leitura do espectáculo por serem transmitidos em discursos e linguagens diferentes. Aliás o Grupo sente-se vocacionado para este género. Ao transnado para este género. Ao transformar (em 1976-1977) dois romances tradicionais portugueses em ópera buffa, não anulando as regras de construção próprias de cada género, inaugurou uma linha de montagem de obras com essas características onde se vai inserir a presente **História do Soldado.** Isto porque o nosso modo de feitura nada esconde. Todos os mecanismos são mostrados. O jogo é feito de maneira a que o espectador, observando a execução, se não disperse da marioneta que mima e a que o fascínio se mantenha.

Só lhes falta a alma

— É um trabalho de pesquisa, investimento único que pode realizar-se, quando muito, de dois em dois anos, no respeitante às marionetas, à cenografia, à maquinaria de cena, à composição setecentista que utilizamos como base e se perdeu quase toda. Na verdade é que uma marioneta pode fazer coisas de que o actor não é capaz, como mudar de cabeça ou andar atrás dela, por exemplo em «Os Encantos de Medeia». Há correntes que defendem ser necessário o estudo psicológico dos bonecos porque podem ter tanta vida que só lhes falta a alma. Os gigantones ou cabeçudos são um mero esboço e não exigem tal trabalho. Um marionetista, neste grupo, necessita de largos anos de prática.

No Japão existe uma técnica de manipulação tão aperfeiçoada que a aprendizagem de uma só parte (a cabeça) demora cinquenta anos. Dir-se-á que o boneco manipulado é que manipula o manipulador.

Equívocos

Somos confundidos com um grupo de teatro para crianças, ignorado, que pretendemos restaurar o gosto pelo Teatro de Marionetas, tal como ele existiu em Portugal. Trata-se de um mal-entendido.

Na Indonésia ou na Turquia parte deste género é tradicionalmente usado com fins eróticos nos clubes nocturnos.

«Ele logo noutro dia
À praça se foi gabar.

— Dormi esta noite c'uma menina

Ai tão branquinha como um cristal.
Era D. Mariana
Filha do Conde Real.»

(excertos do texto original do romance D. Mariana, originário de Aljezur, Algarve)

A arte narrativa e os mass-media riscos de perda

— A arte narrativa encontra-se em riscos de se perder a si própria, minada, dominada e invadida por forças que não a cercam frontalmente, antes a corroem nos seus alicerces: os padrões dos mass-media, presentes envenenados que amenizam o modo de pensar e amolecem a capacidade de julgar.

O que nos impressiona é que nas aldeias se repara em pormenores em defeitos (de perspectiva, de execução), o que nas cidades não sucede tão frequentemente. As pessoas estão a embotar lentamente a capacidade de interrogação, de indignação ou ressonância ou elevação perante a narrativa. Essa capacidade está quase destruída, não porque deixe de haver histórias mas porque vai deixando de haver ouvidos.

A carroça-teatro uma ópera numa esquina

— Completando este trabalho de recuperação e de actualização das antigas formas de espectáculos, o grupo fez construir uma Carroça-Teatro com a qual, durante o Verão, percorre o interior do país, reconstituindo o espírito de itinerância e o antigo percurso do saltimbanco e das companhias de teatro ambulante. Conseguimos uma verdadeira descentralização não discriminando Trás-os-Montes ou o Alentejo. Os nossos espectáculos têm uma leitura rural e comprovámo-lo na prática. Chegámos a sítios onde não havia qualquer manifestação cultural desde há trinta anos e esta havia sido a de um ilusionista ou um funâmbulo.

Com a carroça chegamos às povoações mais recônditas. Podemos montar uma ópera numa esquina. Além de um meio de transporte ela serve de espaço cénico e bastidores. Permanecemos geralmente um mês em cada concelho e percorremo-lo. Temos pessoas que nos alugam cavalos em vários sítios do país. Aceitamos preferencialmente convites de grupos de teatro amador e de **tunas,** que são orquestras de cordas (casos raros mas que subsistem), compostas por artistas que durante o dia são, por exemplo, cavadores. Nesses locais encontramos geralmente tradições de opereta, ópera cómica e teatro musical. Os nossos espectáculos são uma espécie de encorajamento, apoio e identificação com uma forma de espectáculo que está em vias de desaparecimento. Para que a não deixemos morrer, a carroça é um meio eficaz, uma fórmula familiar integrada na memória colectiva dum povo. Com ela podemos alcançar todo um leque de público de que não disporíamos representando numa sala.

Entramos numa aldeia ou mesmo numa zona menos central da cidade de Lisboa e podemos afirmar que pessoas de todas as condições sociais acorrem ao espectáculo.

Maria Emília Correia

Vilar de Mouros: ilha ou península?

Mais do que fazer propriamente um balanço – tarefa que compete aos organizadores – interessa reflectir um pouco sobre o significado de Vilar de Mouros. O que é e o que pode vir a ser?

A palavra mais adequada para mostrar aquilo que me parece ser Vilar de Mouros, em termos psico-sociais, ou melhor, como fenómeno psico-social, é «ruptura». Ruptura num tempo e espaço bem delimitados, mas de qualquer maneira, corte com alguma coisa.

Em 1971, Vilar de Mouros foi ruptura e assumiu foros de contestação ao regime marcelista. O mito ficou. E agora, sem a referência política que existiu onze anos atrás, voltou a ser ruptura e foi intrinsecamente momento de contestação de alguns padrões e tabus sociais que fazem parte do substrato normativo do poder instituído. Em pequena escala? Certamente que sim, mas de qualquer forma, existiu. Restará saber até que ponto esta mesma ruptura será integrada no dia-a-dia dos jovens que por ali passaram.

ANTES, porém, de apreciar os aspectos psico-sociais relacionados com o projecto Vilar de Mouros, caberá dizer duas ou três coisas sobre a organização do Festival acabado no domingo.

A este nível, há uma conclusão imediata a tirar: a comissão organizadora foi fraca demais para levar a bom termo a iniciativa ambiciosa a que metera ombros. Com efeito, não só nunca existiu um colectivo voltado para o mesmo fim, como até os seus a elementos entraram em conflito aberto.

Terá havido escolhas erradas, de pessoas sem capacidade organizativa, mas o que houve foi sobretudo muito amadorismo num empreendimento que, quer pela pujança com que se anunciou, quer pela projecção que efectivamente teve, exigia profissionalismo do melhor. Em 84 será diferente, de facto, ou é apenas promessa?

Mesmo assim, creio que as falhas mais graves foram, por um lado, resultantes não propriamente do amadorismo organizativo, mas das incompatibilidades que, entretanto, se geraram no seio da comissão, e por outro lado, da inqualificável ingerência do responsável técnico do palco, Carlos Gomes, que, às escancaras, chegou mesmo a incitar o público contra a organização. Isto, para não falar nos boicotes e chantagens de que o acusa Jorge Lima Barreto, membro da comissão organizadora.

Os jovens, que estavam ali «numa boa», deixaram passar tudo. A sua festa não era só à volta do palco, era outra música, era a convivência, o estar ali longe da angústia citadina. Mas a grande perda foi sem dúvida a banda de «Don Cherry», «Old and New Dreams», que integra também, outros nomes famosos do jazz, Charlie Haden, Dewey Redman e Ed Blackwell. Segundo um elemento da organização, seriam os últimos a falhar, mas falharam e essa foi afinal de contas a grande desilusão do festival. Ainda por cima, logo no segundo dia, quando Don Cherry era ansiosamente esperado.

Ao nível das infra-estruturas mínimas exigidas, e até anunciadas publicamente para quando quisessem acampar na área, a realidade ficou aquém das expectativas criadas. Por um lado, os parques não estavam devidamente apetrechados, por outro o circuito de abastecimento de víveres foi insuficiente, deixando a maior parte das pessoas submetidas à especulação que entretanto se instalara. Para 84, aqui vai um voto: que a organização exija a presença constante de uma brigada da inspecção às actividades económicas.

Nove dias é demais

É praticamente impossível manter vivo e atraente um festival tão longo como o deste ano: nove dias é demais. Há que ter em linha de conta que não basta programar as noites, as tardes também terão de ser preenchidas.

Quatro ou cinco dias parece ser o tempo suficiente para iniciativas deste tipo: de quinta-feira a domingo por exemplo ou quando muito, dois fins de semana seguidos.

Verificou-se que, se por um lado, os programas não foram todos os dias suficientemente aliciantes, por outro as pessoas começaram a ficar cansadas. Aliás não se compreende como é que em tanto tempo de festival, com espectáculos apenas à noite, se 'esqueceram' tão drasticamente do resto do dia. O ócio, nas condições de muitos também cansa.

Teria sido interessante a promoção de determinadas actividades paralelas e, sobretudo a criação de espaços próprios para dar razão à criatividade juvenil, que é sempre muita. O espaço de liberdade e de fruição da natureza que é Vilar de Mouros transformar-se-ia, então, em espaço de criatividade também. Os jovens deixariam de ser apenas espectadores à noite. Seriam também actores, num processo de mobilização de resultados imprevisíveis, mas indubitavelmente positivos.

«Na cidade, onde é que temos disto?»

Independentemente dos falhanços organizativos que terão de ser superados nas próximas edições do festival, a importância de Vilar de Mouros poderá ser apreciada a vários níveis: qualidade dos espectáculos, relação com a natureza, relação interpessoal, fenómeno social.

Quanto aos espectáculos, Vilar de Mouros/82 foi, de uma forma geral, de bom nível, com destaque para o quarto e quinto dias, em que actuaram Sun Ra, Johnny Copeland «U2», a orquestra de Mikis Theodorakis e Saheb Sarbib. Foram os dias maiores desta segunda edição de Vilar de Mouros.

Nem sempre, porém, se assumiu a programação bem alinhada, e coerente. A este nível, o pior foi certamente a desfolhada rock 'Roxigénio'. Desequilibraram, tal como o fado de Cidália Moreira, um festival que se pretendia de 'rock' e 'jazz'.

Outro valor propiciado pelo festival é o estar ali em contacto directo com a natureza selvagem, paisagem rude e, ao mesmo tempo, sublime, no remanso do rio Coura. «Sabe bem explorar toda a zona, margem fora ou encosta acima» — expressão de alguns jovens. «Na cidade onde é que temos disto?»

Ao nível do relacionamento interpessoal, há toda uma troca de experiências e de ideias, importante para o desenvolvimento juvenil. Aliás, neste campo, sublinhe-se que a própria independência dos jovens, em termos de estruturação da personalidade, se forja, também, com iniciativas deste tipo.

O fenómeno social

Como fenómeno social, Vilar de Mouros assume características ainda mais significativas. Num país com tão poucos espaços e tempo para juntar massivamente a juventude, Vilar de Mouros é uma aldeia privilegiada.

E é sobretudo ao nível da ruptura com a cidade (de onde partiu a maioria dos jovens que invadiram Vilar de Mouros) ruptura com mitos, rotina estigmatizante, «stress», normas familiares, etc., que tal privilégio mais se manifesta.

Esta ruptura verifica-se não só na maneira de estar «não vigiada», mas também no corte que se opera com atitudes e comportamentos padronizados pela vida urbana e fundados na repressão subtil que nos subjuga.

«Desproiba-se o proibido» — pode ser o «slogan».

Outro tipo de ruptura visível, é a que se faz com a própria aldeia, com os seus mitos e tabus. Vilar de Mouros, com cerca de mil habitantes — muitos deles a verem o panorama por detrás das janelas — é também confrontada com outro tipo de atitudes que, para além de poderem abalar os seus costumes, obriga os habitantes a interrogarem-se sobre o seu próprio padrão de existência.

O que advirá de tudo isto? Que mudanças?

É evidente que os resultados não estão à vista, nem poderiam estar. Neste campo, aliás, as mudanças são lentas, muito lentas. Todavia, a não perder-se aquilo que deve ser o espírito de Vilar de Mouros, cada edição do festival poderá ser um contributo para que uma nova forma de estar, psico-sociologicamente falando, se implante a pouco e pouco.

Só assim a 'ilha' que é Vilar de Mouros ainda — ilha da concretização de um certo imaginário, ilha do descomplexo, da ruptura e da evasão — se transformará na «península» obrigatoriamente ligada à vivência urbana.

E, talvez, se consiga não só despenalizar esta vivência, mas também esbater a angústia urbana...

Suspensa fica, no entanto, uma dúvida: será a experiência de Vilar de Mouros a impor-se progressivamente sobre os padrões da vida urbana, ou pelo contrário, irão estes tomar por dentro, aquela?

Esperemos para ver.

De qualquer forma um voto: acabou Vilar de Mouros/82, viva Vilar de Mouros/84.

Luís Humberto Marcos